



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E
CONTEMPORANEIDADE
LINHA DE PESQUISA: PROCESSOS CIVILIZATÓRIOS, MEMÓRIA E
PLURALIDADE CULTURAL

BEATRIZ SOUZA LIMA DE OLIVEIRA

TRABALHADORAS DOMÉSTICAS:
EXPERIÊNCIAS DE ESCOLARIDADE E (DES)CAMINHOS
PROFISSIONAIS

Salvador

2019

BEATRIZ SOUZA LIMA DE OLIVEIRA

**TRABALHADORAS DOMÉSTICAS:
EXPERIÊNCIAS DE ESCOLARIDADE E (DES)CAMINHOS
PROFISSIONAIS**

Dissertação de Mestrado elaborada junto ao
Programa de Pós-Graduação em Educação e
Contemporaneidade para a obtenção de título de
Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^a Dr^a Kátia Maria Santos Mota.

Salvador

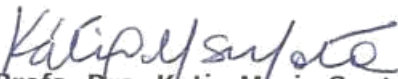
2019

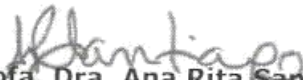
FOLHA DE APROVAÇÃO

"TRABALHADORAS DOMÉSTICAS: EXPERIÊNCIAS DE ESCOLARIDADE E (DES)CAMINHOS PROFISSIONAIS"

BEATRIZ SOUZA LIMA DE OLIVEIRA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, em 25 de setembro de 2012, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia, composta pela Banca Examinadora:


Profa. Dra. Katia Maria Santos Mota
Universidade do Estado da Bahia – Uneb
Doutorado em Estudos Luso Brasileiros
Brown University, Providence, Estados Unidos


Profa. Dra. Ana Rita Santiago
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFBA
Doutorado em Letras e Linguística
Universidade Federal da Bahia, UFBA, Brasil


Profa. Dra. Delcele Mascarenhas Queiroz
Universidade do Estado da Bahia - Uneb
Doutorado em Educação
Universidade Federal da Bahia, UFBA, Brasil

FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da UNEB
Dados fornecidos pelo autor

O48t

Oliveira, Beatriz Souza Lima de

Trabalhadoras domésticas: experiências profissionais e
(des)caminhos profissionais / Beatriz Souza Lima de Oliveira. --
Salvador, 2012.

158 fls.

Orientador(a): Kátia Maria Santos Mota.

Inclui Referências

Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade do Estado da Bahia.
Departamento de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação e
Contemporaneidade - PPGEDUC, Campus I. 2012.

1. Trabalho doméstico. 2. Mulheres negras. 3. Educação de
Jovens e Adultos. 4. História Oral Temática.

CDD: 370

A Tereza, que me ensinou a respeitar, reconhecer e valorizar o trabalho doméstico.

A todas as trabalhadoras que participaram desta pesquisa, contribuindo com suas histórias de vida que nos revelam a crueldade deste mundo pós-moderno, mas ao mesmo tempo, a beleza da luta e da resistência na trajetória dessas Mulheres Negras.

À minha mãe, Célia, que nunca deixou de me guiar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, aos Orixás e a todas as forças positivas regedoras do Universo que me ajudaram a construir uma trajetória de conquistas e superações até agora. Nas encruzilhadas da vida, abriram sempre bons caminhos e fecharam os caminhos duvidosos, enchendo minha vida de dádivas.

Agradeço ao meu filho, Kamés, a dádiva maior, que foi o maior motivador para minha chegada até aqui e que, na sua doce ingenuidade, não me deixa perder a esperança e as estribeiras em momento algum. Ao companheiro, amigo, colega de turma e, sobretudo, incrível marido, André, pelo companheirismo e apoio, pela paciência e por todo o amor e carinho que foram elementos fundamentais no dia a dia da escrita.

A meu pai, Humberto, que muito colaborou, incentivou e, como sempre, nunca apontou erros, mas sempre fez sugestões para evoluir. Agradeço a toda minha família que, mesmo indiretamente, colaborou em todo processo, dando-me alegria, carinho e muito amor: Betinho, meu irmão, compadre e amigo; Lu, amiga e *mãedra*; às minhas avós, Dilce e Lala, que são fontes de respeito, memória e valores familiares.

À Profa. Dr^a. Kátia Mota (Katinha) pelo acolhimento e dedicação, e principalmente, por nunca ter perdido a confiança em mim, mesmo nos momentos de dificuldade. Às professoras Ana Rita Santiago e Delcele Queiroz, pela aceitação do convite de participação da Banca Examinadora, pelas significativas colaborações que enriqueceram ainda mais o trabalho, pelos incentivos a ir sempre mais adiante. Ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade e a todo o corpo docente e discente, especialmente às colegas e amigas Janine, Áurea e Josinéia pelas colaborações, pela afetividade e alegrias compartilhadas. Também agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento da pesquisa.

A D. Leo, que com seu altruísmo e solidariedade, ajudou a tornar o caminho mais fácil, cuidando do meu filho com zelo e carinho para que eu pudesse me dedicar aos estudos com mais tranquilidade.

RESUMO

A pesquisa investigou as trajetórias profissionais e escolares da vida de trabalhadoras domésticas negras que se encontram na Educação de Jovens e Adultos. A atuação da mulher negra no mercado de trabalho antecede o desenvolvimento industrial, mas grande parte dos estudos feministas que se debruçaram sobre a participação feminina nas esferas produtivas, invisibilizaram a mão de obra negra feminina que era facilmente encontrada no comércio e no trabalho domiciliar. A atividade doméstica no Brasil historicamente é uma ocupação exercida majoritariamente por mulheres negras e até hoje é uma das principais oportunidades ocupacionais da população negra feminina. A seleção dos sujeitos foi precedida da aplicação de questionários cujas intenções foram identificar as trabalhadoras domésticas das turmas de EJA, seu tempo de inserção no trabalho doméstico, a interrupção dos estudos e tempo de afastamento dos bancos escolares. De todas as onze mulheres que responderam aos questionários, cinco trabalhadoras domésticas foram convidadas a participar das entrevistas. As etapas da pesquisa, inclusive as entrevistas, basearam-se nos procedimentos e princípios da História Oral Temática, que possibilita o protagonismo das atoras da pesquisa e atende à especificidade dos processos formativos escolares e profissionais nas suas histórias de vida. Após o processo de transcrição das entrevistas, durante a análise foram encontrados alguns elementos recorrentes em cada um dos relatos, a que foram classificados de categorias. Na análise das entrevistas, foi percebido que todas as participantes entram no mercado de trabalho na infância ou adolescência; a precariedade do trabalho doméstico está relacionada à precocidade da entrada das meninas no serviço doméstico, chegando a se configurar como trabalho escravo. A subalternidade marca grande parte dos relatos de trabalho das participantes da pesquisa e o trabalho doméstico impõe obstáculos à entrada e permanência dessas trabalhadoras nos bancos escolares.

Palavras-chave: Trabalho doméstico; Mulheres negras; Educação de Jovens e Adultos; História oral temática.

RÉSUMÉ

Cette recherche se propose d'analyser les trajectoires professionnelles et scolaires de la vie des femmes de ménage inscrites au programme d'Éducation de Jeunes et d'Adultes. Le travail de la femme noire dans le marché de travail précède le développement industriel, mais la majorité des études féministes vouées à la participation féminine dans les champs productifs ont rendu invisible la main-d'œuvre noire féminine qui était facilement trouvée tant au Commerce qu'aux foyers. Au Brésil, historiquement, le travail domestique c'est un métier exercé de façon majoritaire par les femmes noires et encore aujourd'hui il reste l'une des principales opportunités de travail de la population noire féminine. La sélection des sujets a été précédée de la mise en place de questionnaires dont les principaux buts étaient d'identifier les travailleuses domestiques des salles de classe de EJA, leur temps d'insertion au travail domestique, l'interruption des études et le temps d'éloignement des bancs scolaires. Parmi les onze femmes qui ont répondu aux questionnaires, cinq travailleuses domestiques ont été invitées à participer des entrevues. Les étapes de la recherche, les entrevues y comprises se sont basées sur la méthodologie et sur les principes de l'Histoire orale thématique laquelle offre les conditions de mettre en évidence le rôle décisif des acteurs sociaux de cette recherche et dans ce sens elle répond aussi au caractère spécifique des processus formatifs scolaires et professionnels dans leurs histoires de vie. Après le processus de transcription des entretiens, pendant l'analyse ont été constaté quelques éléments récurrents dans chacun des rapports lesquels sont classés de catégories. Dans l'analyse des entrevues on a pu percevoir que toutes les participantes entrent dans le marché de travail depuis l'enfance ou l'adolescence; que la précarité du travail domestique est liée à la précocité de l'entrée de ces enfants au travail domestique ce qui prend la configuration d'un véritable travail esclave. La subalternité marque une grande partie des rapports de travail des participantes de la recherche et le travail domestique crée des barrières tant à l'entrée qu'à la permanence de ces travailleuses dans les bancs écoliers.

Mots-clés : Travail domestique ; Femmes noires ; Éducation de Jeunes et d'Adultes; Histoire orale thématique.

SUMÁRIO

1	O AMANHECER DA PESQUISA	10
2	CAMINHOS TRAÇADAS NA PESQUISA	18
3	TRABALHADORAS DOMÉSTICAS: AO SER PÔR DO SOL.....	34
3.1	Tereza.....	34
3.2	Carolina.....	40
3.3	Laudelina	46
3.4	Firmina	66
3.5	Creuza	72
4	MULHERES NEGRAS: TRABALHO E EDUCAÇÃO.....	84
4.1	MULHERES NEGRAS NO MERCADO DE TRABALHO.....	84
4.2	TRABALHADORAS DOMÉSTICAS: SUJEITOS DA EJA	119
5	O PÔR DO SOL DA PESQUISA.....	140
	REFERÊNCIAS.....	154
	ANEXOS	159

1 O AMANHECER DA PESQUISA

Há um tempo, eu pensava que toda relação entre pesquisador e objeto de estudo sempre começava com a pesquisa, no trabalho de campo ou com o levantamento bibliográfico. Hoje, acredito que, para haver essa relação, deve haver antes alguma afinidade entre pesquisador e objeto, cuja construção se dá ao longo das trajetórias pessoais, políticas, pedagógicas etc.; no meu caso, trajetórias marcadas por opressões de gênero e raça, mas também por lutas e conquistas enquanto mulher e negra. Por isso, introduzo este trabalho tratando do nascer do objeto de estudo nas minhas trajetórias. Então, já que o trabalho tem como mola propulsora as histórias de mulheres negras, que tal começar pela minha?¹

Meus pais, Humberto e Célia, tiveram um casal de filhos; eu sou a caçula. Pela proximidade de idade com meu irmão – dois anos e nove meses –, Betinho, nunca gostei de que delimitassem e muito menos determinassem quais atividades, roupas, brincadeiras seriam adequadas para mim, enquanto menina e mais nova; mais tarde aprendi a chamar isso tudo de *papel social*. Para mim, não fazia diferença entre jogar futebol ou andar de patins, brincar de garrafão (brincadeira em que apanhava e batia nos meninos de igual para igual) ou de boneca, jogar *quadrado* ou brincar de escolinha...

Na infância, meus pais teimavam em deixar meus cabelos curtos, estilo *Narizinho* da primeira versão do seriado Sítio do Pica Pau Amarelo. Sempre cortavam meu cabelo em tempo de lua cheia (existe uma crença que as fases da lua interferem no volume e tamanho do cabelo) e meu cabelo já era bastante volumoso. Não usava brincos porque minha orelha inflamou quando foi furada; usava roupas largas e jogava futebol. Na visão de muitas pessoas, era quase um *moleque macho*. Uma noite, brincando de bola com meu irmão na frente de casa, dois meninos que não conhecíamos pediram para brincar. Um deles dirigiu-se a mim: “Toca a bola aí, pebói [playboy]”. Fiquei horrorizada por ele ter me confundido com um menino. Eu não queria ser um menino, nem mesmo ser confundida com um, só não gostava de que minhas brincadeiras fossem limitadas a brincar de escola ou de boneca.

¹ Este texto está parcialmente conforme o novo acordo ortográfico.

Mesmo sem saber, sempre questionava as diferenças entre os papéis sociais que ditavam para mim e para Betinho. Lembro que, quando ele fez 12 anos, meus pais deram para ele um objeto que eu nunca havia visto; tinha uma embalagem prata e laranja, parecia um doce, mas eu sabia que não era doce. Indignada, perguntei por que só ele podia ganhar aquilo e eu não. “Porque ele é menino” não me convenceu. Muito mais tarde, quando algumas memórias resolveram vir à tona, percebi que aquilo que meu irmão ganhara e eu não, tratava-se de uma camisinha. E lembrei que nem quando fiz 12, 15 ou 18 anos ganhei um preservativo. De fato, não seria uma situação muito agradável, mesmo para mim que adorava quebrar padrões.

Outra recordação que me marcou é a de Tereza. Ela foi nossa babá desde que eu era um bebê. Ela é uma mulher linda, forte, retinta, verdadeiramente uma mulher de fibra e extremamente carinhosa e cuidadosa comigo e com meu irmão. Teca, como carinhosamente a chamávamos, era analfabeta, não tinha certidão de nascimento; na verdade, ela não sabia seu nome completo, sequer sua idade. Ela ficou conosco por treze anos. Se, hoje, mesmo com todas as conquistas dos direitos trabalhistas, mais da metade das trabalhadoras domésticas vivem na informalidade, há mais de vinte anos era natural uma empregada doméstica não ter carteira assinada, direitos previdenciários ou qualquer outra forma de seguridade social.

A falta de escolaridade de Teca nunca foi um empecilho para o desempenho de suas funções. O único problema era quando ela precisava lembrar os recados, telefonemas, já que não podia anotá-los e isso até nos rendeu alguns fatos engraçados. Uma vez, meu pai já trabalhava como professor da Universidade Estadual de Feira de Santana e, devido aos trabalhos que desenvolvia com universidades no exterior, recebia muitas ligações de professores canadenses, franceses etc. Ao chegarmos em casa, Teca deu o recado que *um tal de Magali* havia ligado e pediu que meu pai retornasse a ligação. Meu pai nunca tinha ouvido falar de tal professor e foram semanas até descobrirmos, afinal, que quem ligara foi o professor Jean Marie.

Quando estava na quarta-série, ofereci-me para ensiná-la a escrever. Comecei mostrando as letras do nome dela e as vogais. Não funcionou: eu não sabia ensinar, ela não tinha paciência e o feijão estava no fogo.

Outra vez, ela havia pedido demissão por ter arranjado um emprego com melhor remuneração, ainda como doméstica. Pouco tempo depois, ela voltou a trabalhar conosco porque no outro emprego era impedida de comer até as sobras da refeição, alimentando-se apenas de ovo com farinha. Entre tantas recordações dos tempos de Teca, a memória que permanece mais viva foi a dificuldade que meus pais tiveram para não a deixar desamparada quando ela já estava cansada após tantos anos de trabalho. Não sei exatamente quantos anos ela tinha na época. Ninguém sabia, nem mesmo ela, mas pela sua aparência, já era tempo mais que suficiente para ela aposentar-se. E se cogitarmos que quase sempre as trabalhadoras domésticas começam a trabalhar muito cedo, Teca já devia ter muitos anos de serviço. Sem documentos pessoais, como certidão de nascimento e carteira de trabalho, o processo de aposentadoria de Tereza foi muito complicado.

O primeiro passo foi providenciar a certidão e Registro Geral. Não sei como conseguiram, mas na sua carteira de identidade a palavra “ANALFABETA” substituía a escrita da sua assinatura. Segundo passo: conseguir a aposentadoria. Meu pai doou uma pequena porção de terra da fazenda da família para Tereza que conseguiu se aposentar como agricultora. Tereza chegou a morar na fazenda por um tempo, por conta da fiscalização do INSS. Não sei se há algo de ilegalidade nisso, mas pior seria deixá-la desamparada, sem qualquer tipo de seguridade social.

Por todo o período em que ela ficou conosco, pela dedicação e zelo incondicionais, era o mínimo que podíamos fazer por ela. Ainda hoje a informalidade do serviço doméstico deixa milhares de mulheres em condições de vulnerabilidade e insegurança social. Após décadas de trabalho pesado, muitas trabalhadoras domésticas envelhecem sem as mínimas condições previdenciárias. Vale ressaltar que muitas conquistas de direitos trabalhistas das domésticas são muito recentes, principalmente ao compararmos essa categoria com os demais trabalhadores.

O que sempre me chamava atenção era a baixa escolaridade de todas elas. Suponho que Teca nunca tenha frequentado a escola por fazer parte de uma geração mais antiga, quando era considerado “natural” as famílias encaminharem os filhos para a escola, enquanto as filhas ficavam em casa ajudando nas tarefas domésticas para mais tarde trabalharem em *casas de família*. E no caso de famílias muito pobres, meninos e meninas são privados dos

estudos; o que os diferencia é o trabalho designado a cada um deles: as meninas geralmente encarregam-se dos serviços domésticos (dentro e/ou fora de casa) ou do trabalho na roça. As domésticas mais recentes já apresentavam um perfil diferenciado: chegaram a estudar, mas por diversas razões, abandonaram os estudos e apresentavam baixa escolarização. Alto nível de instrução nunca pareceu um critério importante para a contratação de uma empregada doméstica. Passei a me dar conta de que apenas com 14 anos eu tinha mais anos de estudo do que mulheres com o triplo da minha idade.

Estudar era algo tão *natural* que era estranho ver uma pessoa mais velha tendo estudado pouco. Minha mãe era formada em Letras Vernáculas e ensinava à noite no Colégio Estadual Governador Luís Viana Filho, nas turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Meu pai, formado em Filosofia e Letras com francês, ensinava na Universidade Estadual de Feira de Santana. Eles fundaram uma escola particular, inicialmente no centro da cidade, depois transferiram a escola para o bairro onde morávamos. A escola nunca foi uma fonte de lucro. Ao contrário, as dívidas foram se acumulando devido ao alto índice de inadimplência, mas havia uma paixão, algo para além das questões financeiras e materiais, que os incentivava a permanecer com a escola, mesmo com todos os problemas. Compreendi melhor suas razões quando fui envolvida pela Pedagogia.

Durante o Ensino Fundamental, estudei na escola de meus pais. Nunca me senti diferente dos outros colegas pela condição de *filha dos donos*. Aliás, meus pais sempre nos ensinaram, a mim e a meu irmão, a nos enxergarmos iguais, exatamente iguais a todos os colegas; e isso valia dentro e fora da escola.

Todas essas vivências e memórias tiveram grande peso nas minhas escolhas e na minha trajetória, a exemplo do curso de Pedagogia, mas acredito que a afinidade pela Educação tenha começado a partir da profissão de meus pais, ambos educadores.

O curso de Pedagogia destaca-se entre as demais licenciaturas devido à predominância feminina. Na UEFS havia pouquíssimos homens em meio a centenas de mulheres. Na nossa turma havia apenas um homem que desistiu do curso. Logo quando ingressei na Universidade passei a participar do movimento estudantil através do Diretório Acadêmico de Pedagogia *Paulo Freire*. Através do D.A. passei a perceber o comprometimento social da Universidade e

da própria comunidade universitária. A Universidade era muito mais do que um lugar para a formação profissional, era também de formação política e pessoal, consequentemente.

Pouco depois, ingressei no movimento negro universitário, Núcleo de Estudantes Negras e Negros da UEFS (NENNUEFS). Foi através do Núcleo que fiz uma retrospectiva de todos os fatos racistas que aconteceram na minha trajetória e passei a me dar conta da dimensão perversa que tudo aquilo representava em minha vida. Perceber-me e assumir-me enquanto negra abriu as portas para uma visão de mundo em que eu não precisava sentir-me culpada pelas opressões que sofria.

Em quase todas as situações de humilhação, meu cabelo estava sempre envolvido. Na escola, na rua, em casa, era sempre alvo de chacota. Como meu cabelo é um meio termo entre o crespo e o cacheado, chamavam de *capacete*. Depois passei a dar relaxamento para reduzir os cachos e diminuir o volume, pensando me livrar desses apelidos perversos, o que não trouxe bons resultados. Além da absurda queda capilar, adquiri o apelido de *cabelo de piaçava*. Não havia o que fazer; sempre alguém surgia para me ridicularizar. Se deixar natural ou alisar não resolvia o problema, então o problema *era* o cabelo!

Através do NENNUEFS, comecei a perceber que o problema não estava em mim. Aliás, não havia problema em mim. Vendo minhas colegas com seus cabelos naturais e fazendo leituras que denunciavam tudo aquilo que já acontecera comigo, acabei conhecendo a beleza dos meus cabelos naturais, sem artifícios, sem tratamentos químicos. Antes, só saía de casa com os cabelos molhados e presos, depois passei a sair com os cabelos soltos. Eu mudei, mas a sociedade não. E as chacotas tornaram-se ainda piores. Parecia que deixar os cabelos naturais quebrava todas as regras. Parecia que só aceitariam meus cabelos dentro de determinadas condições, mas que nenhuma delas permitia que deixasse de alisá-los; deixá-lo natural não era opção.

Porém a melhor arma que encontrei para enfrentar essas humilhações foi o fortalecimento da minha identidade de mulher negra, naturalmente bonita.

Os cabelos foram o primeiro passo para reconhecer-me como mulher negra. No Núcleo, as discussões sobre gênero sempre foram muito fortes e ultrapassavam as reuniões temáticas. Os membros, principalmente as mulheres, eram as próprias bandeiras de luta. Autonomia, liberdade e autoestima foram palavras que passei a exercitar depois que entrei no

NENNUEFS. Com o fortalecimento da minha identidade, passei a ter coragem e força para enfrentar os desafios, especialmente as situações humilhantes as quais eu fui condicionada a aceitar.

As discussões que envolviam a união entre gênero e raça sempre me instigavam demasiadamente. Falar, ouvir, escrever sobre *mulher negra* era falar de mim mesma, do meu lugar, de algo comum. Então resolvi falar, ouvir e escrever sobre as histórias de vida de mulheres negras na monografia intitulada *O significado social da escola para as mulheres negras: o caso das empregadas domésticas* (OLIVEIRA, 2008). A constatação de que nós, mulheres negras, sofremos triplamente com a exclusão social, devido à discriminação de raça, gênero e classe, criou em mim um desejo de pesquisar sobre a realidade de mulheres negras e oriundas de camadas populares e foi no trabalho doméstico remunerado que as encontrei. O trabalho doméstico encontra-se historicamente marcado pela mão-de-obra negra feminina e, hoje, mesmo com conquistas sociais e políticas, ainda está muito aquém do almejado reconhecimento social e da formalização da categoria, o que acentua a precariedade do trabalho e das condições de vida dessas mulheres que há séculos têm demarcado seu lugar social nas atividades de menor prestígio social.

Através das histórias de vida das mulheres entrevistadas, percebi que a escola é um importante e quase exclusivo meio de mobilidade social, ainda que esta mobilidade seja vivida apenas pelos filhos no futuro. Instigava-me o paradoxo entre a *fé* depositada na escola pelas camadas populares e a resposta da escola diante das expectativas de conquista da cidadania através dos estudos.

Agora dou continuidade à pesquisa que considero ter grande relevância social. Busco identificar as experiências de vida das trabalhadoras domésticas que afetaram suas trajetórias escolares e profissionais, bem como o sentido atribuído à escola e ao trabalho doméstico na vida dessas mulheres. Destarte, este trabalho estrutura-se da seguinte forma:

O amanhecer da pesquisa corresponde ao primeiro capítulo, introduzindo o surgimento da afinidade com o objeto de estudo e com os sujeitos da pesquisa nas minhas trajetórias.

No segundo capítulo, *Caminhos traçados na pesquisa*, retrato a minha trajetória em torno da investigação científica, abordando a História Oral como opção metodológica e a

História Oral Temática como instrumento para possibilitar o protagonismo das trabalhadoras domésticas nesse trabalho. Convido a leitora e o leitor para se posicionarem no lugar das trabalhadoras domésticas através dos seus relatos que se encontram quase em sua totalidade. Ressalto aqui a necessidade de preservar a integridade do texto, deixando-o sem cortes, como um posicionamento diante das questões que emergiram no decorrer das entrevistas. Retirá-las do texto seria negar a relevância que as próprias atoras da pesquisa deram aos temas inesperados que traziam em suas declarações.

Em seguida, no capítulo 3, *Trabalhadoras Domésticas: ao seu pôr do sol* apresento as histórias das participantes da pesquisa, buscando ratificar o protagonismo das suas vidas nesse trabalho. Tereza, Carolina, Firmina, Laudelina e Creuza (nomes fictícios) falam de suas histórias, da entrada e permanência no trabalho doméstico, das dificuldades enfrentadas e superadas, e das idas e vindas à escola, mostrando-nos os efeitos da pobreza e das discriminações sociais, raciais e de gênero, nas entrelinhas de seus discursos.

No quarto capítulo, *Mulheres Negras: Trabalho e Educação*, abordo importantes estudos de autoras reconhecidas sobre a presença feminina no mercado de trabalho como Joan Scott (1994; 2010) e Claudia Nogueira (2004), que trazem o avanço industrial como marco para a entrada da mulher nas esferas produtivas. Para o entendimento da mulher trabalhadora, especialmente, no Brasil, sustento a necessidade de vincular aos enfoques de classe e gênero, o quesito raça para dar visibilidade às mulheres negras trabalhadoras desde a escravidão (SOARES, 2006; SANCHES, 1998) até os dias de hoje (MOTTA, 1992; 1995). Através das trajetórias de Tereza, Carolina, Laudelina, Creuza e Firmina, ressalto a importância do reconhecimento da tríade raça/classe/gênero também nos estudos e pesquisas em torno da Educação de Jovens e Adultos (EJA), visto que os sujeitos da EJA, principalmente na Bahia, são negras e negros (GOMES, 2007). Intercalando ao referencial teórico, ilustro com os relatos das trabalhadoras na intenção de respaldar e ratificar as autoras e autores que subsidiam esse trabalho. A fim de demarcar o lugar das participantes como protagonistas deste estudo, destaco, ao longo do texto, as seguintes categorias de análise:

- ***Precariedade do trabalho doméstico;***
- ***Interseções de gênero, classe e raça;***
- ***Inserção precoce no trabalho doméstico;***

- *Razões da entrada no trabalho doméstico;*
- *Imagens do trabalho doméstico;*
- *Reflexos da escolarização nas trajetórias profissionais;*
- *Dificuldades na permanência na escola;*
- *Trajetórias escolares interrompidas.*

O sol se põe para dar início ao novo dia. Na última etapa, *O Pôr do Sol da Pesquisa...*, são expostas as considerações finais sobre o estudo. Acreditando que todo final de processo é o começo de outra etapa de trabalho, faço um resgate do que foi proposto desde o início da pesquisa, balanceando o que foi encontrado com as expectativas iniciais, além das questões inusitadas trazidas pelas participantes que nos conduzem ao início de novos questionamentos e, conseqüentemente, a pensar sobre novas etapas.

2 CAMINHOS TRAÇADOS NA PESQUISA

Cada um vê o pôr do sol da porta da sua casa. (Amadou Hampâté Bâ)

Amadou Hampâté Bâ foi um grande mestre da tradição oral africana. Trago essa passagem porque ela retrata a mensagem que pretendo sustentar em toda a extensão do trabalho: o lugar de onde falamos, de onde enxergamos o mundo. Pensar o lugar de quem fala é fundamental para a compreensão de todas as etapas desta pesquisa. Além de abordar o caminho da pesquisa, resgatando os objetivos e questões construídos ainda no projeto, procuro, neste capítulo, privilegiar o lugar das trabalhadoras domésticas, o lugar de onde elas falam, para fundamentar as ideias e responder as questões. Situar-me no lugar das trabalhadoras domésticas, também mulheres negras, também estudantes da noite, também mães e chefes de família, foi um desafio surpreendente e, agora, convido as leitoras e os leitores a este desafio para que possam entender cada etapa desse trabalho.

A História Oral foi a metodologia escolhida para a construção do meu caminho de pesquisa. Além das inúmeras razões que me levaram a essa metodologia, a importância que ela designa à voz dos excluídos, dos oprimidos é a principal razão dessa escolha. Assim, seguimos na trilha da pesquisa, tentando nos posicionar no lugar de quem nos fala; pensando-nos a enxergar o pôr do sol a partir da porta da casa de cada uma das participantes, percebendo as singularidades e pluralidades de suas vidas. Importante frisar sobre o limite desse posicionamento; o distanciamento necessário para fazer pesquisa que coloca em lugares diferentes pesquisadora e participantes. Aquilo que me coloca na porta da casa das trabalhadoras domésticas – antes mesmo do começo da pesquisa, ainda na militância negra, ou, antes disso, ainda na adolescência construindo minha própria identidade, através das negações – é o lugar de mulher negra. Em contrapartida, minha origem social afastou-me dos lugares socialmente demarcados para muitas mulheres negras de origem pobre, lugares como o próprio trabalho doméstico. Portanto, a questão social diferencia o meu lugar daquele que ocupa as trabalhadoras domésticas, o que, é claro, resulta em uma limitação natural de qualquer pesquisador(a). Acredito que essa diferenciação não limitou a aproximação do lugar

das trabalhadoras domésticas, uma vez que as afinidades uniram mais do que as diferenças separaram.

Além disso, a pesquisa por si exige o *novo*. A proposta inovadora da pesquisa traz o anseio por novos conhecimentos, novas formas de saber, pensar e fazer. Para desenvolver esse trabalho foram levantadas pesquisas que envolvessem trabalhadoras domésticas e suas experiências de escolaridade, no intuito de perceber se, de fato, o objeto de estudo seria algo novo no campo da pesquisa. Foram encontradas algumas dissertações que se aproximaram do tema, mas nenhuma que se relacionasse efetivamente com as trajetórias de escolaridade de trabalhadoras domésticas negras.

Um dos trabalhos de maior afinidade com meu objeto de estudo foi a dissertação de Joseane Topázio (2007), *Trabalhadoras domésticas em um condomínio de Salvador: saberes e fazeres matemáticos em suas histórias de vida*. Em seu estudo, Topázio analisa a etnomatemática realizada, mesmo sem saber, pelas trabalhadoras domésticas na rotina do trabalho doméstico. Além disso, a autora traz através das histórias de vida dessas mulheres, seus desejos de saber ler e escrever. Todas as participantes da pesquisa encontravam-se fora da escola, sendo que algumas delas eram analfabetas. Topázio também utiliza a História Oral Temática como metodologia para trazer o relato das trabalhadoras domésticas “[...] relativos às suas disposições, sentimentos e percepções sobre questões dos seus cotidianos associadas à escrita, à leitura e à matemática, emergindo nesses relatos as histórias de suas vidas passadas, presentes e futuras”. (p.28)

Outra pesquisa que contribuiu significativamente na trajetória da pesquisa, especificamente no processo de análise de dados, foi a tese intitulada “Inserção precoce de mulheres pobres no trabalho doméstico: um estudo de trajetórias”, sob autoria de Firmina Neves, que veio ratificar a precariedade e invisibilidade do trabalho doméstico, principalmente quando se trata do trabalho infantil. Neves (2008) aborda as recordações de mulheres que entraram no trabalho doméstico antes dos 15 anos de idade. A pesquisa trata-se de um resgate de experiências vividas por mulheres e que reconhece que essa rememoração do vivido enquanto (re)interpretações de significados. Comparando o objeto desse estudo com o objeto da tese mencionada, resalto dois importantes aspectos que diferenciam ambas as pesquisas. Primeiro, Neves (op. cit.) faz uma análise do trabalho doméstico exclusivamente

sob os enfoques de classe e gênero, reconhecendo o trabalho doméstico como trabalho feminino, mencionando apenas questão racial quando aborda a história do trabalho doméstico no Brasil, ocupado majoritariamente pela população negra feminina. Segundo, o enfoque do objeto de estudo se dá no trabalho doméstico infantil, ou seja, nas recordações das mulheres sobre sua inserção no trabalho doméstico especificamente na infância. Além disso, nesta pesquisa identifiquei as trajetórias de escolaridade das trabalhadoras domésticas, como também seus caminhos profissionais.

Outro estudo importante encontrado foi a dissertação de Patrícia Cappuccio de Resende (2008), *Modos de participação de empregadas domésticas nas culturas do escrito*. A autora buscou compreender as relações estabelecidas pelas trabalhadoras domésticas das suas práticas de leitura e escrita em seu ambiente de trabalho. Um dos resultados da pesquisa que colaborou tanto com o processo de construção dos objetivos quanto com o processo de elaboração do roteiro de entrevista posteriormente foi a constatação da relação entre empregada e o mundo letrado dos patrões como um importante processo formativo para a aquisição das práticas sociais de leitura e escrita por parte das trabalhadoras domésticas.

Esse levantamento de dissertações foi importante também para o conhecimento maior das estruturas das dissertações, especialmente os trabalhos cuja metodologia utilizada era a História Oral, onde há um trato específico com os dados coletados, com as histórias dos participantes da pesquisa.

Percebe-se, na pesquisa em História Oral, a centralidade das experiências, dos sentidos e significados das participantes da pesquisa, como principal fonte de dados. O caráter inovador da pesquisa torna-se secundário diante da principal particularidade da História Oral, de acordo com Alberti:

Mas acreditamos que a principal característica do documento de história oral não consiste no ineditismo de alguma informação, tampouco no preenchimento de lacunas de que se ressentem os arquivos de documentos escritos ou iconográficos, por exemplo. Sua peculiaridade – e a da história oral como um todo – decorre de toda uma postura com relação à história e às configurações socioculturais, que privilegia a recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu. (2004, p.23)

Portanto, nessa pesquisa, ao propormos o uso da História Oral Temática como metodologia, o que se busca é *privilegiar, priorizar* a voz de mulheres oprimidas pelas discriminações de cor, sexo e origem social, dar espaço para que as mulheres negras que atuam no serviço doméstico possam expressar seus relatos, contar suas histórias, seus pontos de vista, como principais fontes que subsidiam este trabalho. Para buscar essas experiências e sentidos, partimos de algumas questões centrais da pesquisa:

- Quais as experiências que marcaram a trajetória das trabalhadoras domésticas, sua entrada no serviço doméstico, as idas e vindas à escola, até seu retorno e chegada na Educação de Jovens e Adultos?
- Quais as atuais condições de trabalho e estudo vividas por essas mulheres?
- Quais perspectivas escolares e profissionais têm essas mulheres e a função social da escola diante dos projetos de vida?

Identificando as experiências das trabalhadoras bem como seus significados através das suas histórias de vida, utilizo a abordagem qualitativa. Não se trata, portanto, de um encontro entre questionamentos fechados e respostas “objetivas”, “exatas”, trata-se, sim, de uma busca pela subjetividade dessas mulheres através das interpretações de suas memórias, desejos, medos e das suas compreensões a respeito das interseções entre trajetórias escolares e profissionais passadas, atuais e suas expectativas de vida, trabalho e estudo. Para isso, a História Oral apresentou-se como a opção metodológica mais coerente com os objetivos da pesquisa.

A ideia de utilizar a História Oral como metodologia parte, conforme orientam Meihy e Holanda (2007), do projeto de pesquisa. A coerência entre a metodologia e os objetivos é imprescindível numa pesquisa e não seria diferente na História Oral. Aponto também as conexões entre as experiências vivenciadas no passado que narram as trajetórias de escolaridade e de trabalho das mulheres atoras desta pesquisa com os atuais processos de escolaridade e trabalho e seus reflexos nas expectativas de escolarização e trabalho dessas trabalhadoras domésticas. Para estabelecer esta conexão entre passado, presente e futuro – tendo a escola e o trabalho como principais categorias a serem investigadas –, a História Oral Temática aparece como o método mais coerente com os objetivos a que a pesquisa se propõe alcançar. Nesse direcionamento, o projeto de pesquisa teve os seguintes objetivos:

Geral: Investigar os processos formativos decisivos nas trajetórias profissionais, pessoais e escolares – em especial na modalidade da EJA – da história de vida da trabalhadora doméstica.

Específicos:

- ✓ Identificar as trajetórias escolares do grupo da pesquisa;
- ✓ Investigar os reflexos do papel da escola nos projetos de vida pessoal e profissional das participantes;
- ✓ Identificar as experiências de vida que contribuíram no processo de idas e vindas à escola;
- ✓ Perceber os fatores escolares e extraescolares que explicam a entrada, permanência ou evasão do trabalho doméstico;
- ✓ Registrar as expectativas futuras na vida educacional e profissional.

Por estar lidando com fatos passados, relatos de experiências vivenciadas, lembradas e sentidas por essas mulheres, a História Oral apresentou-se como a metodologia mais adequada para a pesquisa, não apenas pelo trabalho com os processos formativos nas vidas das trabalhadoras domésticas, mas, principalmente, pela centralidade designada às vozes dessas mulheres, às interpretações e sentidos dados às suas experiências e os reflexos desses processos nas expectativas futuras. Desse modo, este trabalho trata-se de uma *interpretação* sobre a *interpretação* (GEERTZ, 2008) na reconstrução do passado através dos seus relatos e memórias. Tratam-se, pois, de minhas representações – e do(a) leitor(a) – a respeito das interpretações das participantes. Afinal, não é isso a pesquisa?

Não estamos lidando com simples recordações ou meras palavras soltas carregadas de subjetividades, esquecimentos, distorções e expansões. Essas interpretações estão imersas no universo cultural das trabalhadoras domésticas e, portanto, devemos tratá-las com devido respeito e seriedade. Para compreender melhor o que essas interpretações representam, trago a redefinição do conceito de cultura por Geertz (2008), que se aplica ao universo cultural das participantes:

O conceito de cultura que eu defendo (...) é essencialmente semiótico². Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. (p. 04)

Essas teias de significados são analisadas a partir das nossas próprias interpretações. Embora Geertz (op. cit.) aborde essencialmente sobre os estudos antropológicos, seus argumentos sobre o trabalho de interpretação das culturas podem ser aplicados à pesquisa em História Oral. Aquilo que as participantes nos contaram, seus sentidos e experiências, tratam-se, segundo o autor, de interpretações de outras interpretações; representações de segunda e terceira mão, visto que somente os *nativos* (as atoras da pesquisa) fazem a interpretação de primeira mão, pois trata-se de sua cultura e de seu universo de significados.

É por serem interpretações, que é importante ressaltar o lugar das trabalhadoras domésticas como as criadoras dos sentidos; reconhecer os seus protagonismos nas suas histórias, nas suas visões e sentidos. É preciso estar atenta para escutar suas falas, entender seus significados, sem ter a presunção de achar-se dona das suas vozes. Mais uma vez Geertz (op cit.) alerta que situar-nos na porta da casa das trabalhadoras domésticas, não se trata de falar por elas, criar sentidos para suas próprias experiências.

Situar-nos, um negócio enervante, que só é bem-sucedido parcialmente, [...]. Tentar formular a base na qual se imagina, sempre excessivamente, estar-se situado, eis no que consiste o texto antropológico como empreendimento científico. Não estamos procurando, pelo menos eu não estou, tornar-nos nativos [...] ou copiá-los. O que procuramos, no sentido mais amplo do termo, que compreende muito mais do que simplesmente falar, é conversar com eles, o que é muito mais difícil, e não apenas com estranhos, do que se reconhece habitualmente. (2008, p.10)

Dessa forma, tornamos as trabalhadoras domésticas protagonistas de sua própria história e da pesquisa da qual fazem parte. O reconhecimento desse lugar das entrevistadas é imprescindível na pesquisa com História Oral, pois demonstra o respeito do pesquisador para com a visão de mundo do outro, uma vez que:

² Semiótica: ciência que estuda o fenômeno da significação.

O trabalho com história oral exige do pesquisador um elevado respeito pelo outro, por suas opiniões, atitudes e posições, por sua visão de mundo enfim. É essa visão de mundo que norteia seu depoimento e que imprime significados aos fatos e acontecimentos narrados. Ela é individual, particular àquele depoente, mas constitui também elemento indispensável para a compreensão da história de seu grupo social, sua geração, seu país e da humanidade como um todo, se considerarmos que há universais nas diferenças. (ALBERTI, 2004, p. 24)

Meihs e Holanda (2007) trazem de forma bastante transparente as etapas de uma pesquisa em História Oral e a conduta do pesquisador em cada uma dessas etapas: o projeto de pesquisa, a seleção de sujeitos, a conduta antes, durante e depois das entrevistas, o papel da entrevistadora e das entrevistadas, a análise dos dados, a transcrição, retextualização etc...

O uso da História Oral nesta pesquisa justifica-se por se transformar em um espaço para a voz dos excluídos como as mulheres, negros e pobres; minorias políticas que são invisibilizadas ou silenciadas ganham oportunidade para a voz e vez através da História Oral. Essas mulheres que secularmente foram invisibilizadas e oprimidas migram suas vozes silenciadas para escrituras autorizadas e instituídas (SILVA, 2010), neste caso, para a pesquisa com História Oral.

Françoise (1996) defende o uso dessa metodologia no trabalho com as minorias políticas, com os excluídos, cujas histórias de vida ganharam pouca atenção dentro da objetividade do campo científico. Segundo ela, a história oral torna-se inovadora pela atenção dada aos dominados e excluídos. Além disso, a história oral é inovadora por dar preferência às *histórias vistas de baixo*, atenta às maneiras de ver e de sentir, às visões subjetivas e aos percursos individuais.

A História Oral possui três ramificações: História de Vida; História Oral Temática; Tradição Oral. Passando por uma breve definição destes gêneros – já que o importante são os *porquês* e não o *quê* do seu uso, quero mostrar a razão pela escolha da História Oral Temática e, conseqüentemente, pela não escolha das demais ramificações.

De acordo com Meihs e Holanda (2007), a Tradição Oral é utilizada geralmente nas pesquisas em sociedades ágrafas, investigando minuciosamente o cotidiano, a cultura de *grupos exóticos ao conhecimento comum*. A História Oral de Vida, *a priori*, pareceu-me uma excelente escolha metodológica, mas nas orientações vimos que esta metodologia busca uma

maior abrangência possível da vida da/do participante. Como afirmam os autores: “Em particular, a história oral de vida se espalha nas construções narrativas que apenas se inspiram em fatos, mas vão além, admitindo fantasias, delírios, silêncios, omissões e distorções”. (2007, p.34)

Devido a essa amplitude da vida da participante, a História Oral de Vida foi descartada. Eram necessárias narrativas mais específicas e voltadas para o entendimento dos processos formativos da vida das trabalhadoras cujas trajetórias escolares e profissionais se entrelaçassem e tivessem algum impacto em outros aspectos da vida dessas mulheres, (família, religião etc.) e vice-versa, ou seja, as influências desses outros aspectos sobre os processos formativos vinculados à escola e ao trabalho. A História Oral Temática (HOT) mostrou-se como a melhor escolha metodológica por ser um meio de busca de esclarecimentos de situações conflitantes, polêmicas, contraditórias. A participação do pesquisador na HOT já é maior, visto que ele norteia a discussão em torno de um assunto central baseado num roteiro de investigação de onde partem as perguntas que devem levar ao esclarecimento do tema. (op. cit.)

O roteiro de entrevistas (Anexo A) abordou dois aspectos centrais da vida das participantes: Vida Escolar e Vida Profissional. A construção do roteiro atendeu às exigências da pesquisa com História Oral, respeitando a flexibilidade das questões para permitir cada participante tivesse espaço e autonomia para contar sua história do seu próprio jeito, em seus próprios termos. Desta forma, pude investigar na vida das trabalhadoras as categorias *escola* e *trabalho* desde a infância até a vida adulta, e as perspectivas futuras de escolarização e trabalho, buscando, ao mesmo tempo que uma cronologia da vida das mulheres, uma rede das relações, impulsos e obstáculos entre a vida escolar e a vida profissional.

Para abordarmos como se deu a seleção de participantes, é importante conceituar três elementos da História Oral: comunidades de destino, colônia e rede. Para MEIHY e Holanda (2007), *comunidades de destino* são pessoas com vínculos que compõem um determinado grupo, ligadas por situações e experiências comuns. A *colônia* trata-se de uma parcela de pessoas de uma mesma comunidade de destino. Se comunidade é o todo, colônia é sua primeira divisão. A rede é subdivisão da colônia; segmentos ainda mais restritos das

comunidades de destino. Nas redes, procuram-se as diferenças internas, os olhares distintos dentro de um mesmo plano.

Sendo as trabalhadoras domésticas do Brasil a comunidade de destino, a colônia são as trabalhadoras domésticas negras que frequentam turmas de EJA e a rede são as trabalhadoras educandas das turmas de 5ª à 8ª séries que foram selecionadas para participar da pesquisa.

Para delimitar ainda mais o perfil das participantes, achamos que seria mais adequado selecionar trabalhadoras domésticas em uma escola, ao invés de escolhê-las aleatoriamente. Como iria iniciar o Tirocínio Docente na disciplina Estágio Supervisionado, ministrada pela professora Fátima Urpia, no mesmo semestre em que realizaria o trabalho de campo, Fátima Urpia sugeriu que realizasse minha pesquisa com as alunas da Escola Estadual Governador Roberto Santos, a “Robertinho” como é chamada pelos funcionários e estudantes. A disciplina estava voltada para o Estágio na Educação de Jovens e Adultos e a Escola Roberto Santos seria uma das escolas nas quais o Estágio se realizaria. Como tínhamos contato com alunos e alunas da EJA, seria ideal que me aproximasse das estudantes trabalhadoras domésticas e estabelecesse o vínculo necessário para a realização das entrevistas. Entretanto, as aulas foram suspensas temporariamente devido à greve de professores (2011) e esta aproximação através do Tirocínio não se realizou.

Entrei em contato com a diretora, Lucia Nascimento, e marcamos um encontro na escola. Expliquei a proposta da pesquisa, esclarecendo que não haveria observações em sala de aula e mostrando o questionário que pretendia aplicar em algumas turmas. Muito prestativa, Nascimento deu licença para aplicação da pesquisa.

Escolhi visitar as turmas de 5ª/6ª e 7ª/8ª séries³. Acreditava que a 5ª e 6ª séries poderiam representar o recomeço da vida escolar⁴, enquanto a 7ª e 8ª séries representariam o momento de decisão entre finalizar ou continuar os estudos. Lourival, funcionário do setor

³ A Educação de Jovens e Adultos está organizada diferentemente da organização dos demais níveis da Educação Básica. A estrutura da EJA não está mais organizada em séries, mas sim, em Tempos Formativos. Entretanto a nova proposta da EJA promovida pelo Governo do Estado da Bahia em 2009, ainda não havia sido implementada na escola. Abordarei disso mais adiante, especificamente no subcapítulo *Mulheres Negras: Sujeitos da EJA*.

⁴ Na pesquisa anterior e em conversas informais com algumas das trabalhadoras domésticas percebi que a 4ª série era o limite de escolaridade antes do abandono da escola. Então, na fase adulta, ao retornarem à escola, cursariam à 5ª série.

administrativo da escola, ajudou bastante, me apresentando aos professores e alunos, orientando-me na escolha das turmas sempre com muita atenção e cordialidade.

O questionário (Anexo B) era pequeno, com perguntas objetivas que visava traçar o perfil das trabalhadoras domésticas através dos seguintes critérios: idade, cor/raça, naturalidade, religião, idade de entrada na escola pela primeira vez, idade de entrada na escola pela última vez, interrupção dos estudos, duração do tempo longe da escola, idade de inserção no trabalho doméstico.

Ao total visitei 4 (quatro) salas em busca das trabalhadoras domésticas, participantes da pesquisa, sendo que em uma delas não havia trabalhadoras domésticas ou, se havia, ninguém se declarou. Aproveito para fazer uma autocrítica: considero que talvez não tenha sido muito feliz ao abordar as alunas na sala à procura das trabalhadoras domésticas. Percebi um certo receio por parte de algumas mulheres ao assumirem sua profissão, enquanto outras prontamente declaravam-se como trabalhadoras domésticas. Foi uma falha que a aplicação do questionário tenha ocorrido exclusivamente para as trabalhadoras domésticas; tendo em vista que o trabalho doméstico, muitas vezes, é visto como uma profissão carregada de um estigma de inferioridade, talvez isso tenha intimidado algumas mulheres.

Das quatro turmas visitadas, encontrei 11 (onze) trabalhadoras domésticas que em sua maioria são negras (pretas e pardas). Todas elas concordaram em responder o questionário. O número de mulheres que se declararam *pretas* é predominante, enquanto apenas duas não declararam serem negras. No total, foram declaradas: 06 pretas, 03 pardas, 01 branca e 01 amarela⁵. Sobre a faixa etária encontrada, havia apenas 02 mulheres com idade em torno de 25 anos; 04 mulheres entre 30 e 39 anos; 05 mulheres entre 40 e 47 anos. A maioria das participantes, portanto, encontra-se com mais de 40 anos. A faixa etária durante a inserção no trabalho doméstico também chama a atenção: do total das mulheres, 07 começaram a trabalhar em *casas de família* entre 10 a 15 anos. Outras 02 tornaram-se trabalhadoras domésticas entre 16 e 19 anos, enquanto apenas 02 entraram no trabalho doméstico a partir de

⁵ Os critérios de classificação raciais são os mesmos utilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística em que são consideradas as seguintes opções: preta, parda, branca, indígena e amarela.

20 anos⁶. Como pode ser visto, com 10 (dez), 11 (onze) e 12 (doze) anos de idade a maioria já estava inserida no trabalho doméstico muito precocemente.

Todas as participantes já interromperam os estudos; algumas pararam de estudar várias vezes e não souberam afirmar o período em que ficaram afastadas da escola. As mulheres que interromperam os estudos apenas uma ou duas vezes ficaram em geral mais de uma década longe dos estudos, permanecendo até 20 anos sem estudar. De todas as mulheres que responderam ao questionário, a mais nova tem 23 (vinte e três) anos e a mais velha, 47 (quarenta e sete)⁷.

Na aplicação dos questionários, as educandas da 5ª/6ª séries tiveram um pouco de dificuldade na leitura das perguntas e precisaram da minha ajuda, enquanto que as educandas da 7ª/8ª séries já demonstraram um domínio maior da leitura e escrita. À medida que respondiam, iniciamos uma longa conversa onde algumas mulheres começaram a me contar algumas formas de opressão que sofreram no trabalho doméstico e nessas histórias as patroas eram as opressoras. Foi uma conversa informal, quando elas desabafaram os dissabores pelos quais haviam passado e demonstraram força e coragem para não permitirem que os pesares se repetissem.

Nesse momento, fiz o convite para a participação das entrevistas, expliquei e fiquei de retornar à escola na semana seguinte para conversar com as futuras participantes sobre o processo de entrevista. Assim o fiz. A proposta inicial era de escolher 4 (quatro) participantes, 2 (duas) mais jovens e 2 (duas) mais velhas, mas 5 (cinco) decidiram participar, sendo que apenas uma apresentava a menor faixa etária, com 22 anos⁸. Das participantes, três estavam na 5ª/6ª série (Laudelina, Carolina e Tereza) e duas na 7ª/8ª (Firmina e Creuza). Todas as entrevistas foram realizadas na própria escola, a pedido das participantes.

Os estudos sobre Entrevista Narrativa subsidiaram os procedimentos na coleta de dados (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002). Apesar de os estudos sobre História Oral já mencionarem os procedimentos e postura do pesquisador durante as entrevistas, as leituras

⁶ Para melhor visualização da análise dos questionários, ver Anexo C.

⁷ Lembrando que Tereza tinha 22 anos na época da pesquisa e não respondeu ao questionário.

⁸ Nos questionários respondidos, ninguém declarou ter 22 anos. Possivelmente Tereza não quis responder ao questionário ou não se sentiu à vontade para se declarar como trabalhadora doméstica, mas demonstrou interesse em participar da pesquisa quando retornei à escola para convidá-las para as entrevistas.

sobre Entrevista Narrativa vieram corroborar todos os princípios e compreensões sobre a técnica de coleta de dados. *Toda experiência humana pode ser expressa na forma de narrativa*, portanto, o *contar* história é inerente ao ser humano, independentemente do seu nível de instrução. A entrevista narrativa, portanto, implica a reconstrução de histórias e acontecimentos a partir do ponto de vista das informantes, sem intervenções da(o) pesquisadora(or). Para as entrevistas, foi elaborado um roteiro com as questões exmanentes (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002), ou seja, questões relativas ao interesse da própria pesquisadora e oriundas das leituras e da familiaridade com o objeto em estudo. O roteiro, contudo, não representou em momento algum, um esquema de pergunta-resposta, onde a(o) pesquisadora(or) impõe estruturas buscando as respostas que deseja encontrar. O uso do roteiro justifica-se, apenas, como um guia das questões esperadas. Coube a mim, enquanto, entrevistadora, na análise dos dados, ter o cuidado de traduzir as questões exmanentes nas questões imanentes, isto é, relativas aos temas, tópicos e relatos trazidos pelas próprias entrevistadas (*Ibid.*). Abordaremos essa etapa mais adiante.

Durante as entrevistas, exerci a mínima influência possível, deixando as participantes à vontade para contar suas histórias. As intervenções só ocorriam quando as participantes demonstravam ter acabado de contar suas histórias e durante suas falas apenas para encorajá-las a continuar a narração, com expressões de escuta atenta. (*Ibid.*) Por essa liberdade na contação de histórias, as participantes trouxeram uma diversidade de informações que, embora algumas já estivessem previstas, foram surpreendentes e enriquecedoras para a pesquisa.

Cada sessão de entrevista deveria durar em torno de 50 a 60 minutos. Devido às circunstâncias da entrevistadora e das entrevistadas, o tempo de duração das entrevistas não pôde ser maior: as entrevistas foram realizadas nos meses de junho e julho de 2011 quando ocorreu a greve de professores e em seguida o nascimento do meu filho. Vale ressaltar que eu estava nas últimas semanas de gestação, não conseguindo passar muito tempo sentada e, também, as sessões costumavam acontecer antes das aulas, o que não nos dava muito tempo. O local e horário das entrevistas foram escolhidos pelas próprias participantes, mas algumas vezes não conseguíamos achar um local reservado e confortável. Algumas sessões foram

realizadas na sala dos professores, outras em uma sala de aula vazia, e algumas até no pátio da escola.

As entrevistas mais longas foram as de Laudelina e Creuza. Todas as participantes se envolveram com a pesquisa, colaboraram muito com seus relatos e novas questões que traziam, porém, dentre as participantes, Laudelina e Creuza abriam as cortinas de suas vidas com paixão, furor, rancor, como se cada memória lembrada trouxesse consigo um pouco das dores e frustrações do passado, mas também o sabor das conquistas, das superações e do desejo do futuro melhor.

Com a finalização das entrevistas, dei início ao processo de transcrição, tornando as fontes orais em documentos escritos, tendo o cuidado e a preocupação de preservar as características da linguagem das atoras e a integridade dos seus relatos, para assim, passar para a etapa da textualização, baseando-me em Meihy e Holanda (2007,), onde as perguntas são retiradas para apresentar um texto limpo, enxuto e coerente (ainda que as ideias contidas neles não tenham coerência), sempre preservando as características das participantes.

A análise das entrevistas trouxe resultados simultaneamente esperados e surpreendentes. Por se tratar de análise de conteúdo, implicou, portanto, na procura pelo significado do discurso, da interpretação do enunciado através não apenas das palavras, mas também dos gestos, expressões e silêncios. A análise de conteúdo, como afirma Severino (2007), envolve a investigação do conteúdo das mensagens, os enunciados dos discursos, a busca do significado das mensagens, em que todas as formas de expressão da/o participante da pesquisa (linguagens, expressão verbal, pausas, enunciados), são vistos como fortes e indispensáveis sinalizadores para a compreensão dos problemas ligados às representações e práticas dos sujeitos. Para o autor, a análise das entrevistas descreve, analisa e interpreta todos os elementos sinalizadores do discurso identificando o que está por trás das palavras.

A análise de conteúdos ratificam o posicionamento diante dos sentidos e verdades das atoras da pesquisa. O cuidado e responsabilidade do trabalho da(o) pesquisadora(or) não permitem que suas próprias verdades e interpretações se tornem as verdades das participantes. Como foi afirmado anteriormente, tratam-se dos significados por mim atribuídos aos significados que elas dão às suas memórias. De acordo com Bardin (2002) a análise de

conteúdos exige uma observação cuidadosa na interpretação das mensagens, do que está por trás dos discursos e dos sentidos das palavras, gestos e expressões.

Cada texto foi desmembrado segundo os objetivos da pesquisa, tendo sempre a escola e o trabalho como principais elementos da categorização. A partir desses elementos foram procurados os processos formativos relacionados às trajetórias escolares e/ou profissionais na vida das atoras. Em seguida, analisamos os aspectos recorrentes em cada uma das entrevistas, unindo-os em blocos temáticos: inserção no trabalho; casos de opressão; condições da permanência no trabalho; perspectivas para vida profissional; inserção nos estudos; interrupção dos estudos; retorno ao estudo; condições da permanência na escola; perspectivas para a vida escolar.

Na verdade, durante todo o caminho da pesquisa, na construção do projeto, no levantamento do quadro teórico, algumas categorias já estavam previamente definidas, embora outras tenham surgido a partir da necessidade das participantes de expô-las em seus relatos. As categorias encontradas/construídas relacionam-se às questões e objetivos da pesquisa, enquanto outras nasceram de aspectos inesperados abordados pelas participantes. Por isso, a análise das categorias está incorporada aos fundamentos teóricos da pesquisa. Vale ressaltar que o questionário aplicado no início do trabalho de campo também contribuiu com os processos de análise de conteúdo e com a etapa de categorização. Importantes aspectos encontrados nos questionários como inserção precoce no mercado de trabalho, interrupção dos estudos, tempo de atuação no trabalho doméstico etc. foram encontrados inicialmente nos questionários respondidos pelas trabalhadoras domésticas e se repetiram nos seus discursos.

Destacamos os aspectos principais que se repetiam na vida de todas as participantes, respeitando, contudo, as especificidades de cada participante dentro desses aspectos. Partindo dos pontos comuns, construímos e inserimos as categorias de análise no terceiro capítulo, junto ao referencial teórico, destacando trechos das histórias para ratificar e referenciar aquilo que as trabalhadoras domésticas nos contam.

A obra de Yara Ataíde (2002), *Clamor do presente: história oral de famílias em busca da cidadania*, foi uma grande inspiração para a escolha da preservação da integridade do texto. A autora utiliza a História Oral, identificando as diversas trajetórias familiares e pessoais dos moradores de ruas, seu cotidiano, seus sentidos e expectativas e concepções de si

e do mundo. Ataíde, após descrever os caminhos percorridos na realização da pesquisa – delimitação das comunidades de destino, das colônias e das redes, na seleção dos participantes, o processo das entrevistas, da transcrição e textualização etc. – apresenta os relatos dos moradores de rua, conservando no documento escrito toda a riqueza de detalhes e autenticidade dos discursos.

Por conseguinte, reservo o capítulo seguinte, *Trabalhadoras domésticas: ao seu pôr do sol*, para que a(o) leitora(or) tenha contato direto com os relatos das participantes, apresentando as histórias das participantes em quase sua totalidade. Considero pertinente e imprescindível a conservação do texto por considerar que, tanto as questões previamente esperadas, quanto as questões emergentes, são possibilidades para novas pesquisas que contribuam com a transformação/emancipação do lugar social das trabalhadoras domésticas. Nas entrevistas as atoras trouxeram muitas questões inesperadas à pesquisa e à pesquisadora, mas que são demasiadamente importantes para a compreensão dos seus processos formativos, das suas realidades e das imagens de si e do trabalho doméstico. Além disso, a necessidade que elas tiveram de trazer questões imprevistas demonstra que essas questões são marcantes nas suas trajetórias, sendo assim, legítimas para a pesquisa.

Mais do que responder aos objetivos e questões propostos, o intuito maior desse trabalho, que espero que tenha sido alcançado, foi proporcionar um espaço de legitimidade para a voz de mulheres negras, autoras de suas próprias vidas, trazendo suas próprias *significações* e transformando outras, como apontou Silva (2010, p.34):

Construir uma autoria com esses traços também lhes exige movimentar “jogos” de significações já impostos as suas obras, sem excluí-los ou colocá-los em oposição, mas “sob rasura”, isto é, descentralizá-los com o reconhecimento de que um significado é flutuante e, de modo imperceptível, pela linguagem, apoia-se e se transforma em outros.

Então, encerro este momento da pesquisa para mostrar o sol da vida das mulheres negras, trabalhadoras domésticas, participantes da pesquisa, esperando que tenha conseguindo alcançar os objetivos de possibilitar o protagonismo de cinco mulheres negras, trabalhadoras domésticas, mães e chefes de família, estudantes da EJA; mais do que de encontrar respostas e

teorias, o intuito maior desse trabalho tornou-se (ou sempre foi) mostrar o sol da vida dessas mulheres.

3 TRABALHADORAS DOMÉSTICAS: AO SEU PÔR DO SOL

Tereza⁹

“Ah, depois que eu terminar os estudos, eu vou arranjar um trabalho melhor. Se Deus me arranjar um trabalho pra mim, eu saio.”

Na época da pesquisa, Tereza tinha 22 anos. Parda, mãe de 2 filhos, Júlia e Felipe que são criados pela avó materna. Tereza é a participante da pesquisa com menor idade. No momento de aplicação do questionário, ela não se encontrava ou não quis responder, vindo a se interessar pela pesquisa posteriormente. Ela afirma ter respondido ao questionário, mas não estava presente quando conversei com todas as interessadas e expliquei a proposta da pesquisa e do que se tratava a entrevista. Além disso, não foi encontrado nenhum questionário com dados compatíveis com as informações de Tereza sobre idade e tempo de afastamento da escola. Na hora da entrevista Tereza parecia não entender exatamente do que iríamos conversar, o que comprometeu um pouco o momento da entrevista.

Tereza foi a primeira a ser entrevistada, sendo realizada 01 sessão com duração de 50 minutos. Como ela tem pouco tempo no trabalho doméstico e evitava falar mais profundamente sobre suas trajetórias escolares, não foi possível obter muitos detalhes sobre sua vida escolar e profissional.

Ela afirma ter interrompido os estudos apenas uma vez e nunca ter repetido o ano escolar, o que não justifica sua colocação na 5ª/6ª séries no momento da pesquisa. Tereza parou de estudar aos 16 anos, ao ficar grávida de sua primeira filha, Júlia; com vergonha de ir para a escola de “barrigão”, resolveu parar de estudar.

Tereza se diferencia, assim, das demais participantes, a começar pelo tempo de trabalho doméstico, pois ela tornou-se trabalhadora doméstica há 06 anos, enquanto as demais têm mais de 20 anos no trabalho doméstico. Talvez pelo pouco tempo de trabalho, Tereza não demonstrou muita preocupação em procurar um trabalho com melhores condições. Antes,

⁹ Em homenagem a Tereza de Benguela, rainha do Quilombo do Piolho no atual Mato Grosso.

trabalhava como diarista, fazendo faxinas esporádicas. Agora trabalha como mensalista, nunca teve carteira assinada e ganha R\$230 reais por mês, quase 8h horas por dia (6h20-13h), mas declara que só trabalha meio turno. Comparando Tereza com as demais participantes, vejo que todas elas começaram da mesma forma: condições precárias, baixa remuneração, sem seguridade social. Tereza está apenas começando sua trajetória de trabalho e, talvez, com as conquistas de políticas públicas que as organizações de trabalhadoras domésticas vêm conseguindo, o futuro dela não seja o mesmo das demais: muito tempo de trabalho atrelado à muita insegurança social.

A entrevista de Tereza durou 50 minutos e foi realizada no próprio Colégio, especificamente, na sala dos professores.

Tereza, em seus próprios termos;

07/06/2011

Meu nome é Tereza, eu moro no Cabula, na Rua Amazonas. Nasci em Brotas, estudo no Colégio Roberto Santos. Tenho dois filhos, Felipe e Júlia. Júlia tem 5 e Lipe, tem 3 anos. Ela nasceu dia 18 de setembro de 2005. Felipe foi dia 29 de julho de 2007. Meus pais são separados; minha mãe mora aqui com meus filhos e meu pai mora em Cajazeiras. Eu moro com meu marido.

Eu tenho 22 anos. Tive Júlia com 16, caminhando pra 17. E Lipe eu tive com 18. Eu comecei a trabalhar quando eu tive Júlia. Eu sempre trabalhei como doméstica. Nunca trabalhei em outra profissão. Já parei de estudar porque eu engravidei da minha filha, aí eu tava com vergonha de vir com o barrigão pra escola, aí fechei a matrícula. Parei na 4ª série. Antes de engravidar eu não tinha parado de estudar. Eu voltei quando eu tive meu filho, aí eu não tive mais filho nenhum, só Felipe e Júlia, aí eu voltei a estudar. Aí eu peguei no estudo direto. Aí quando eu passei de ano, passei pra 5ª e 6ª. Nesse tempo entre Júlia e Lipe eu só fiquei trabalhando. Eu voltei a estudar, porque eu já tava atrasada e se eu parasse de estudar muito, aí eu ia fazer o que? Não ia arranjar trabalho nenhum porque só com estudo completo. Aí, como eu tô no Ensino Fundamental, 5ª e 6ª...

Eu comecei a trabalhar de doméstica quando eu tive Júlia, comecei a correr atrás porque o pai dos meninos, Alex, não dá nada. Mas eu me separei dele. Ele lavava carro. Não ajuda os meninos, não procura, nada. Só fez registrar e acabou. Aí mãinha se vira como pode, meu pai se vira como pode, porque o pai não dá nada. Eu tô agora com o que trabalha de gari. Júlia é toda bonitinha. Ai, eu amo aquela menina, ela é muito inteligente. Ela estuda na Engomadeira, na Municipal, primeiro colégio. Ela tá ainda, na alfabetização. Lipe não estuda; ele tá novinho ainda. Oxe, Júlia me cobrava: “Minha mãe, vá trabalhar pra senhora me dar minha coisa.” “Oh, mãe, tá difícil trabalho.” “Oh, mãe, arranje qualquer coisa”. Aí graças a Deus, de tanto ela falar isso, que Deus ouviu as preces dela que eu arranjei esse emprego. É aqui perto, no Saboeiro, lá em baixo. Ai, eu penso numa profissão pra minha filha. Dependendo dela, eu quero que ela estude muito, estude. Não quero que ela pare como eu, não. Eu quero que ela estude muito, muito mesmo, pra ela conseguir o caminho certo. Eu quero que ela seja médica, dependendo dela que ela quer ser. Mas eu quero que ela se forme e trabalhe. Eu não quero que ela fique na mesma profissão que eu. Ai, porque, às vezes, a gente pega uma patroa boa, minha patroa mesmo é ótima, não tenho o que falar deles, mas tem algumas pessoas que são exploradora, gosta de gritar, gosta de humilhar, gosta de xingar. Às vezes a pessoa não tá fazendo nada, bota alguma coisa dentro da bolsa pra dizer que roubou. É muita coisa. Eu não quero não, não quero que ela trabalhe nessa profissão, não. Graças a Deus, eu nunca tive problema assim. Eu tava tomando conta de uma velha aqui, ela é cadeirante. Ela tem problema. Era só pra cuidar dela. Aí lavava a roupa dela, tudo direitinho. A mulher dizia que eu não fazia nada. E eu fazendo, cuidando dela, viu? Era assim: “Oh, D. Lia, você quer o que?” “Ah, eu quero isso. Você não sabe fazer não? Você não sabe fazer não?” “D. Lia, quem não sabe fazer um suco de maracujá? Peraê, haja paciência!” Ah, eu me retei com ela. Eu disse: “Eu não fico mais com a senhora não.” E ela pagava R\$200,00! E me tratava mal, viu? Me tratava muito mal. Eu só fiquei quatro dias lá!

Ah, eu já passei por situação chata no trabalho. Com essa mulher, com a senhora. Ela ficava dizendo que eu não sabia cozinhar, e eu cozinava pra ela. Porque ela não podia comer sal. Porque eu acho assim: “Se a senhora não pode comer sal, não é pra botar sal, né isso?” Não bota. “Ói, minha comida é separada, não bote sal.” O marido dela chegava e dizia que a

comida tava ruim porque tava sem sal! Se quando eu cozinhava pra ela e o marido! Aí eu tasquei... não é pra *picar-lhe* sal? Piquei-lhe sal. “Hum, como a comida tá gostosa!” “Tá mesmo?” Piquei-lhe sal. (risos) Pois minha filha, eu não passo humilhação. E ela é negona! Ela é negra! Parece assim, todas preta, não tenho preconceito, mas todas preta são ignorantes. Falei na cara dela. Ela falou: “Ah, você tem preconceito!” Não é preconceito, porque eu acho assim: “Se eu tô aqui é pra trabalhar pra senhora”. Eu acho que se eu tava ali pra ajudar ela e ela pra me ajudar. Mas, não deu certo. Ela ainda queria que eu lavasse a roupa do marido dela que é pedreiro, de massa, trabalha de massa, com cimento! E se eu ferir minha mão toda? E aí, ela vai pagar remédio? (risos) Ah, ela não gostou que eu falei isso não. Aí ela falou arranjou outra. Se você não me quiser, chega e diz: “Ó, Tereza, não dá mais, você não quer fazer isso pra mim, isso, isso e isso. Eu vou arranjar outra.” Não. Ela arranjou outra eu fazendo comida pra miser... (miséria) pra mulher. (risos) E ela é cristã, viu? Eu fazendo comida pra ela na cozinha, ela chamou outra pra ficar no meu lugar! (expressão de indignação). Sem falar comigo nem nada. Esse emprego é insuportável. O único que eu não gostei foi dela, o resto foi todo ótimo.

Ah, meu trabalho hoje em dia é ótimo. Eu tomo conta de um menino de 7 anos, eu limpo a casa, lavo os pratos, mas não lavo roupa. Acho que ela não gosta. Cozinho só pra ele. Tem 3 pessoas. Eu tô trabalhando lá faz um mês. Antes disso eu trabalhei em casa de família também. No último, fiquei só dois meses. Nunca fiquei muito tempo trabalhando em algum lugar, só período pequeno. Não tenho carteira assinada, nunca trabalhei de carteira assinada. Tá limpinha ainda. Ah, mas eu quero! Não recebo férias, porque eu não trabalho com carteira assinada, porque eu só pego meio turno. Pego de manhã, largo de tarde, meio dia, uma hora da tarde, entendeu? E é R\$230,00, mas dá pra me sustentar. Eu não sei se vou continuar trabalhando como doméstica. Depende. Se vier outros melhores. Tem que subir um pouquinho na vida. O trabalho nunca me prejudicou não, porque eu levava o livro pra estudar. Também nunca tive dificuldade de seguir nos estudos por conta do trabalho. Só quando eu tava grávida dos meninos. Saí quando eu engravidei, por isso eu tô atrasada.

Ah, eu sonho ter outra profissão. A depender de tudo assim, eu quero trabalhar em loja, em farmácia. Ah, lógico que eu quero passar no vestibular, fazer uma faculdade. Quem não sonha

com isso?! Peço tanto a Deus pra passar. Só passei em uma disciplina, perdi em todas. Só passei em Geografia. Perdi em todas, eu não sei se eu passo em Inglês, não. Quem sabe se vai dar pra recuperar, só Deus né? Eu nunca tinha perdido de ano. Só em recuperação. Toda vez que fazia recuperação, passava. Fazia recuperação, passava. Era assim, eu sou assim até hoje. (risos) Toda vez que fazia recuperação aí: “Tereza, tá passada.” “Tereza, tá passada”. Era assim, mas eu passei direto. Só recuperação, só recuperação e eu passava.

Assim, eu nunca ganhei salário alto, porque todas as pessoas que me chamava era pra fazer uma faxininha e pronto; aí cuidava de alguém; era duzentos, era trezentos.. Se fosse pra escolher um trabalho na loja ou como doméstica, eu ia escolher a loja! (risos) A loja, porque mexe no computador, é bom que a pessoa conversa, tem mais educação. *Causo* doméstica (expressão de desgosto) (risos), não quero doméstica mais não. Só essa daí que, graças a Deus, que essa daí tô me dando super bem, educados. E mora em apartamento né?! (conotação de surpresa) Porque diz que quem mora em apartamento são mal educados. Felipe, ele estuda no Colégio Parque, eu levo ele. Eu fico com ele 6 (horas) e 20. Fico com ele de manhã. Quando chega de tarde, levo ele pra escola, aí boto ele na escola, venho direto pra casa.

Quem arranja trabalho pra mim é minha vizinha, eu peço a ela e ela arranja. Mas tinha uma vizinha minha que a patroa dela queria pra dormir, mas eu não posso dormir, porque eu tenho estudo e eu tenho a minha casa pra cuidar. Eu nunca trabalhei pra dormir, mas já arranjei um bocado. É ruim pra mim porque eu estudo e tenho a minha casa pra cuidar. E é pra todo final de semana aparecer em casa. Aí fica muito difícil. Se não fosse isso, eu dormia! Dormia, porque é salário, é carteira assinada e tem tudo. Que é medicamento, tem tudo que quiser. Porque no meu trabalho, eu saio uma hora da tarde. E quando é esse trabalho pra dormir assim, não tem horário de chegar e de sair, não. Geralmente quem pede pra dormir, é porque é pra babá mesmo e também pra cuidar de idosos. Já cuidei de idosos, do meu avô.

Mãe trabalha de doméstica. Mãinha já foi *classe*... como é? Não sei o que de classe (auxiliar de classe). Que ensina crianças, não sei o que. Ela ensinava. Mas não sei porque parou. Mãinha trabalhou na empresa Alimba, ela já trabalhou em tantos lugares. E hoje em dia ela tá trabalhando de doméstica e leva os meninos pro trabalho. Ela dorme no trabalho e os meninos

dorme no trabalho, também, porque a mulher gosta deles. Acho que a mulher não tem filho não, aí gosta deles. Quando ela não tá no trabalho, fica aqui na casa dela, hoje mesmo ela tá aqui. Ela hoje tá aí. Ela leva Júlia pra escola. Se eu tô trabalhando, não tem nem como, entendeu? Quando eu não trabalhava, quem levava era eu. Aí como eu tô trabalhando, agora quem leva é ela. Meus pais estudaram. (Acena que não com a cabeça para afirmar que a mãe não trabalha com carteira assinada.) Assim, não sei se ela ganha o salário mínimo, não. Eu tô por fora. Do jeito dela não deve ser não.

Dos direitos de doméstica, eu só ganho o salário. Só os duzentos e trinta. Só isso. Mas nesse trabalho tem só um mês. Nos meus trabalhos já fiquei dois anos no trabalho. Tive férias, tudo direitinho, o dinheiro direitinho. Graças a Deus, nunca falta não. Dos trabalhos que eu tive eu saí porque, um a moça tinha ido embora, aqui porque a mulher queria me pagar muito pouco, cinquenta reais. Cinquenta reais pra cuidar de casa, cuidar de neto, lavar roupa, cozinhar, cinquenta reais! Aí é exploração né? Aí eu saí. Aí teve a outra que era cristã e queria me explorar também. A única que peguei foi essa daí, boazinha ela.

Ah, Felipe diz que quando crescer, ele quer ser polícia. Toda vez quando a polícia passa, ele dá legal. (risos) E Júlia fala: “Ah minha mãe, quando eu crescer eu não quero ser igual a senhora, não. Não quero ter filho. É leite, é Nescau, é biscoito! Ah, minha mãe, eu não quero isso pá mim, não” (risos) Ela disse que não quer ser igual a mim. Eu digo: “Ah, minha filha. Sonhe assim mesmo!” Só vendo.

Ah, depois que eu terminar os estudos, eu vou arranjar um trabalho melhor. Se Deus me arranjar um trabalho pra mim, eu saio.

Carolina ¹⁰

“O que me fez voltar a estudar foi querer sair desse trabalho em casa de família; ser independente. É trabalho, mas eles não dá valor ao que a gente faz.”

Carolina ou Tati (como ela prefere ser chamada) encontrava-se na 5ª/6ª séries, da mesma turma de Tereza. Na época tinha 34 anos. Depois de Tereza, ela é a mais nova do grupo de participantes. Mulher de pele preta, muito engraçada, parecia estar um pouco embriagada na entrevista. Tínhamos combinado dois encontros, mas depois ela se recusou a participar da última sessão. Tem uma filha, é chefe de família e sustenta a casa e o marido desempregado com o dinheiro das diárias. Saiu de casa e começou a trabalhar como doméstica ainda na infância, onde tinha que cozinhar, limpar, lavar e tomar conta de outras crianças. Encontra-se no mercado de trabalho há 25 anos, sem considerar o tempo em que era obrigada a se abster dos estudos para trabalhar na lavoura como os irmãos. Trabalhou pouquíssimo tempo com carteira assinada e só agora uma das patroas está contribuindo com o INSS. Como muitos sujeitos da EJA e também como muitas trabalhadoras domésticas, Carolina saiu do interior rural para trabalhar na “cidade grande” em *casa de família*. Ainda em Castro Alves, ela tinha que conciliar a escola com o trabalho na roça, sendo este muitas vezes preterido, visto que o pai não queria que os filhos estudassem para trabalhar. Vindo para Salvador para trabalhar como doméstica, Carolina viu-se mais uma vez impedida de frequentar a escola, também devido ao trabalho. Como muitas trabalhadoras domésticas que dormem no emprego, Carolina não tinha carga horária diária fixa, ou seja, não era determinado horário de “saída” do trabalho. Além disso, as próprias patroas impediam sua ida à escola. Dessa forma, a frequência à escola dependia da vontade e disponibilidade dos patrões.

A entrevista de Carolina durou 50 minutos e foi realizada no pátio da escola. Tínhamos combinado realizar uma 2ª sessão, mas ela não quis mais participar e sua vontade foi respeitada.

¹⁰ Em homenagem a Carolina Maria de Jesus, mulher preta que catava papéis e veio a se tornar escritora, compositora e poetisa.

Carolina, em seus próprios termos:

12/07/2011

Nasci em Castro Alves. Eu tenho 34 anos. Nasci em 1977. Meu apelido é Tati porque eu fui trabalhar na casa de uma mulher, ela dizia que meu nome era feio, Carolina, aí ela botou Tati. (risos) E ficou Tati mesmo. Todo mundo me chama de Tati. E Tati é mais bonito que Carolina.

Minha família... Minha mãe tem sete filhos, arranhou marido, morou com ele, mais de dez anos, uns quinze anos, mais ou menos. Depois ele teve problema de próstata, caiu doente, deu câncer, aí morreu. Depois que meu pai morreu... E meu pai era daquele que eu não gostava. Nunca gostei de meu pai porque ele me batia muito. Minha mãe é analfabeta. Trabalha lá na roça mesmo. Sou de junto da mais velha, depois de mim tem mais dois mais velhos do que eu. Cheguei a estudar, mas lá não aprendia nada porque quando pai era vivo, pai não queria que a gente estudasse, queria que a gente trabalhasse. Com sete anos, ele tinha que botar a gente na roça pra trabalhar. Se a gente não fosse trabalhar, tinha que apanhar. Aí eu dava graças a Deus que eu ficasse logo de maior pra poder me picar no mundo. Mãe dizia: “Se tu for embora, tu vai chorar”. Eu dizia: “No dia que eu cair no meio do mundo, ninguém mais vai ver minha cara.” (risos) Aí vim pra cá eu ia fazer onze anos. Tô aqui até hoje. Trabalhei esse tempo todo, consegui comprar minha casa, vai fazer cinco anos agora. Juntou eu e meu marido e comprou. Sou casada, vou fazer cinco anos com ele. Morando junto, né? De namoro, tem mais de catorze. (risos)

Eu vim pra cá ia fazer onze anos. Vim pra cá porque tinha que trabalhar. Eu trabalhava, mandava dinheiro pra mãe, pra ajudar ela e meus irmãos. Eu sempre trabalhei de doméstica; já passei por mais de dez casas. Comecei com 11 anos. Eu vim de lá pra cá com 10 anos pra cá pra tomar conta de três capeta que, quando subia no prédio, chegava a sacudir as escadas (risos). A mulher era pobrinha também, não tinha nada. Era pior do que a casa da minha mãe. Não tinha nem lugar de dormir. Aí eu trabalhava na casa dela, minha colega trabalhava na casa da mãe dela, aí eu ficava na casa dela durante o dia e de noite eu ia dormir na casa da mãe. Se não tinha lugar de dormir! Entrava 6h30 da manhã, saia 6h30 da noite e pra dormir, quem dorme no trabalho não tem hora de dormir, principalmente quem toma conta de menino.

Oxe, às vezes dava 10 horas, os menino tava lá, eu tomando conta dos menino. Tinha um de três, um de quatro, a menina de cinco. Muito danado os menino; capetinha. Eu era novinha também. Eu fazia tudo dentro de casa. Lavava, passava, mas as comidas simples, simples, igual de lá do interior mesmo: arroz, feijão, galinha. Não era muito cansativo, porque naquela época eu mais brincava. Hoje em dia, já pede mais coisa que antigamente. Hoje em dia tem muitas coisas, as patroas hoje são muito exigente. Antigamente não era assim não. Essa casa mesmo que eu trabalhei, que eu trabalhei em duas casa que eu levei cinco anos, era uma pessoa boa, a patroa era muito, muito boa. Naquele tempo era *mirréis* né? Mas não chegava a ser um salário; pagava menos do que um salário. Tinha folga só no domingo. Sábado trabalhava o dia todo. Tem casa ainda que tem que trabalhar o dia todo! Essa casa mesmo que eu trabalho dia de quarta, ela tem uma babá mesmo, oxe, que trabalha de domingo a domingo! Ela não dá folga. Ela (babá) pede a folga e ela (patroa) diz que não tem direito de dar folga, não. Leva a menina pro restaurante, começa a comer e beber e a menina fica tomando conta dos capetinha. Não quero mais trabalhar pra cuidar de criança não, já basta a minha. A minha dá muito trabalho e não tenho mais paciência (risos). Não tenho paciência mais com filho de ninguém.

No primeiro trabalho, eu acho que levei uns dois anos. Depois a amiga dela e tomou eu dela, me mandou sair de lá e me mandou pra casa dela. A amiga dela mandou eu trabalhar lá, fez uma proposta pra me pagar mais, aí eu saí do trabalho e fui pra casa dela. Também tinha três meninos. Era a mesma coisa, só que lá pagava mais. O dinheiro que eu ganhava, mandava todo mês pra mãe, comprava roupa e sapato e mandava o resto pra mãe. Na folga, dia de domingo, saía com as meninas pra passear, minhas colegas que veio do interior. Tinha um bocado de menina que trabalhava lá que veio do interior. Todas trabalhava de doméstica. Até hoje trabalha. Eu ainda tenho contato com elas. Ah, elas já se formaram, todas elas já se formaram. Teve uma colega mesmo que entrou na 1ª série comigo. Ela se formou e eu fiquei (risos) na 1ª série, eu tinha 19 anos (tom de incerteza) Uma tá em São Paulo, tem duas em São Paulo, duas em Feira (Feira de Santana). Em São Paulo paga melhor do que aqui. Uma diarista lá em São Paulo é 70 reais, 80 reais. E aqui quer pagar 30 e acha que tá caro. Aqui paga 30, 45, às vezes 50. Dá 50 reais com transporte; a faxina fica 45.

Olha, quando eu parei de estudar a primeira vez foi logo quando eu vim do interior. Cheguei aqui quando eu comecei a trabalhar, ninguém queria que eu fosse estudar. As patroa naqueles tempo não era osso de se roer, não queria que eu estudasse. E não tinha quem ficasse com os meninos de noite. Trabalhava e dormia no trabalho. Não tinha filho, eles só chegava tarde, não tinha como estudar. Eu queria estudar, mas quando eu fui estudar mesmo eu já tinha uns vinte anos. Depois que voltei a estudar, só interrompi quando eu ganhei nenê, em 2007. É uma menina, Letícia, vai fazer quatro anos, sábado. Já começou a estudar esse ano. Tá no Maternal I. Não quero mais filho, não. Deus é mais! Só essa e acabou. Se eu pensasse que eu pensava hoje eu não teria tido filho. Já fui parir tarde por causa disso mesmo. Quando eu pari tinha trinta e um anos. Dos planos pro futuro dela, aí quem vai fazer é ela. Se ela for uma menina inteligente e quiser estudar pra não precisar ir pra casa de família igual a mãe. Vou pagar colégio pra filho trabalhar na casa dos outro nada! Porque não presta, não tem garantia, não tem futuro. A gente trabalha o tempo todo, não tem direito a nada. Eu não trabalho de carteira assinada. Quando eu trabalhei de carteira assinada, eu levei cinco anos, a mulher assinou minha carteira e só pagou uma parcela, não pagou nada. Quando eu fui ver, tava sem pagar o tempo todo. Cinco anos! E ela descontava todo mês do meu salário. Ela descontava do meu salário e não pagava o INSS. Quando eu fui ver já era tarde demais né? Eu ia correr atrás mais disso? Ela não ia pagar também porque na época ela saiu do trabalho. Agora ela tá de boa. Levei cinco anos no trabalho, saí de lá com uma mão na frente, outra atrás. Não tinha direito, antigamente a gente não sabia nem o que era direito, ah se fosse hoje! Ela mesma me mandou embora sem receber nada. Eu tinha meus vinte e um anos. Depois, arranjei outro trabalho, levei mais cinco anos. Aí esse daí, depois de dois anos, ela mandou eu estudar. Quando eu comecei a trabalhar lá, a filha dela tinha um ano, ia fazer um ano. Eu pedi a ela pra estudar de noite, aí ela pediu lá no trabalho pra sair mais cedo, aí eu comecei a estudar. Mas sempre estudava, estudava e parava. Foi mais de cinco vez que parei de estudar e voltei. Chegava no meio do ano, parava de novo. O que me fez voltar a estudar foi querer sair da casa dos outros; ser independente. Sair desse trabalho em casa de família. É trabalho, mas, eles não dá valor ao trabalho que a gente faz. Uns até dá valor. As outras não. Voltei a estudar pra me formar e ter um trabalho melhor. Não tenho em vista outro trabalho, não, mas todo

mundo sonha em ter uma profissão melhor. Meu sonho é ser advogada. Quem sabe um dia eu não chego lá?

O que me levou a voltar a estudar foi aprender a ler. E ainda é difícil, viu? Essa 5ª série é difícil viu? (risos) Se é importante? Claro que é! Oxe, oxe, oxe. Quem é que não quer saber ler? A pessoa chegar no lugar não sabe ler nada, dar um papel ali pra ler, a pessoa não sabe de nada. No trabalho, às vezes tem que anotar um recado, às vezes manda anotar um recado; a pessoa que não sabe ler, não sabe anotar o recado. Aí vai complicar ainda. Tem trabalho que a gente vai trabalhar que eles pede o segundo grau. Como doméstica! Já chegaram a me pedir. Oxe, tem muitos aí que pede o segundo o grau. Quem sai muito de casa, deixa as empregada em casa, às vezes quer recado, tem gente que liga muito, aí tem que ter o segundo grau, pra quando anotar o recado, não anotar errado. Já perdi trabalho umas duas ou três vezes porque não tinha o segundo grau. Inté no jornal dá pra ver! Você pegar o jornal agora você vê. Inté de babá tá pedindo segundo grau. Imagina! Pra cozinhar tá pedindo segundo o grau, imagina de babá! Que é que vai fazer? Lavar cocô (risos) Pra lavar cocô precisa de segundo grau. A pessoa hoje sem o estudo não é nada né? O que uma pessoa sem estudo vai fazer pelo amor de Deus? Eu nunca estudei durante o dia, só à noite. É, que quando eu comecei a estudar não pegava mais de manhã, não. Eu acho que tinha vinte anos quando eu comecei a estudar.

Dos meus irmãos nem todo mundo voltou a estudar. Eles tão melhor do que eu, tudo bem de vida. Mesmo os que não estudaram. É, meu irmão caçula estudou até o segundo ano. Ele trabalha numa lanchonete, agora já botou uma oficina pra ele, tem um carro, tem uma moto, tem sua casa própria, tudo dele. O outro estudou até a 7ª, trabalha lá no mesmo local que ele trabalha, mas é na parte do banheiro, de limpar banheiro. Mas tem a casa dele, toda arrumada, tem a moto dele também. O resto foi tudo 3ª série. Lá no interior todo mundo tá bem de vida, tem seu carro, sua moto. Só não tem é porque não quer. Aqui em Salvador, tem uma irmã também, Lurdes. Ela também trabalha de diarista. Estudou até a 7ª série e parou. Começou a estudar o ano passado e parou no meio do ano, com preguiça de vim pro colégio (risos).

Ah, tem uma hora que quando a pessoa chega do trabalho cansada de noite, não dá vontade de ir não. Vai quem tem coragem. Oxe, tem dia que eu falto é a semana toda! Semana passada

mesmo só vim um dia, segunda-feira. O que me dá força pra vim pra cá é a vontade de aprender a ler mais né? Vê se eu saio dessa série *goguenta* (horrível) (risos); terminar esse resto de ano logo. Eu não pretendo parar de estudar não viu? Quero continuar. Eu tô fazendo a 5ª e a 6ª série, depois vou fazer a 7ª e 8ª. Depois vou continuar. Se eu alcançar o segundo ano (tom de incerteza). Ai Jesus! A gente tá no mundo que a gente sabe o dia de hoje, não sabe o dia de amanhã. A gente sai não sabe nem se volta. Tanta coisa que acontece.

Quando eu tava grávida eu tava estudando. Aí parei... Aí depois quando a menina cresceu mais, que o marido saiu do trabalho, agora ele fica em casa com ela, aí eu voltei a estudar. Que antes ele trabalhava de noite. Agora ele tá em casa e ele fica com ela. O nome dele é José Edson. Ele ajuda, lava, cozinha. Tem que fazer as coisas dentro de casa! Se tá sem fazer nada!

Eu trabalho em três casas. Eu sou diarista agora. Mudei porque eu não tava achando pra ir direto. Trabalhando num lugar só é melhor porque assina a carteira e de diarista não assina a carteira. Aí nessa casa que eu tô trabalhando, ela tem uma filha, eu só vou no dia de quarta-feira; o outro é um homem só, eu vou dois dias; o outro eu vou mais dois dias. Juntando tudo dá um salário. Tem um que eu gosto mais né, que sai cedo. O que eu vou dois dias, é ali depois do Iguatemi, sobe o Caminho das Árvores, onde fica ali o Costa Azul. Ali no Costa Azul, eu vou dois dias. Além desse do Caminho das Árvores, tem o do fundo do Bom Preço do Iguatemi e outro é lá na Barra, na passarela da Barra. Eu trabalho de segunda à sexta. Faz tudo, lava, cozinha, passa, faz faxina. E dou conta de tudo. Tem que se virar em dez. No final do dia também tô acabada. (risos) Bota acabada nisso, pra chegar em casa e ainda cuidar de menino, pentear cabelo de menino, vim pro colégio...

No trabalho, eu nunca tive problema não. Pra eu continuar a estudar, a única dificuldade pra mim é só se meu marido arranjar um trabalho pra trabalhar de noite, que aí eu vou ter que arranjar alguém pra tomar conta de minha filha. Se ele arranjar um trabalho pra trabalhar de noite, aí se ele for trabalhar de noite, aí eu vou ter que pagar alguém pra tomar conta de minha filha, é capaz até de eu desistir. Ele tá procurando trabalho. Tinha uma pessoa que ficou de dar uma resposta agora dia 15. Quem sabe se vai dar certo? Ele estudou até a 4ª série. Não quer estudar; eu matriculei ele de noite aqui, mas ele não vem cá. Ele não quer. Na hora eu

mando ele vim estudar, ele diz que não vai não. Ele parou de estudar porque ele também começou a trabalhar cedo.

Eu entrei, parei, chegava no meio do ano, parava. Entrava e parava, entrava e parava, entrava e parava. Todo dia ia pro colégio, chegava na hora, eles (os patrões) não chegava no horário do colégio, sempre chegava atrasado, aí eu cheguei e desisti. Agora se levar um mês, duas semanas sem vim pro colégio, eles cortam logo. (O Colégio) Corta, se não vem. Dez falta no colégio, eles cortam logo a matrícula. A lista de presença direto. Eles tira a vaga de quem não quer e bota quem tá querendo estudar. Pro meu futuro, eu imagino uma coisa melhor, não como doméstica.

Carolina não quis participar da 2ª sessão da entrevista.

Laudelina¹¹

“Se eu estudasse, eu seria advogada. Uma belíssima advogada!”

Mulher negra forte, mãe de dois filhos, chefe de família, lutou muito para poupar os filhos de uma vida difícil como foi a dela. Hoje tem orgulho de dizer que seus filhos só trabalharam por opção – não, por obrigação – e sempre puderam priorizar os estudos. A trajetória escolar de D. Laudelina foi interrompida devido à pobreza, à fome, à falta de assistência familiar e da escolar e de afeto. Afirma que não conseguiu ir a diante nos estudos, pois no ambiente familiar não encontrava ajudava; o pai alcoólatra investia o pouco que ganhava no vício e a família já pobre passava fome. De barriga vazia, Laudelina ia para escola com fome; na escola, as professoras a discriminavam por ser órfã de mãe e muitas vezes, a merenda escolar lhe era negada. Em suas falas indignadas e emocionadas, Laudelina demonstra que a falta de alimento e de afetividade foram as duas principais causas de abandono da escola. Laudelina sonha em escrever um livro contando sua vida e aproveita a entrevista para ser autora de suas próprias histórias. Não foi preciso fazer muitas perguntas; ela sabia o que queria dizer e o que tinha que dizer. De todas as participantes, a história de Laudelina foi a que mais me comoveu e me emociono a cada vez que leio. Ela fala muito das explorações a que foi submetida, mas não deixa de ressaltar o quanto ela lutou para ver a vida melhor hoje em dia.

As entrevistas de Laudelina duraram 116 minutos; cada sessão durou 58 minutos. A primeira sessão foi realizada no pátio da escola, e na segunda, encontramos uma sala de aula vazia.

Laudelina, em seus próprios termos:

10/06/2011 (1ª sessão)

19/07/2011 (2ª sessão)

¹¹ Em homenagem a Laudelina de Campos Melo, ativista sindical, lutou contra a discriminação racial e contra a exploração das trabalhadoras domésticas.

Ó, eu nasci aqui em Salvador mesmo. Sou nascida aqui, eu tenho 4 irmão, não tive mãe, fui criada com meu pai e com os avós. O que mais? Na verdade, eu não conheci minha mãe. Não foi muito boa minha adolescência. Não foi muito boa porque uma adolescência já sem mãe já não é muito bom. E o que mais? A outra parte é o que? Meus irmãos? Tem cinco. Eu sou a mais velha. Minha irmã morreu, tem mais ou menos uns três anos. Aí ficou só 4, comigo. Minha mãe não morreu. Eu nem conheci. Na verdade, eu nem conheci. Foi meu pai que cuidou da gente e minha avó. Por parte de pai.

Eu comecei a estudar na adolescência, logo cedo, eu fui pra escola cedo, tudo normal. Só que quando você não tem família... não tem assim um acompanhamento com os pais, aí não tem aquele encanto. É difícil, porque eu não aprendi nada porque não tinha aquela pessoa que cuidasse. Porque não é só você colocar uma criança e dizer “Vá pra escola!”. Você tem que dar assistência, você tem que dar roupa, dar sapato, dar alimento, não é isso? E também cuidar dos estudos dessa criança. Quando você não faz isso, aí fica difícil, porque isso não existe: você simplesmente colocar um filho no mundo e depois não dar assistência nenhuma. Quer dizer, dar assistência e não dar porque não é uma casa que a criança precisa, mas precisa de um acompanhamento da família, de uma assistência mesmo que a criança precisa né, pra poder desenvolver bem. Mas eu não tive isso. Desde minha infância eu tive dificuldade na escola. Tive muita dificuldade, porque realmente, a família... Meu pai não estudou. Ele morreu tem uns quatro anos. Meu pai era pedreiro, trabalhava de pedreiro, mas meu pai também se aposentou logo cedo porque ele teve problema, quando criança, ele teve febre alta, convulsão, e a convulsão trouxe consequência grave pra ele. Aí também ele teve problema de saúde mental, aí se aposentou logo cedo, mas mesmo assim ele trabalhava porque o salário era muito pouco, não dava pra alimentar as crianças, era muito pouquinho. A vida era muito difícil. Era só ele que sustentava a família. Minha avó não trabalhava, ela lavava roupa pra fora, aí ganhava um pouquinho também, não tinha muito...

Quando eu era mais nova, parei de estudar porque não tinha quem tomasse conta, aí eu fui procurar o trabalho como doméstica. Aí logo cedo, com 11 anos mais ou menos, eu já trabalhava. Só que trabalhava na base que assim, é um trabalho por troca, assim, de alimento, roupa, por troca de cuidados, não é trabalho remunerado né? Porque se fosse remunerado

naquele tempo, eu ia ter um grande benefício hoje. Mas não, não foi bem assim. Eu ganhava era alimento, era roupa, uma roupa usada. Fazia tudo, fazia tudo: lavar roupa, fazia esses serviços de dentro de casa. Ninguém dá nada de graça. Aí fazia todos os serviços da casa. Era assim. Quer dizer, eu fazia esses serviços em troca de, entendeu, de ficar na casa da pessoa, dormia no trabalho. Não era perto da minha casa, não! Que! Não, não era perto não porque, como é que se diz, porque meu pai não queria que eu trabalhasse né? Mas também não tinha condições de dar, aí a criança sai de casa, não tem assistência, sai de casa, vai por conta própria pra trabalhar. E aí pronto... até você mesmo acertar (conseguir um trabalho), aí as pessoas pegam, dão o que quer. Como hoje ainda acontece né? Hoje tá mais difícil, mas sempre vai acontecer. É, as pessoas pegam e diz assim “Ah, mas eu não posso pagar”, com aquelas conversinhas que não pode dar, que não sei o que, blá blá blá, mas mesmo assim me acolhe dentro de casa. Vê que você não tem família, não tem quem tome conta de você direito e aí vai ficando né? Aí vai, também precisa de uma pessoa pra ajudar e você vai contribuindo, mas aí não tem coisa nenhuma coisa você né, não tem nenhuma obrigação com você. Ah, eu fiquei muitos anos nesse trabalho, fiquei muito tempo nele. Aí fui crescendo, me desenvolvendo, aí quando pensa que não, já tomei outro rumo na minha vida e aí foi assim. Depois desse trabalho eu fui pra outro, consegui filho também cedo. Eu tive filho com 15 anos! Foi. Quer dizer, tudo isso em consequência da dificuldade, aí tive filho muito cedo. Perdi meu filho também, eu tive uma vida muito sofrida. Ele se envolveu com drogas, como tá esse mundo aí sabe? Com 15 anos meu filho se misturou com as pessoas erradas e, graças a Deus que eu não tive isso nessa vida, eu tenho, muito cedo conheci muitas coisa nessa vida, mas eu não fui por esse lado. Eu fui correr pra outra vida, procurar um trabalho, esses negócios assim, que mulher tem a cabeça mais “não, eu vou trabalhar, vou fazer isso aqui”. Eu já fui muito explorada, mas corri pro outro lado né? Mas hoje nem o jovem não é assim, é diferente. Eles acham que o caminho melhor é o caminho mais fácil, da droga, entendeu? Se mete com dinheiro fácil, essa vida, entendeu? A mulher já sofre porque é explorada no trabalho doméstico que ela tem mesmo, aí às vezes elas acha “ah, aqui eu vou ter tudo, aqui eu vou ter meu trabalho” e as pessoas explora, faz muita maldade, eu fui explorada, eu fui estuprada. Isso tudo. Na época eu tinha 12 anos. Já era no terceiro trabalho. Foi o irmão do meu patrão. Ele tava passando uns tempos com o irmão dele. Tá assustada? (risos) Não contei

pra ninguém. Ele me drogou, sabe? Colocou alguma coisa porque eu fiquei muito assim, sabe? Sem ação, sem força, só sentia minhas perna e eu sabia que ele tinha feito uma maldade porque ele disse assim: “Eu vou te amostrar, eu vou lhe dar o seu, sua neguinha!” Ele disse assim. É porque ele não gostava de mim, porque ele achava que eu implicava porque ele bagunçava as coisa, aí eu falava. Aí ele disse assim “*Destá* (deixe estar) que eu vou lhe dar o seu, sua neguinha”. Aí depois que ele fez, ele disse: “Você viu?” Eu fiquei sem ação. Ninguém viu, minha patroa desconfiou porque eu fiquei muito doente, porque foi à força, aí eu fiquei muito doente. Aí eu fiquei assim uns 15 dias, doente mesmo, de cama, aí ela ficou assim cuidando de mim, mas ela era uma pessoa muito boa, aí eu fiquei com pena de prejudicar ela, falar alguma coisa, ela era uma pessoa boa mesmo. Aí eu peguei saí de lá, nem disse nada a ela. Ela chegou e disse “Você tá bem, Laudelina? Você tá bem?”. Eu sei que ela já sabia. Aí entrei naquela coisa toda, aí saí, mas você sempre assim com medo, você não fala, com medo. Não comentei com ninguém, a não ser assim, só com o namorado que eu tinha, aí eu conversei com ele. Eu não ia conversar com meu pai porque meu pai não ia fazer nada. No tempo eu já tinha fugido de casa. Fugi de casa! Porque se dentro de casa você não tem, como eu tô dizendo assim, em casa, eu achava assim “Ah, eu tenho que procurar uma vida melhor, porque em casa eu não tenho nada”. Eu achava assim que em casa eu não tinha nada, em casa não tinha muito o que me oferecer. “Então, vou procurar uma vida melhor”. Eu achando que seria melhor, mas aí foi pior. Porque jovem pensa assim, porque acha, mesmo hoje eu falo assim “Mesmo você passando fome dentro de sua casa, não saia. Mesmo que tudo em sua casa seja difícil, mas continue dentro de casa, mas antes eu não tinha cabeça pra pensar assim, sabe? Porque antes você passar fome, passar necessidade com sua família do lado do que você querer aventurar e depois você sofrer muito mais. Depois disso saí, fiquei um tempo sem trabalhar, depois fui procurar outro. Não voltei pra minha casa não. Fiquei na casa de minha tia um tempo morando, aí depois voltei a trabalhar de novo que ela também era muito pobrezinha, não tinha condições de me manter. Aí eu sempre procurando dar um jeito na minha vida, sabe? Procurando ver algo melhor pra mim. E aí eu vou passando.

Ah menina, foi muitas casas que eu trabalhei. Eu já passei por muita casa, muita mesmo. Porque eu tava novinha, trabalhando de uma casa pra outra. O primeiro trabalho foi como

doméstica. Hoje eu sou empregada doméstica ainda (risos), mas hoje é totalmente diferente. Hoje eu tenho meus direitos, antes já não tinha. Quer dizer, mas foi conquistado há pouco tempo, mais ou menos, ainda vai fazer um ano, porque antes, eu vi que esse trabalho não tava me dando algo assim melhor, aí eu comecei a trabalhar como diarista, porque diarista ganha melhor, sabe? Aí o pessoal antes não pagava o salário, não tinha aquela (obrigação), como hoje eles têm. Hoje já assina carteira, paga salário, mas antes não era assim. Até quando eu tinha 20, 24 anos eu coloquei muitos patrão na justiça. Mais ou menos uns quatro patrão eu coloquei na justiça porque eles não pagavam meus direitos e ainda me achando besta entendeu? Ói, eu coloquei 4 vezes. As três vezes eu consegui pegar o meu dinheiro; a última eu não consegui. Quer dizer eu ganhei a questão, mas só que ele fugiu com a mulher dele. Eu ganhei uma geladeira, o valor de uma geladeira, mas só que o patrão trocou de apartamento pra poder não me pagar até hoje. Aí ficou na justiça. E ele não quis pagar. É, não quis pagar. Me quis fazer de besta, aí... A primeira vez foi assim: ela tinha acertado comigo que ia me pagar um valor e tal, tudo direitinho. Tá bom! Mas ela queria, ela tava achando que eu tava muito sabida e queria me botar pra fora, aí eu peguei falei dos meus direitos, aí eu comentei dos meus direitos, e ela querendo dizer assim que não sabia. Aí pegou um papel em branco e me deu pra assinar. Aí eu não tava nem ligada, achando coisa, nem imaginava. Aí eu peguei assim mesmo e assinei. Quando eu assinei menina, aí pouco instante, caiu a ficha. Menina, essa mulher fez eu assinar esse papel que era pra não me dar o meu direito. Quando eu percebi isso, eu cheguei em casa chorando. Que cilada ela me colocou! Aí eu fiquei chorando, fiquei preocupada. Aí passado uns três dias, ela me chamou “Laudelina”. Eu disse “Oi”. Ela “Oh, Laudelina, venha aqui assinar esse papel”. Eu disse “Oxe, que tanto papel é esse que eu tenho que assinar?” Aí ela “É pra você assinar o papel, porque o papel que você assinou, tinha o nome de uma empresa em cima e não vai servir”. Eu disse “Ah, foi? Agora não vou assinar mais nada. Não vou assinar, porque a senhora tava de má fé comigo”. Aí ela pegou “É, ficou esperta!” Aí a questão, ela pegou me mandou embora. Aí ela me mandou embora eu peguei fui e dei queixa, registrei a queixa no Ministério do Trabalho, tudo direitinho e dei queixa. Aí no dia foi ela lá com o advogado. Aí o advogado desfazendo de mim “É essa aí!” (com tom de desprezo) Como se eu tivesse tirado alguma coisa dela, porque eu só tava ali defendendo os meus direitos, entendeu? “Ah, é essa? Deixe comigo!” Aí na hora que o juiz chamou, eu

peguei me apresentei. Me apresentei e o juiz pegou leu a causa, falou dos meus direitos, o advogado pra ler os meus direitos. Aí quando foi na outra audiência, que ia ter outra audiência, pra resolver, aí eu já levei meu advogado. Aí ela me chamou “Ah, Laudelina, você quer fazer um acordo junto com o advogado?” Eu: “A gente faz o acordo”. Ela: “Ah, mas o acordo, eu vou fazer como...” Eu “Não, o acordo é assim: é X que você me deve né? Então a senhora me paga X e cabô o caso, fechamos o caso”. Eu disse não. Ela pegou “Ah, mas não pode ser assim!” Eu disse “Pode sim. Porque naquele dia a senhora agiu de má fé comigo. A senhora pegou, seu advogado me apontou, que é uma coisa muito errada porque não tirei nada de sua casa e vai ser dessa maneira. Se a senhora quiser, o acordo vai ser assim.” Aí no dia eu fui, acertou tudo, eu fui pegar meu dinheiro, não deixei o advogado pegar, a procuração pro advogado, mas foi tão rápido que resolveu que nem o advogado que pegou o dinheiro, eu mesma que peguei o dinheiro, aí dei a parte dele, que paguei a ele, e fiquei com minha parte. Foi assim. Eu fiquei 8 anos com ela. Ela ia me colocar pra fora de mão abanando, sem direito a nada. Mas aí eu já tinha, eu descobri os meus direitos né? Porque eu já tinha, devido a isso... porque tem muita empregada doméstica colocando na justiça, muitas mesmo, muitas pessoas vêm buscar seus direitos, aí você sabe que elas (as patroas) têm que pagar multa, isso e aquilo. Ninguém quer tirar nada delas, sabe? Mas “Não posso, não posso, não posso”, essas conversa. Porque quando a pessoa não pode mesmo, você sabe que a pessoa não tem condições, a pessoa tá ali “Não, eu tô precisando do seu favor, você tá precisando do meu”. Tudo bem. Mas quando a pessoa tem condições e quer fazer os outros de besta, quer usar. Aí eu cansei! Aí chega uma hora que você quer dar um basta!

Eu nunca tive carteira assinada. Nem esse agora eu não trabalho com carteira assinada justamente porque eu não quis, porque eu tô ganhando mais. Eu tô ganhando, eu fiz um acordo com ela, mas ela paga meu INSS, ela me dá meu décimo (13º salário), minhas férias, tudo direitinho, mas eu não quis porque eu trabalho com outras pessoas também. Mas eu não quis assinar a carteira, mas ela queria assinar. Eu trabalho no Resgate, eu só tô agora trabalhando tudo no Resgate, mas em cada semana eu trabalho numa casa. No caso assim, eu trabalho com uma moça três vezes na semana, eu trabalho pra outra mais um dia, e depois trabalho pra outra mais um dia. É assim entendeu, e eu tenho mais um dia livre porque eu

escolhi dessa maneira porque você tem dia livre pra não ficar presa ao trabalho porque quando você trabalha direto, as pessoas às vezes não quer lhe liberar pra você ir no médico, ou senão, quando libera pra ir pro médico, fica reclamando, entendeu? Fica uma chatice. Aí você adiando, adiando e eu vejo muitas pessoas ficar com problema de saúde sério porque não vai pra um médico. Porque as pessoas cobra muito, quer que você chegue no horário, quer que você saia no horário, mas na hora de dar, na hora que você vai sair, neguinho não quer horário. É tanto que até a justiça fala isso, que eu acho isso um absurdo, porque até a justiça em vez de ajudar, ela não, ela prejudica, porque ela diz que empregada doméstica não tem horário, ela diz que o horário é junto com o patrão. Isso é errado, eles falar um negócio desse, porque se os outros trabalhador tem o horário, porque empregado doméstico não tem? Isso não é absurdo? Que diacho é isso se outros trabalhadores normal tem? Aí fica dando uma besteirinha, uma enrolação. Outra coisa é tempo de serviço (FGTS) né? Empregada doméstica não tem. Por que não tem? Devia ter sim, empregada doméstica. Eles acha assim “Ah, empregada doméstica já tem tudo, tem conforto isso e aquilo”. É mentira! Nem todas, nem todas são assim. Tem pessoas que são assim, que a casa, é tratada como uma pessoa da casa, trabalha como uma... trata bem, tudo direitinho, mas nem todo mundo é assim, não. Eles devia rever essas coisas, porque tá muito errada essa justiça. Outro dia a mulher tava me falando assim que eu que sou diarista, eu como diarista, tem pessoas que é diarista que não tem direito a almoço! O sindicato disse isso: que uma diarista não teria direito a almoço! Quem tinha que levar? A diarista! (fala indignada) Eu disse assim “Como é que uma diarista não tem direito a um almoço?” Eu tenho, meus patrão me dá o meu almoço, tudo direitinho, minha merenda, mas tem muitos que não tem. Eu acho isso um absurdo, você trabalhar o dia todo, dá um pau danado pra você não ter direito a um almoço? Oxe! (Carolina aparece para ouvir a entrevista e fala “Tem umas mesmo que você chega na casa, não oferece nada”) Eu graças a Deus nunca passei por isso, não. E não fico. Hoje eu não fico. Eu já fui muito explorada, mas hoje não fico! Na hora que me fala assim, licença, eu já fui. Já tô caindo fora, entendeu. Já fui explorada porque quando eu era criança não sabia, não conhecia meus direitos, fui muito explorada. Mas hoje não, não aceito que me grite, não aceito que falte com respeito comigo, não aceito! Porque eu já fui abusada demais. Aí tem gente que diz assim “Ah, Laudelina, eu não tenho culpa que você teve seus traumas, do que você passou na sua vida. eu não quero ver

o sofrimento que você passou. O que eu puder lhe ajudar, eu lhe ajudo”. Eu disse não, porque quando você reivindica seus direitos, que algo tá errado, aí acha que é um trauma. Não, não é um trauma. É o que tem que ser, é o certo, porque se você trabalha, tem que cumprir aquilo que acertou. Não pode faltar. Como é que eu acerto com você, é assim, assim o horário, aí depois você quer mudar? Aí hoje eu não aceito isso.

Ah, a partir dos 24 anos eu já fiquei bastante esperta, sabe? Aí foi caindo toda a idiotice, foi tanto sofrimento no passado sabe, foi sofrimento mesmo. Porque eu fiquei dizendo assim “Oh Meu Deus, como é que pode? Eu com 24, 25 anos, até agora eu não tenho o INSS pago, não tive nada, só os outros me explorando, besteira, trabalhando por porcaria.” Aí você chega uma hora que você não tem uma casa pra morar, chega uma hora que você vê seus filhos precisando de uma vida melhor, de uma coisa que você não tem a dar , aí chega a pessoa e diz assim “Eu não tenho nada a ver com seus problemas!” E ainda neguinho... (Carolina ri e fala “Essa entrevista dela vai dar o que falar”). “Não tem nada a ver mesmo com meus problemas, mas pague o que tem direito às pessoas!” Se seu trabalho vale X, se você pagar, pague tanto, não fique inventando “Ah, não tenho nada a ver com problema, com a pobreza de ninguém”. Não é assim não. Quer dizer: ninguém se preocupa e a gente fica assim nessa situação. Quer dizer, melhorou já, mais ainda não é suficiente.

Agora, ainda vai fazer um ano que eu consegui um trabalho que pagasse o INSS. É recente que eu consegui esse que pagasse tudo direitinho. Vai fazer um ano. Tem pouco tempo. E a idade agora? Eu vou fazer 47 anos, em agosto, dia 06 de agosto de 64, o dia que eu nasci, no dia 06 de agosto eu faço 47 anos. Já não é, eu não devia tá até aposentada do tempo que eu trabalho? Ó o tempo que eu trabalho; era pra eu tá aposentada. Explorada! Quer dizer, porque se eles, no mínimo, , não me dessem nada, se eles pagassem meu INSS, não é não? Dizia assim “Não, eu não vou dar nada, mas vou contribuir com o INSS” porque eles sabem como é importante, entendeu? Eles sabem a importância que tem pagar o INSS de uma pessoa. Mesmo que eles não dessem aquele salário, mas pagasse o INSS, tivesse o cuidado, sabe? Mas ninguém se preocupa não. Não tá nem aí se preocupando. É a mesma coisa... ó, é tanta coisa! (risos)

Ah, quando eu tive meu primeiro filho, pra trabalhar foi muito difícil. O meu menino não se deu bem em creche, aí tinha uma dificuldade danada. Uma dificuldade que você nem imagina. Foi Deus mesmo que me ajudou porque, graças a Deus, foi muita luta, muito sofrimento. Trabalhava como doméstica, mas não dormia no trabalho, não. Eu tinha casa, dormia na minha casa. Hoje é casa própria, mas na época não tinha não. Na época eu morava com meu pai, morei um tempo com minha sogra, assim... E aí as meninas, minhas cunhadas tomava conta dos meninos, era assim. Um dia um... e aí ia levando. Quando chegava de noite, tava o colchão todo mijado, dormia em cima do mijo das crianças, era assim. Dormia na mesma cama. Vixe, tinha umas oito pessoas morando na casa. A casa era grande nada! (risos) Dois quartos, sala, cozinha, só um banheiro do lado de fora. Era da minha sogra, aí eu morei um tempão com minha sogra. Mas aí já é outra parte. A parte do começo da minha vida, quando eu tava 15 anos grávida do meu primeiro filho, eu morava com um rapaz. Era em casa de aluguel. Morava eu, ele e mais um filho dele. Meu primeiro marido tinha 40 e poucos anos, eu tinha 15. Quando eu comecei a namorar com ele foi muito nova. Ele é o pai do meu primeiro filho. Aí morei 8 anos com ele. E continuei trabalhando, mas não voltei a estudar. Ah, não voltei não. Eu parei. Quando eu saí, não voltei mais. Voltei agora tem 4 anos. Voltei na primeira série. Aí comecei fazendo tudo de novo. Quando eu era novinha que eu estudava, não aprendi nada. Não consegui nada, e a situação financeira, como eu tava dizendo a você que eu, o pai e mãe botava o filho na escola, mas não tinha alimento, não tinha as coisas, como é que quer que estude? Sem alimento, sem nada. Você não aprende, não tem como você aprender. Você só pensa no alimento. Não adianta dizer que bota na escola, sem alimento, porque a criança não consegue. Passei fome, com certeza! E muita!

Eu voltei a estudar porque agora eu já tô com meus filhos já crescido, meus filhos já tá, graças a Deus, bem e também porque precisa, você resolver alguma coisa no banco, pra você tomar conta de você mesmo, entendeu? Tem os filhos, mas os filhos não quer fazer nada pelos pais. Você tem que andar com suas pernas, você não pode depender da perna dos outros pra você andar. Aí você tem que aprender: ou você aprende a andar com suas pernas a fazer as suas coisas ou senão você fica a ver navio. Porque você não poder tirar um dinheiro no banco, não vai poder fazer nada, porque se você não sabe, fica dependendo dos outros. Aí vai ser

enrolada, nego vai tirar de você. A vida toda já fui roubada, tirada, depois de velha ainda ficar nessa? (dá gargalhada)

No começo eu já cheguei a pedir pra assinar a carteira, mas só que eles não assinaram. Dizia assim “Pra que assinar carteira? Não tem trabalho!” É assim “Não posso, não tenho condições.” Essas coisas, entendeu? Porque eles achavam que não é trabalho pra poder assinar carteira. “Ah, não tem trabalho! Ah, não tem condições” As conversinhas que nunca tem condições de fazer nada. “Ah, minha filha, eu tô procurando uma pessoa pra me ajudar, não tem condições de manter que eu tô precisando de emprego” Ninguém quer assinar carteira, fazer nada. Eu mesmo tava um tempo aí fazendo faxina numa casa, eu tinha 16 anos na casa dela. 16 anos! Eu ia uma vez na semana, ela me pagava, quando eu comecei logo ela me pagava 50 reais; cada faxina saia a 10 reais. 16 anos, sabe quanto ela me aumentou? 90 reais! Quando eu saí de lá, eu tava ganhando 140 reais, eu fui falar com ela: “Poxa, eu tenho muito tempo aqui e eu esperando que a senhora me dê um aumento. A senhora sempre com a mesma conversa que não pode, isso e aquilo.” Aí ela: “Ah, mas o dinheiro não tá tão defasado assim não.” 16 anos você entrar no lugar ganhando 50 reais por mês e depois você ganhar 140 reais, não tá defasado? Depois de 16 anos, não tava? “Ah, não tava tanto assim não” Oxe! Conversa! Aí ela: “Ah, Rosi, não tava tanto assim não.” Claro que tava! Eu falava assim com ela, com amizade com ela, “Então, a senhora me dá um aumento pra eu pagar meu INSS”. “Ah, eu não posso, eu tenho dificuldade!” Quem é que não tem dificuldade? Todo mundo tem! Ninguém tem suas vidas fácil, não. Só quem ganha muito dinheiro! Todo mundo tem suas dificuldades. “Eu cansei, depois de 16 anos, ói, eu já fui. Não quero ficar mais nada, agora arrume quem quiser.” Porque quando eu trabalho no lugar eu sou assim, correta. Eu não gosto de faltar, cumpro com as minhas obrigação, porque se eu tô ali é pra fazer serviço. Eu procuro fazer bem feito, mas a pessoa acha que seu dinheiro é grande demais, então fiquei com seu dinheiro! Não é não? (risos)

Eu tenho dificuldade pra ficar continuar na escola, porque... Ah, o cansaço! Não é mais quando eu tava novinha. Porque eu trabalho de diarista, trabalho aqui, trabalho ali, aí quando eu chego, cansada, ainda tenho que lavar em casa, tenho que passar, cozinhar, tem que fazer todo serviço. Então você chega cansada, mas mesmo assim eu venho. Porque eu sei como é

importante. Eu tenho uma menina de 21 anos, um menino de 24 anos. Graças a Deus tá tudo trabalhando, graças a Deus (ênfatisa a fala) eu não deixei que meus filhos fosse trabalhar com ninguém pra ser explorado. Meu sofrimento valeu a pena! Não deixei trabalhar em casa de família! Eu dei duro pra meus filhos, hoje, graças a Deus, ter curso, tudo direitinho eu paguei, tudo pra não ser explorado pelos outros, pra não acontecer igual aconteceu comigo, entendeu? Porque eu tive o maior cuidado; já passei por tanta violência, já passei por tanta coisa, aí o maior medo. Minha menina mesmo, ela dizia assim, ela quer fazer trabalho de escola na casa das amigas, eu dizia: “Não, minha filha. Chame suas coleguinhas pra sua casa” Por que? Com medo! A violência é tão grande!...

Hoje, meu marido tá aí... Quer dizer, foi um tempo assim... No começo foi bom, muito bom. Até quando as crianças tava assim com 15 anos, foi muito bom. Ele foi companheiro, amigo e tal. Mas depois vai se desgastando, sabe? Quer dizer, também ele foi explorador um pouquinho, se aproveitou um pouco da situação, porque eu trabalhava, não sabia o valor que o dinheiro tinha, ele se aproveitava. Como é que se diz assim... quando você não sabe o valor do dinheiro, aí eu pegava e dava pra ele. E ele também se aproveitava! Ele gastava, fazia as coisas que ele queria, e eu, idiota... É por isso que eu disse: a escola é isso aí. Você vai saber o valor do dinheiro, vai conhecer melhor. Quando você não estuda, você não sabe. Tem pessoas assim que sabe, que não estuda, mas sabe o valor do dinheiro, mas eu não sabia. Eu não sabia comprar as coisas. Aí ele se aproveitava disso. Então a vida toda eu trabalhei, ganhei, mas foi tudo, enrolada pelos outros. Hoje que eu tô desfrutando, hein? (risos) É verdade!

Eu passei a administrar meu dinheiro... Porque antes era meu marido. Eu era uma idiota! Minha vida é uma história que só Deus! (risos) Eu comecei a ir pra igreja, comecei a orar. Comecei a buscar uma vida com Deus, comecei a buscar a igreja. Aí comecei a aprender a me valorizar como ser humano porque eu era uma pessoa que não me valorizava, achava que tinha que fazer toda a vontade do marido, tudo ceder, nunca dizer não. E aí quando você vai buscando um entendimento, e aí você vai mudando, você vai se valorizando mais. Eu era uma pessoa que não tinha assim... idiota, toda imbecil. Como ele é importante, eu também sou! Mas eu achava que a importância era somente ele. Mas não é bem assim. Do mesmo jeito que ele é, você também é. Aí depois eu comecei a ir pra igreja, depois eu senti assim uma vontade

de voltar a estudar. “Ah, eu vou voltar a estudar” aí pronto, tudo foi clareando, clareando. Antes ele dizia assim “Ah, tem o gás”. Ele ficava quieto “Ah, faltou o gás.” Ele não se prontificava e eu ia lá e comprava. Mas hoje não. “Faltou o gás? Não vai comprar?” (risos) (Carolina chega e interrompe de novo) O mesmo direito, obrigação que eu tenho de dar, ele também tem. Então você aí se coloca dessa forma: eu tenho obrigação? Você também tem! Não é só pra mim não. Aí passei a cuidar mais dos meus filhos, me interessar mais por meus filhos, e fui esquecendo dele, me desligando. (Carolina interrompe de novo: Vou dar meu telefone pra tu arranjar um trabalho pra mim) (risos) (Depois eu pego, deixa eu terminar aqui com ela que eu pego.)

A casa é minha. É herança, porque meu pai, antes mesmo de meu pai morrer, ele já tinha me dado esse terreno. Porque é assim: meu pai casou com a primeira mulher e registrou os filhos do primeiro casal – que ela não é minha mãe –, mas sou registrada como primeira filha do casal. Aí tinha um terreno, aí ele pegou e dividiu pra todos os filhos; deu um pedacinho pra cada. Aí eu tenho minha casa aqui no Saboeiro.

Eu sou da Igreja Batista. Depois que entrei pra igreja, minha vida mudou. Eu não aceito mais a exploração que era antes. Agora ele tem que dar a parte dele. Antes ele ficava sem trabalho e eu achava que devia manter ele. Agora não. Ele ficou sem trabalho? Vai procurar trabalho! Porque se ele diz que não pode me manter, eu tenho que ficar mantendo ele, por quê? No caso, meu filho não tava trabalhando e ele dizia assim: “Eu não tenho obrigação de... quem tem filho grande é elefante!” Quem tinha obrigação com filho grande não é ele não, é elefante. Então também não tenho obrigação com ele. Não é não? Então eu aprendi que se ele diz que não tem obrigação comigo, por que eu vou ter obrigação com ele? Não! Então eu fui mudando o esquema: ouvindo as coisas que ele me dizia, e passando pra ele também. Não é verdade? (risos) Aí fui mudando a situação. Por que só eu que tenho obrigação e ele não tem? Aí meus filhos, graças a Deus, tão tudo ajeitadinho. E outra: meus filhos! Eu tenho obrigação com meus filhos que eu coloquei no mundo, não com homem. Ele disse “Ah, um homem véio desse, eu vou ficar fazendo nada. Ele que não se vire!” Eu disse “Ah, é? Se ele pode se virar, então você também se vire!” É, filhos dele, os dois. Eu tive três filhos com ele, morreu um, ficou dois. Eu abortei logo novinho. É Valdinei e Lucimária. Eles estudaram, tudo direitinho.

Não chegou a se formar porque quando ela tava fazendo cursinho, aí ela ficou grávida, engravidou. Aí parou. Mas aí ela pretende voltar. Que aí agora ela tá com uma filhinha de um ano, eu tenho uma neta de um ano, aí ela agora ela tá pensando que vai voltar a trabalhar e começar a pagar uma faculdade, pra fazer alguma coisa. Meu menino também pensa em começar a vida dele. Paguei um curso de vigilância pra ele, pra poder começar a trabalhar com alguma coisa, entendeu? Aí ele tá direitinho. Eu não deixei que eles parassem de estudar pra trabalhar. Não, porque meu sofrimento que eu tive, pra meus filhos eu não vou deixar de jeito nenhum. Que dê o que der, mas eu vou à luta. Todas as minhas dificuldades, a luta que eu tive que eu não estudava, não tinha quem tomasse conta de meus filhos. Meus filhos eu não deixo passar por nada disso. Nada! Meu filho graças a Deus tá com 24 anos, vai fazer um ano ainda que ele começou a trabalhar agora! Ele entrou no Exército, foi um único trabalho que ele teve, ele entrou no Exército e agora tá trabalhando agora de segurança. Não tem nem um ano de trabalho. E a menina, nunca trabalhou; só estagiou no tempo de escola. No tempo dela que ela estagiou e depois foi fazer cursinho e não quis continuar. “Continue grávida assim mesmo (conselho da mãe)” “Não, mainha, eu tô cansada”. “Você que sabe”

Minha filha na mesma profissão que a minha? Naaada! Mas não vai mesmo! Que! Não vai não! Porque não é bom. Não é bom. Porque agora, graças a Deus ela terminou o terceiro ano, ela tem condição de fazer outra coisa melhor, levar uma vida diferente porque essa daí não é legal! Não é legal. Quer dizer, pra mim... já tô aqui mesmo! Mas eu não penso de jeito nenhum. Quando nova, o povo dizia assim “Ah, bote aí (a filha) pra lhe ajudar”. Eu dizia “Muito obrigada. Não quero não. Não quero minha filha trabalhando na casa de pessoa nenhuma. Quero ela em casa, estudando.”

O que eu acho da profissão de doméstica? Menina, não é que seja ruim, eu gosto, agora só... Graças a Deus que hoje tá melhor, como eu disse a você, mas não tá ainda, não chegou no ponto certo. Porque tem que ter os mesmos direitos que os outros trabalhadores têm. Eu penso assim, mas pra o que era antes, hoje tá tão melhor pra mim, tá tão bom pra mim que através do meu emprego de doméstica hoje, meu filho foi indicado pra trabalhar em um local. Graças a uma pessoa hoje que eu tô trabalhando, porque é uma pessoa realmente que cumpre com suas obrigação, entendeu? Que paga na data certa, uma pessoa que me chamou pra assinar

carteira, me deu todos os meus direitos, me deu tudo direitinho. Têm pessoas direitas, mas têm muitas pessoas que gosta de se aproveitar da miséria alheia pra poder não fazer as coisas corretas. Tem muita gente boa, mas também tem muita gente que gosta de não dar. Então, fica ruim trabalhar assim. É bom quando você trabalha no local que você tem todos os seus direitos, tudo direitinho. Porque você precisa trabalhar e precisa de seus direitos! Como é que você vai trabalhar, se você não pagar o INSS, você não vai se aposentar! Se você ficar doente, você vai ficar como? Você acha que alguém vai sair pra lhe dar alguma comida? Não. Vai lhe dar hoje, amanhã não vai lhe dar mais, tá entendendo? Você vai ficar doente hoje, hoje vai lhe dar. Eu vi muito isso. Pessoas de trabalhar muitos anos na casa, depois cair doente e as pessoas simplesmente vai hoje lá “Ah, fulano tá doente, vou fazer uma visita, vou dar uma cesta básica” Sim, e amanhã? Só por um dia! Só come um dia? E os outros? Vai ficar como? Não tem condições! Isso é muito triste.

Na escola? Eu quero aprender... Meu sonho é aprender a escrever corretamente. Aprender a escrever tudinho assim correto, é o meu sonho. (risos) Contar toda a minha história, sabe? Que eu não sei escrever correto. Eu vou escrever um livro. Vou falar tudo, toda a minha vida (risos). É muita coisa né? Escrever tudo, meus pensamentos... Oh beleza! É isso que eu espero. Eu leio um pouquinho, mas pra quem não lia nada, hoje eu tô ótima! Mas ainda eu espero mais. Eu vou escrever ainda, vou falar tudo o que tenho, o que sinto. (risos) Com certeza a escola é muito importante, porque elas (as patroas) muda até a forma, como você tá estudando, o tratamento é outro. Eles sabem a importância que tem o estudo, porque vai abrindo sua mente, você não fica alienada, você não se engana mais. Até em casa, mesmo, o marido diz: “Agora tá estudando; misericórdia! Agora que vai ficar sabida demais!” Até ele diz em casa “Agora essa mulher não vai ficar fácil!”. (risos) Quer que a gente fique besta, pra poder passar a mão!

Quando eu comecei a tomar conta do meu dinheiro, ele não zangou, porque ele sabe que agora ele... Antes era tudo conforme ele ditava, mas agora não. Agora ele respeita, porque ele sabe que eu não sou mais aquela burra que era antes, entendeu? Então eu vou e bato em cima. Aí ele (faz um movimento de recuo) recolhe. Porque eu vou com as palavras certinhas na hora. Então ele não tem coragem de me desafiar. Porque se ele vim dizer algo, aí eu vou pra

justiça, eu vou reclamar. “Sim, você tá reclamando por quê? Por que você tem direito de fazer isso comigo? Por que você se acha no direito?” Então, eu vou reclamar, eu vou na justiça, reclamar meus direitos. Ele sabe agora eu sou assim. (risos) Porque agora eu não vou ficar discutindo dentro de casa, não. Eu vou lá e reclamo meus direitos. “Meus direitos é isso, isso e isso. Por que você tem direito e eu não tenho? Por que eu tenho que fazer isso que você quer?” Aí pronto, aí ele murcha.

Com o dinheiro que eu ganho dá pra me sustentar e sustentar meus filhos. Com certeza! Minha filha hoje tá morando na casa dela e eu tenho meu filho que hoje, graças a Deus, já não tá dependendo de mim, mas ainda, que ele começou a trabalhar agora né, aí tinha algumas coisinhas que eu ajeitava né? tô ensinando ele ainda. Ele praticamente nunca trabalhou, nunca teve salário e agora até tá assim meio deslumbrado, porque jovem né, ganha seu salário fica assim deslumbrado, quer gastar, subir e descer, fazer mil coisas. Então, é assim. Tá levando. Agora em diante eu vou viver aquilo que eu nunca tive oportunidade de viver. Porque a vida toda eu tive que dividir, DAR (ênfatisa), dar o meu salário aos outros e agora eu vou desfrutar dele. (risos) Desfrutar, viajar. Eu quero viajar. Eu quero frequentar mais, porque tem festa na igreja, tem coisa, evento e antes eu não podia participar porque eu tinha que ajudar meus filhos, eu tinha que fazer isso, fazer aquilo, cuidar de dentro de casa, e agora não. Agora eu tenho que desfrutar comigo, fazendo as minhas vontades. (risos)

Agora eu tô fazendo a 5ª e a 6ª série, mas aí eu acho que fica muito difícil você fazer dois cursos também. É melhor que você fizesse 5ª... um de cada vez. Aí fica melhor. Porque aí você entende mais pra poder... alfabetizar mesmo: eu fiz 1ª e 2ª série junto e não é legal. Porque se eu fizesse só a 1ª série, e depois só fizesse a 2ª série, seria melhor, até pra alfabetizar melhor, pra você escrever melhor. Passo a passo você aprende melhor. Mas assim os dois juntos é muita coisa, muito assunto. Você não pega direito. Não tem como você... Você não conhece nada, de repente vem um monte de assunto, você se atrapalha toda. Realmente eu só tô na sala de aula pra dar uma olhadinha, pra conhecer 5ª e 6ª série. Eu não conhecia. Pra conhecer a 5ª e 6ª série. Quando você chega na 5ª e 6ª série você já tem que vir preparada pra poder aprender. Porque é os professores entrando e saindo. Você não escreve ainda corretamente, entendeu, ainda tem dificuldade, é lenta ainda na escrita, aí duas séries

juntas. Já pensou? Aí tem os horários do professor, você fica toda confusa. Ainda bem o professor não saiu, você não terminou o dever e já tá entrando outro. E você não vai assimilar tudo tão rápido. Não tem condições. Eles tá aí pra fazer né, porque o governo quer que seja dessa maneira, mas não é bom. Não é bom. Não é legal. Todo mundo acha difícil, todo mundo tá com dificuldade, não só eu. Todo mundo tá com a mesma dificuldade. Até pediu mas o diretor disse que, como é que se diz, que a gente não ia conseguir nada. “Vocês não vão conseguir nada!” Que os colegas queria reunir pra ir na Secretaria pra falar sobre esse assunto... (Nesse momento, passa o vice-diretor com o secretário carregando o novo material didático para ser distribuído no 2º semestre do ano letivo)Aí agora mesmo, ó pra aí. Vai tirar os livros e vai dar outro. Já tá mudando, já tá passando outro livro! Ainda não aprendemos quase nada com esse e já tá trocando. Quer dizer, fica difícil. Isso é uma verdadeira bagunça! Mas você tem que ficar... simplesmente você se manter numa sala de aula, você quer aprender, aí você vai deixando. Agora mesmo o professor tava dizendo... porque eu não fiz prova. Que agora a Secretaria tá pedindo que vá as provas, que vá o coisa dos alunos que faltou aula, a frequência, tudo pra Secretaria. Quer dizer, já vem pepino pra gente. Eles já faz as coisas errada e depois ainda vai querer tirar em cima da gente. Pra mudar essa situação, que é dois cursos. Queria que fizesse um, uma 5ª e depois fazer a 6ª. Mas aí ele disse que não ia ter como, não. “Não vai mudar, não. Não tem como mudar!” Eles quer na Secretaria que seja assim, eles quer que você passe, sem você saber. Não tem interesse nenhum que você aprenda. A verdade é essa. Eu não sou besta!

Quando eu era mais nova, eu já estudei de manhã, mas eu era pequena ainda. Ah sim! Tem algumas coisas que eu lembro da escola. Olhe, quando eu estudei, em estudei em em São Gonçalo. Eu só estudei com uma professora mesmo porque se a professora ficasse na escola, eu ia adiante. Eu me lembro até hoje: Professora Benilda. Ótima professora. Ela era muito boa, mas essa professora levou pouco tempo na escola. Ela que me ensinou a escrever meu nome. Ela que me ensinou, porque as outras professoras era muito ruim. Era terrível. Tinha uma professora mesmo que não ia com a minha cara. Ela tinha bigode, aí eu ficava olhando. Ela ficava azeda. (risos) Mas a outra professora era ótima; ela passou só uns seis meses. Eu não tinha mãe, aí tinha aquela dificuldade toda. Eu me lembro de um passeio no Parque da

Cidade, aí as professoras disse assim: Ah, Laudelina não vai, porque eu não vou levar. Não vou me responsabilizar por filho de ninguém.” (tom de desdém). “(professora boa): Você gostaria de ir, Laudelina?” “Eu queria, pró.” Ela disse assim: Então, converse com sua tia que eu lhe levo, vou ser responsável por você. Você vai ficar direitinha não vai?” Eu digo: “Vou, pró. Vou ficar direitinha”. Aí ela me levou, mas as outras? Não se interessavam. A escola era muito ruim. Porque o que gostava mesmo era de fazer escravo os meninos. Tinha uma que morava próximo da escola e levava as meninas pra lavar prato, pra arrumar a casa, levar planta pra casa dela, era isso o que elas interessavam. Eu tinha mais ou menos uns 8, 9 anos. Eu nem lembro o nome delas. A única que eu lembro é Professora Benilda, porque Professora Benilda era muito boa e eu gostava muito dela.¹²

Oh menina, da escola quando era pequena, eu não lembro quase nada. Da minha idade, o que eu me lembro assim mesmo, foi eu aprender a escrever meu nome. Porque o restante, não deu pra aprender nada. Eu penso assim, tem gente que diz assim “não é bom” (refere-se ao ensino), mas hoje eu tô tendo oportunidade melhor do que antes. Porque cada pessoa é uma maneira. Às vezes a pessoa diz assim: “Não, no meu tempo de escola foi muito bom. As professoras era mais assim, mais assado”. Mas cada um tem uma diferença; nem com todo mundo foi igual. Eu mesma não tenho experiência boa. Elas que sabia minha situação, que eu não tinha mãe, eu sempre me matriculava, minha tia tinha problema nas pernas, não podia ir, então eu que ia fazer minha matrícula. Tudo era eu que fazia. Mesmo assim ela não se interessava, não se preocupava em fazer mais por mim. Não, aliás, fazia, sim. Me discriminava! Não tinha nenhuma paciência comigo. Não é que eu fosse totalmente boazinha o tempo todo, não. Eu pintava como qualquer criança. Mas ela não tinha aquele carinho pra ajudar aquela criança que passa por dificuldade. Como hoje também acontece né, que tem criança hoje que é rebelde, usa droga. E no meu tempo não era isso. Eu era uma menina amargurada, eu era malcriada. Mas por quê? Às vezes eu não tinha um carinho em casa, às vezes ia pra escola sem almoçar. Aí tinha mal humor, de criança. Queria comer, com fome não me interessava em estudar. E as pessoas não se preocupava em perguntar “O que é que

¹² Carolina quer escutar e explico pra ela que a entrevista é individual e que logo em seguida, eu a entrevistaria.

você tem?”. Simplesmente não era assim. Quando os meninos tomava merenda no pátio – isso deve ter em todas escolas – aí jogava os canecos pra cima. Aí eu dizia assim: “Tia, me dê merenda?” “Não vou dar, não, porque tá todo mundo jogando caneco fora!”. Quer dizer, nem era eu, mas porque os outros tava jogando fora, você também não vai ter. E eu já vinha de casa com fome. Ou senão, quando não era assim, nem fazia merenda. Chegava lá, não tinha merenda. Aí eu ficava mais chateada ainda.

Meu pai começou a me ajudar mesmo já no meu segundo casamento. No primeiro, ele só teve lá pra me dar um cartão do INSS, porque eu era menor, aí ele pegou fez um cartãozinho pra eu dar parte no INSS. Aí depois que ele me viu livre do primeiro marido violento, aí ele começou a me ajudar: cuidava dos meninos, me ajudava com as coisas. Quando eu vim morar aqui, não tinha escola pra meu filho, alfabetização, e eu não tinha condições de pagar aí eu tive que mandar o menino pra lá pro Luís Anselmo, pra poder estudar lá e eu tive que ficar aqui trabalhando. Eu morava, moro no Saboeiro e ele morava no Luis Anselmo. Graças a Deus, a gente ficou numa boa, mas foi a muito custo. Não foi fácil não. Foi conquistado, porque eu reclamava muito. Só você ali batendo na tecla, você consegue,né? Se você ficar quieta, sem se movimentar, quem é que vai lhe ajudar?

Quando eu era nova, eu fugi porque meu pai me batia muito. Ele não aceitava que eu fizesse nada. Ele não podia dar alimentação, não dava nada e não queria que eu saísse pra lugar nenhum. Então você ficar sem comer dentro de casa e ainda ficar ali o tempo todo naquela casinha, naquilo ali. Eu queria conhecer outras coisas,né? Eu tava ficando mocinha, minhas amigas, minhas primas, meu pessoal trabalhando na casa dos outros e tendo suas coisinhas, e eu sonhava também em ter e eu não tinha. Aí eu queria sair pra poder ter uma vida melhor. O que me levou a trabalhar foi isso, você querer ter uma vida diferente, você querer ter as coisas, comprar o que você quer, não passar fome. Desde o meu primeiro trabalho, até hoje eu sou doméstica. Eu pensei em trabalhar em outra coisa, cheguei a andar, procurando emprego, mas não tinha estudo, não tinha nada. Não tive estudo e eles não dava oportunidade. Novinha... Mas como doméstica não teve problema não. Esse daí (trabalho doméstico) num instante aceita. Não acha assim, aquele BOM, porque aqueles melhorzinho ficava com medo de colocar uma pessoa de menor na casa, mas as pessoas que ficava em casa, que não

trabalhava, aí já deixava,né? Dizia “Ah, é bom, porque vai fazer companhia pra mim.” Se eu estudasse, SE EU ESTUDASSE, eu seria advogada. Uma belíssima advogada. (risos)

Não sei se vai dar pra ser advogada, não, mas tem outras coisas que eu desejo agora mais do que isso. Agora tenho outras coisas em mente. Ser advogada vai demorar muito. Quando eu chegar até lá eu devo tá bem velhinha. (risos) Quero começar a realizar as coisas que eu gostaria de fazer antes. Tem muita coisa ainda pra reivindicar, muitas coisas pra mudar. Tem tanta coisa errada que eu não aceito. Hoje eu penso em ter uma moradia melhor. Eu me inscrevi no Minha Casa, Minha Vida, eu ligo pra lá pra saber quando é que vai sair essa casa. É uma enrolação danada. Eu tenho essa casinha aqui, mas só que ela é perto de ribanceira, tem que fazer um trabalho que custa muito caro. Quando chove é perigoso desabar. É herança, só que tem esses problemas. Teria que fazer uma contenção. A prefeitura? Queeee. Isso não faz nada. O pessoal da CONDER tava lá trabalhando, eu pensei até que ia fazer, mas quem disse? Então, tem esse sonho da casa que eu quero ter.

Pro meu futuro... Pra escola, isso aí eu posso realizar: é escrever um livro falando das minhas experiências, da minha vida. Isso aí eu sei que mesmo velhinha eu sei que vou conseguir fazer. Ser advogada, eu não sei se vou chegar lá, não. Seria muito mais tempo e eu não sei se teria esse tempo todo. Não sei se vou ter mais saúde pra isso. Mas eu quero escrever um livro, nem que seja um gibizinho. (risos) pro trabalho é juntar um dinheirinho, porque esse trabalho é salário né, e você teria que juntar um dinheirinho, aprender a economizar mais pra poder ter uma vida mais feliz, mais tranquila, poder viajar, conhecer alguém melhorzinho. Apertando, vai melhorando. Se apertar, dá pra fazer alguma coisinha. Pra eu me aposentar, eu tenho que pagar o INSS ainda 15 anos,né? (dúvida) Comecei a pagar agora. Aí pra você ver: tantos anos perdidos, é justo um negócio desse? Eu tô com 46, vou fazer 47 em agosto. Quer dizer, trabalhei tanto e mesmo assim... Se eu ficasse doente, como é que ia ser? Isso é injusto. É injustiça. É igual as pessoas que trabalha na roça, se acaba o tempo todo e não tem direito a nada. Até eu pensei assim: se você contribuísse, mesmo que chegasse a sua idade e você não tivesse pago, você deveria receber (a aposentadoria) e ir pagando. Pra saber que tinha algo pra você se manter, mas você não tá... Tem um monte de gente aí passando mal e até morrendo de fome, porque não teve oportunidade antes de pagar, mas não é que ele não trabalhou. Ele deu

sua contribuição, mas sua contribuição não foi passada. Ele trabalhou, trabalhou muito, mas só que os outros explorava o trabalho dele e ele não teve resultado do trabalho dele nenhum.

Pra voltar pra escola, quem me incentivou foi meus filhos. Porque quando você estuda, as pessoas lhe respeita. Até a família age diferente com você. Porque quando você não estuda, a falta de respeito já começa de dentro de casa. Lhe chamam de burra, porque você não sabe fazer nada, você não sabe ir no banco, resolver alguma coisa sua, e depender dos outros? Você tá ferrada! Você tem que aprender mesmo a comer com suas mãos. Porque você ficar comendo com as mãos dos outros, você se acaba toda. Outro que incentivou foi o marido, porque o marido também não tem respeito, as pessoas da casa que você trabalha, você precisa tá estudando, porque senão não lhe respeita. Porque quando você estuda, as pessoas lhe olha de outra maneira. Você pode ter certeza disso. Quando você diz “Vou pra escola! Tô estudando!”, aí pronto. As pessoas já muda. Outra também é a igreja, você vai, você sente vontade de escrever, você sente vontade de ler um texto da Bíblia pra passar pras pessoas. Tanta coisa incentiva pra vida melhorar! Hoje eu vou no banco, já sei fazer depósito. Já tenho cartão de crédito, você já pode ler um versículo pra alguém. Já pode chegar na sala de aula e o professor pedir, você chegar lá na frente e ler alguma coisa... Eu tô lendo a Bíblia. Ler a Bíblia é bom, você vai aprendendo mais, você fica em paz, você aprende a conviver mais com as pessoas, porque na Bíblia você aprende essas coisas: aprende a suportar mais as coisas que antes me deixava nervosa, agitada. Eu xingava, com raiva e a Bíblia ensina você a ter esse controle, ensina você a se controlar.

Pro futuro dos meus filhos, eu espero tudo de melhor. Que eles encontre um trabalho decente, pra que eles possa terminar o 3º ano e venha a fazer uma faculdade, que eles venha a fazer alguma coisa. Eu digo “Ói, não deixe de estudar pra você não ter a vida que eu tive” e graças a Deus a vida deles é bem melhor do que a minha. Não chegou nem próximo. Não desejo, meu Deus, que ninguém tenha alguma coisa desse tipo. Minha vida, hoje, graças a Deus, tá bem. Pode melhorar mais: o sonho de ter minha casa, arrumar tudo direitinho. Eu já tô me preparando pra isso. Eu vivo sonhando com esse momento. (risos)

Aqui na escola, eu pretendo ficar até terminar. Vou indo, vou indo até terminar o terceiro ano. Depois aí eu vou ver se eu vou fazer algum curso, alguma coisa pra melhorar mais ainda. Pra ver o que é que Deus ainda pretende pra mim. Eu espero estar com saúde, se eu tiver com saúde, até uma faculdade, por que não? Enquanto há vida, há esperança. E eu vou indo até a hora de Deus mandar eu ir.

Firmina¹³

“Eu quero me formar e trabalhar em hospital. Não desisti, não.”

De Serrinha para Salvador, D. Firmina também veio trabalhar na cidade grande e é mais uma das milhares de trabalhadoras domésticas que, na priorização do trabalho, são levadas a abandonarem os estudos. Começou trabalhando como vendedora ambulante e chegou a Salvador para trabalhar como doméstica para “ganhar mais”. A saída da escola aconteceu justamente após a chegada ao serviço doméstico em Salvador. Afirmo com veemência que quer sair do trabalho doméstico e trabalhar em hospital. A principal razão que a faz querer migrar do trabalho doméstico para outra profissão é a falta de tempo para si mesma. Trabalha de segunda a sábado e tem o fim de semana apenas para cuidar da casa, sem tempo para lazer, já que sua rotina semanal se resume ao trabalho doméstico remunerado e não-remunerado (dona de casa) e escola.

A entrevista de Firmina foi realizada na sala dos professores, tendo duração de 43 minutos.

Firmina, em seus próprios termos:

09/06/2011

Meu nome é Firmina. Nasci em Serrinha e perdi minha mãe vai fazer 7 anos. Eu fui criada por minha duas irmãs e meus irmão. Só que minhas irmãs tiveram que vir pra aqui trabalhar e eu fiquei sozinha lá em Serrinha mais minha irmã. Fiquei lá só. Fui crescendo, fui criada por uma tia. Depois eu cresci, cresci não, que eu não sou grande (risos), aí com 15 anos vim pra aqui tomar conta de 3 crianças ali na Nossa Senhora do Resgate. Passei um bom tempo, depois com 17 eu fui trabalhar lá na Pituba. O pessoal era uma boa pessoa; nunca arranjei patrão ruim não. Depois, na Pituba eu tinha 17 anos, passei uns 3 anos lá e fui levando minha vida,

¹³ Em homenagem a Maria Firmina, educadora e escritora, escreveu uma das primeiras obras abolicionistas do Brasil, intitulada, *Úrsula*, denunciando as condições de vida da população negra escravizada.

né? Fui vendedora autônoma, vendia as coisa na rua pra sobreviver, ter minhas coisas, nunca gostei de tá pedindo nada a ninguém nem dependendo de ninguém e até hoje eu trabalho. Quando eu trabalhei como ambulante, vendia fruta, vendia manga, vendia abacate... Eu trabalhei como ambulante foi antes de vim pra aqui. Foi antes de eu vim pra trabalhar como doméstica. Eu ainda era nova, rapaz. Não gosto de ficar sem dinheiro. Eu quis vim pra aqui, pra ganhar mais. No meu primeiro trabalho, eu ganhava um salário. Só que não tinha carteira assinada. Por que naquela época não assinava, acho que era 82,né? Ninguém assinava naquela época. Toda a minha carteira assinada foi como doméstica. O primeiro trabalho foi de babá. Três crianças ali no Resgate. Eu saí de Serrinha e vim pra trabalhar nessa casa. O pessoal de lá de Serrinha que arranjou que mora aí no Resgate. Hoje se ver as menina eu nem conheço que era tudo pequeninha assim, já tá tudo casada,né? Eu tinha 15 anos. Depois, o segundo trabalho foi lá na Pituba, eu tinha 17. Esse agora é o trabalho que fiquei mais tempo; vinte anos. Rapaz, eu nem sei como foi que comecei a trabalhar lá. Foi uma moça lá da Capelinha que indicou. Meu filho tinha nove meses, hoje vai completar vinte anos em agosto.

Eu já cheguei a voltar a estudar e parei de novo. Começou as primeira greve de professor e eu ia gastar meu transporte, aí parei, lá nos Barris. Antes, eu estudei, parei de estudar com 15 anos lá em Serrinha e vim pra aqui, peguei minha transferência e vim pra aqui, aí não estudei. Depois perdi minha transferência, voltei de novo. Aí comecei, não lembro nem que ano eu estudei. Trinta anos que parei! Perdi um ano só, que foi que eu repeti aqui. Aí eu fiz 5ª e 6ª aqui e hoje eu tô fazendo 7ª e 8ª. Eu entrei na escola com doze anos, não com sete. Sete anos. Com doze eu já tava no ginásio. O que me levou a voltar a estudar foi um primo meu que ficava me incentivando: volte a estudar; volte a estudar. Aí eu peguei, há muito tempo que ele ficava me incentivando a ir pra escola (estala os dedos pra dar ideia do tempo). Eu “Deus me livre, eu não tenho mais cabeça pra isso não.” “Tem sim, volte que você vai se formar. Eu quero ir pra sua formatura.” Aí voltei. O professor disse que nem parecia que eu passei trinta anos sem estudar, porque quem tem três anos aqui e não passou e eu passei direto. Hoje na escola, tenho dificuldade na Matemática. Matemática é uma negação. (risos) Nas outras matérias, nem tanto, mas Matemática...Quer dizer, perdi na Matemática, fiz a recuperação e passei. Eu queria aprender Matemática, o professor disse: “Quando você aprender, você vai

gostar”. Mas não tem jeito. Não tem jeito. Rapaz, eu gosto é de Português (risos) porque eu faço e passo. Nunca perdi.

Rapaz, eu pretendia, meu desejo era trabalhar em hospital e não deu certo (risos) Minha família é toda de hospital, tudo trabalha em hospital de enfermeira. Minhas irmãs não são formadas, mas meus irmãos do primeiro casal é formado. Um é polícia, outro trabalha na saúde, o outro trabalha na prefeitura, um já é aposentado, mas meu sonho é trabalhar em hospital e não deu certo.

Do primeiro casal, todo mundo estudou. Teve uns quer terminou agora. Um trabalha na saúde, um trabalha na prefeitura, um é polícia. Outra trabalha em Camaçari. Rapaz, eu não lembro quantos irmão são, não. (risos) É muito. Mulher só tem eu, a de Camaçari e a que tá em Serrinha. Uma faleceu também, a mais velha. Era cinco homens, o mais velho também faleceu. Acho que era cinco homem e quatro mulher. Agora do segundo casal, eu não lembro. Meus irmãos do primeiro casal estudou todo mundo. As mulheres também, todo mundo. Tem uma que mora em Camaçari, terminou agora, se formou. Só ficou eu, sou relaxada pra escola. Rapaz, eu gostava de estudar, mas meu negócio era Matemática, que eu me complicava toda era Matemática. Mas hoje eu acho as colega pra me ensinar. Meus colega me ensina. Além do meu primo, eu mesma quis voltar a estudar. Eu quero me formar e trabalhar em hospital. (risos) Não desisti, não. Quando eu chego no Hospital, todo mundo pensa que eu trabalho lá dentro. (risos). Qualquer coisa que me mandar trabalhar, eu trabalho. Como enfermeira, como ajudante, qualquer coisa, mas eu quero trabalhar ainda no hospital. Esse é meu último ano como trabalhadora doméstica. Eu gosto do trabalho, mas eu quero sair. Sei lá, porque eu não descanso. Eu queria trabalhar de segunda à sexta, porque eu tô muito cansada, eu quero descansar, eu quero me divertir. Não tem nem como, eu chego em casa sábado já de noite, não tenho cabeça pra mais nada, aí meus... no domingo que é dia de fazer, de passear, eu tenho que lavar minhas roupa. Não tenho tempo pra fazer nada (fala com tom indignado). Eu chego no trabalho seis e quinze. Eu pego o carro aqui cinco *pras* seis. Aí três, três e meia eu saio de lá. Se eu não pegar engarrafamento eu chego rápido, umas cinco horas, antes de cinco. Quando eu não pego engarrafamento. São três pessoas que moram na casa. Eles só têm um menino. Ele tem vinte e dois anos.

Dá tempo passar em casa, dá. Eu vim de casa. Eu moro aí junto do Roberto Santos, do Hospital. Dia de sábado eu também trabalho o dia todo. Saio umas duas horas, duas e meia, é o horário que eu saio. E era pra me considerar... tanto tempo, era ela dizer: “Não, eu vou lhe liberar nos sábados.” Não faz isso! Ela disse que se eu achasse um lugar melhor que fizesse isso, que eu podia ir embora. Foi isso... ela tem consideração a mim? Não tem. Trabalho com carteira assinada. Eu tenho carteira há uns doze anos. Ela que disse que ia assinar e eu aceitei. É importante trabalhar com a carteira assinada. Eu já fiz duas cirurgias e tive que dar entrada no INSS! Se eu não tivesse pagando o INSS, eu passava fome! Passava fome! Eu não trabalho sem assinar minha carteira, não.

Nunca tive problema no serviço não. Deus é mais! Graças a Deus que não. Quando eu saio do serviço, saio porque eu quero, porque eu fico, enjoado do... tanto tempo que passa. O de Fortaleza, eu sai porque o pessoal foi embora. Aí eu peguei fui pra esse. Rapaz (risos) eu tô querendo fazer um curso de copeira de hospital, pra trabalharem hospital. E aí lá eu fui no Hospital Espanhol e já me incentivaram muito, viu? Eu tô com uma tia internada lá e já me incentivaram muito a fazer esse curso. E aí eu tô vendo aí, né? Pra ver se faço o curso agora nas férias, na próxima semana, nas férias agora de São João.

Esse é meu segundo ano na EJA. Rapaz, o ensino de antigamente, eu falo direto na sala, é *muito* diferente do d’agora. (estala os dedos pra dar ênfase à diferença). Muito, totalmente. Nem comparação. Sei lá, antigamente tinha mais... a regra era mais... a gente não podia ir na escola sem, com uma pintura no rosto, brinco na orelha, sem a meia preta, sem a farda, tudo isso. E hoje o pessoal tá querendo vir pra escola nu. Quando o professor fala, quer bater no professor. Se o diretor fala, quer bater no diretor. Totalmente, eu falo lá na sala “Era bom que voltasse aqueles tempos de antigamente que é totalmente diferente”. Naquela época aprendia mais, não tinha zoada na sala, hoje é celular ligado na sala, toda hora celular tocando, você não tem sossego. Você não tem sossego na sala. É celular tocando, é música. Se o professor falar “Ah, o que deve olhar, não olha”, é isso que eles responde. “O que o diretor deve olhar, ele não olha.”

Rapaz, eu acho que meus pais não estudaram, não. Eu nunca perguntei, mas eu acho que não. Eles trabalhavam na roça. A minha mãe, acho que ela não trabalhava não. Não lembro. Meu pai trabalhou na roça. E quando ele morreu já tava aposentado. Se eu trabalhei na roça? Não?! Apanhava igual *mala véa* (risos) pra trabalhar, pra fazer plantação. Eu não gostava de trabalhar no sol quente. Eu estudava; quando saia da escola, ia pra roça.

Rapaz, tem muita coisa boa que eu lembro da escola. Se não existia o que existe hoje! Não existia essas coisas ruim que existe hoje, só existia coisa boa. Só existia amizade boa, tudo de bom existia antigamente. Hoje não. Lá, eu larguei a escola na quinta. Hoje em dia não tenho muita dificuldade. Mais ou menos. Não tenho muita não porque os colega me ensina. A gente faz tudo em grupo e aí eles me ensina.

Eu trabalho de doméstica porque eu gosto; a única coisa que eu gosto nessa parte é cozinhar. Cozinhar, você mande eu fazer dez pratos, mas não me mande arrumar uma casa. Me peça pra fazer dez pratos diferentes que eu faço, mas não me peça pra arrumar uma casa. Eu faço porque tenho que fazer, mas gostando, não. Eu faço tudo, tudo. Chego, boto o café, depois vou limpar e onze horas começo a fazer o almoço. Não gostava de fazer faxina, mas agora já tem faxineira, tem passadeira. Se mandar, eu não faço. Não é minha função. “Eu não vim pra aqui pra fazer faxina nem passar roupa.”

Rapaz, dos meus direitos, a única coisa que eu não recebo é o terço das minhas férias. Até hoje eu nunca recebi. Tenho férias, só o terço das férias que ela nunca me deu, não sei porquê. E eu nunca cobreí. Foi mesmo, nunca cobreí porque são um pessoal que me ajuda muito. Quando eu preciso, me ajuda muito. Então eu não vou parar pra perguntar não me paga o terço das férias. Eles me ajuda em tudo que eu preciso. Quando eu quis construir minha casa lá de Serrinha, eles me emprestou dinheiro, pra ir pagando no mês. Construí minha casa... A daqui também. Primeiro foi a daqui. Logo no início quando eu comecei, antes do real. Aí ela me emprestou o dinheiro e eu fiz a daqui, construí a daqui e tenho uns cinco anos, quatro, três a quatro anos, sei lá que eu fiz a casa de Serrinha.

De quinze em quinze eu vou pra Serrinha. Meu filho mora lá. Ele vai fazer vinte anos; não trabalha ainda, não. É Eric e Deyse. Deyse também não tá trabalhando; tá procurando

trabalho. Mas já trabalhou num mercadinho. Ela tem vinte e cinco e Eric vai fazer vinte. Quem disse que eles estudaram?? Eric parou esse ano, mas ele vai retornar de novo (a expressão no rosto e nas mãos indica que a decisão é dela). Parou esse ano, mas ele vai retornar! Vai retornar porque eu quero! Porque ele é um menino muito inteligente e os estudos... tem uma professora de Português aqui que conhece ele e ela acha ele inteligente, só que ele é preguiçoso pra estudar. Ele estudava no Otávio (Colégio Estadual Otávio Mangabeira) e as professora falava que ele é muito inteligente só que ele é muito preguiçoso. Se ele não estudar, como é que ele vai trabalhar? Aí tem dificuldade pra trabalhar. Deyse não estudou, tá com vinte e cinco e tem dificuldade de arranjar emprego. Imagine?! Deyse parou também porque ela engravidou logo com doze anos. Engravidou logo com doze anos, pariu o primeiro filho com treze. Hoje tem quatro. Aí depois que teve o primeiro filho não voltou mais.

Não sou casada, não. (expressão de desgosto.) (risos) Não vou nem falar porquê. Já fui, agora Deus o livre, Jesus me livre. Só casei uma vez e não quero mais. Namorado? Deus me livre. Piorou agora que a gente não sabe quem é esses homem de hoje. Pra se envolver com homem tem que saber quem é, procurar saber quem é, pegar a ficha dele todinha (risos). Se fosse possível eu ia até na polícia ver a ficha dele ver se não tem ficha, pra ver se não tem entrada. Meus filhos são desse casamento. Fiquei casada muito tempo, foi uns dezesseis anos. Faz um tempo que me separei. Pro futuro dos meus filhos, eu espero casar e trabalhar, trabalhar e casar,né? Trabalhar pra depois casar. Minha filha seguir a minha profissão? Rapaz... isso aí quem sabe é Jesus.

Tenho 20 anos trabalhando nesse lugar. Gosto muito do pessoal, tenho uma família muito boa pra mim, tudo que eu preciso, tá todo mundo às ordens me esperando, tenho 4 neto maravilho, dois filho, e aí tô levando minha vida,né? Antes eu não tinha nada, hoje eu tenho duas casa, tenho uma aqui, outra em Serrinha. Quando eu quero passar o final de semana, vou pra lá pra passar o final de semana do feriado (São João) e minha vida hoje tá ótima pra o que eu já passei, hoje tá ótima. E eu parei de estudar com 15 anos pra trabalhar, passei quantos anos? Trinta. O ano passado que eu retornei ao colégio, pensei que eu nem ia saber de mais nada. Passei direto, hoje eu tô fazendo a 8ª, pretendo levar a frente que eu pretendo sair de

doméstica. Eu voltei pra estudar pra ter outra vida. Se Deus quiser. Primeiro lugar Deus, se Ele achar que devo, vou em frente. Se não for da vontade Dele, que é que eu vou fazer? Nada.

Eu não tenho religião, não. Já frequentei a igreja Católica. De vez em quando eu vou. Faço minhas oração em casa mesmo. Não quero falar mais nada, acho que acabou tudo. A única coisa que eu vou falar é que os professores daqui todo mundo me trata bem, é maravilhoso, me ensina bem, principalmente o professor de Matemática. O professor de Matemática é Lázaro, ele diz que eu vou aprender, que ele vai me ensinar e eu vou aprender.

Após encerrada a entrevista, D. Firmina disse que se ela conseguisse folga aos sábados, ela não iria procurar trabalho no hospital, como era seu sonho. Ela gosta do emprego, tem estabilidade, mas o único problema é a falta de tempo para cuidar de si, ter momentos de lazer, poder visitar a família em Serrinha nos finais de semana.

Creuza¹⁴

“Mas eu tô estudando nem pensando em um emprego bom, hoje eu tô investindo nas meninas, pra que elas estude, pra que elas tenha uma vida diferente da da gente, que a mãe e o pai dela teve.”

Creuza foi a última entrevistada. O intuito éramos fazer 2 sessões, mas em apenas um encontro, ela contou sua vida como um longo desabafo. Fala da vida difícil na pequena cidade que se agravou depois que deixou a família para trabalhar na casa de uma patroa exploradora. Também vinda do interior rural para trabalhar como doméstica em Salvador, conta a entrada tardia na escola devido ao atraso do desenvolvimento da cidade natal. Já no serviço doméstico, a frequência à escola ficou comprometida devido aos impedimentos família para quem trabalhava; aos doze anos, sobrecarregada com as tarefas domésticas e as opressões da patroa, não tinha tempo para estudar. A chegada das filhas também foi uma razão para a saída ou não-retorno à escola, pois, não tinha com quem deixá-las para estudar, preferindo oportunizar o marido para que ele retomasse os estudos.

D. Creuza encontrava-se, no momento da entrevista, na 5ª/6ª séries e afirma que na Igreja, aprendeu muito mais a ler e escrever do que na escola, assim como D. Laudelina.

A entrevista de Creuza durou 92 minutos e foi realizada no pátio da escola. Tínhamos previsto duas sessões, mas logo no primeiro encontro, Creuza trouxe uma diversidade de informações que considerei suficientes.

Creuza , em seus próprios termos:

21/07/2011

Minha vida é triste, né? Primeiro, minha mãe faleceu quando eu tinha 12 anos. Foi aí que eu vim pra aqui. Eu morava no interior, num lugar bem atrasado mesmo, não dava nenhuma possibilidade pra gente,né? Também os meus pais não tinham noção do que era o estudo. Pra

¹⁴ Em homenagem a Creuza Maria Oliveira, ativista, atual presidente da Federação Nacional das Trabalhadoras Domésticas (FENATRAD), luta, especialmente, em prol da igualdade de direitos das trabalhadoras domésticas.

eles ler um pouquinho, escrever o nome já era suficiente. Colocou a gente no colégio municipal, mas, por exemplo, se fosse ter prova hoje, as pessoas que vive na roça, vive de molhação pra fazer plantação,né? Aí por exemplo, se chovesse hoje, se fosse fazer plantação e tivesse prova hoje, a gente não ia fazer prova, tinha que ir trabalhar na roça. A gente trabalhava plantando milho, feijão, mamão,,né? Pra ter as coisas mesmo, a gente tinha que colocar a mão no chão, pra poder viver e comprar as coisas pra gente. Aí foi o que me fez vim pra cá pra Salvador. Eu sou de Nova Redenção. Agora que já tá no mapa, porque acho que antigamente nem no mapa tava. (risos) Depois que descobriram a Chapada Diamantina que foi que melhorou um pouco mais. Aí o desejo de vim pra Salvador era pra ensinar, mas a gente era tão bobinha, minha filha, tão boba, parecendo bicho do mato! Mas quando eu vim, minha mãe ainda tava viva. Eu deixei ela grávida, ela tinha 12 filhos. Aí a filha de uma conterrânea morava aqui, e a vida lá muito difícil, o pai também não ajudava muito, a gente trabalhava muito, um pouco até de escravidão! Aí eu vim, foi que me trouxeram, falaram que iam me tratar como filha, que ia me colocar pra estudar. Olha que pai não queria, mas mãinha ficava: “Deixa a menina ir, que ela vai conseguir viver, estudar, ter as coisas dela. Quer ela trabalhando na roça?”. Então eu vim com a promessa de que eu ia ser tratada como filha, que ia me dar uma vida melhor, me colocar na escola, só que a realidade é outra. Eu com 12 anos assumi responsabilidades que não era pra uma menina de 12 anos. Eu lavava a casa quase toda, só não fazia cozinhar, mas o resto, tudo o que você imagina. Tomava conta de 3 crianças, uma pior do que a outra. Aí me colocaram na escola. Só que não adianta a gente entrar no colégio e não ter tempo pra estudar. Tem que ter tempo pra estudar, tem que ter dedicação, e eu não tinha. Eu levantava seis horas da manhã pra arrumar as crianças, levar na escola, quando voltava, lavava roupa, fazia uma coisa e outra, aí quando terminava de fazer as coisas, não tinha tempo pra estudar. É tanto que na terceira série, eu repeti 2 anos. Quando eu vim pra aqui comecei a estudar na 1ª série mesmo. Porque lá no interior estudava a cartilha, o ABC, essas coisas assim. Depois é que a gente ia estudar a primeira. Aí estudei a primeira, a segunda, na terceira repeti 2 anos. Aí estudei a quarta e fiquei faltando fazer a quinta. Quando fui fazer a quinta, eu desisti. Conheci um rapaz, comecei a namorar, aí já vai ter filho, sabe? Aí pronto, as meninas nasceu, aí não tinha com quem deixar pra eu ir pra escola. Aí parei, isso foi há 16 anos, já tem o que? Três anos que eu tô estudando. Ele também “Eu não tô

aprendendo nada.” Tá vendo que não vai aprender,né? Aí me incomodava e também o esposo, gosta muito, por sinal, tem a mesma história, bem parecida com a minha, ele sofreu muito, muito muito muito. Por sinal, a mãe dele...nós somos primos bem longe. .

Nisso, minha filha, fiquei nessa casa, sabe quantos anos? Dez anos. Não sei até hoje como eu consegui ficar. Pense na escravidão? Não recebia salário, não recebia nada! Vivía em troca de comida. Eu cheguei a pesar 72 quilos. A ansiedade era tão grande, tava tão tensa, que invés de eu emagrecer, eu comecei a engordar. Imagine! Pra ver meus pais, eu levava três anos pra ir lá. Não tinha dinheiro pra ir, se eles não me dava. E quando eu ia, eu ia no meio do ano. Nunca deixava eu ir no final do ano, porque sabia que se eu fosse no final do ano, eu não voltava mais. Aí quando ia, no meio do ano, era depois de dois, três, quatro anos, pra ver meus pais. Ah minha filha, era uma escravidão. Uma escravidão! Eu seis da manhã, tava acordada. É um livro, minha história. É um pouco da vida, da vida do trabalho. Família, graças a Deus, acertei. Tenho dezessete anos de casada, tenho duas filhas, a gente vive super bem, na medida do possível. Porque a imperfeição não deixa a gente viver 100%,né?

Sem contar, ficar 10 anos sem estudar, 10 anos sem fazer um futuro. É minha história de vida. E pra te confessar hoje, eu sei que todo trabalho é digno, desde quando é honesto, todo trabalho é digno, mas esse trabalho de doméstica eu faço porque realmente tenho que trabalhar muito, mas me criou um certo trauma, mesmo. Porque assim, primeiro não tem direito a nada, segundo é muito humilhante, muito escravo. Por sinal saí de um, tô em um agora que é duas vezes no mês. E já tô saindo. Eu sou diarista. tô trabalhando em um que é duas vezes no mês. Eu tô aqui pela misericórdia. Imagine, duas vezes no mês. Um apartamento pra ser limpo, eu passo meio mundo de roupa pra depois fazer faxina. Aí, vou lutando, fazendo curso, pra ser cabeleireira, ter meu salãozinho. Vou começar a fazer o curso. Eu quero sair do trabalho de doméstica. Até porque eu não tô aguentando mais, minha filha. Imagine, de doze anos, hoje eu tô com 39 anos. Esse tempo todo, sem ter proteção, sem usar uma luva, sem usar uma máscara, respirando essas químicas esses anos todos: tô doente! É, porque *Qboa* (água sanitária), se eu pegar, começo a me coçar toda, tem dias que não consigo nem dormir de tanto me coçar. Às vezes uso outros produtos, o *Veja*, que é cheirosinho, mas é química! Prejudica a gente, porque tanto você respira quanto entre pelos seus poros. Sem

contar a coluna que você se acaba, porque toda hora você tem que se abaixar e você não tem tempo pra ficar se abaixando com postura. E realmente eu já tô cansada de trabalhar assim.

Eu já tô estudando não é nem mais com um objetivo de arranjar um trabalho melhor, porque já vou entrar nos 40, e infelizmente, hoje 40 anos o povo já acha que é velho, 40 anos já tá quase saindo da oportunidade de arranjar um emprego, infelizmente. Eu tô fazendo ainda a 7^a/8^a série, daqui que eu me forme, daqui..., então eu tô estudando mais pra me desenvolver mais, pra mente não ficar retardada, porque vou te contar, viu? Minha mente, no primeiro ano que eu comecei a estudar, ah meu pai! Tá começando a abrir um pouco agora; eu não conseguia entender nada! Minha mente parava, apesar que eu leio muito em casa. Leio muito a bíblia, leio muitos livros, mas a mente da gente sempre tem que tá se movimentando. Por isso mesmo que eu tô estudando. Enquanto isso, daqui pra lá se surgir a oportunidade de arranjar um outro trabalho, mas se não, vou fazer curso, que é o que tá mais valendo a pena. Quantas pessoas aí que é formado e trabalha numa coisa que... porque emprego hoje, as pessoas hoje não pode se dar ao luxo de ficar escolhendo o que quer fazer, infelizmente. Quanto mais a gente estuda, mais a gente se desenvolve. Mas eu não tô estudando nem isso pensando em um emprego bom, hoje eu tô investindo nas meninas, pra que elas estude, pra que elas tenha uma vida diferente da da gente, que a mãe e o pai dela teve. Mas é um livro mesmo, a minha história. Isso é só as coisas que eu tô conseguindo lembrar.

Ah, pra sair do meu primeiro trabalho, ela não queria que eu saísse. O esposo dela era mais compreensível, ele reconhecia, conversava muito com ela que – eu já tava com dezessete anos já – ele falava assim “Você precisa trabalhar de carteira assinada.” Só que eu não entendia nada disso e ele ficava sempre me falando isso. Só que ela não queria que eu saísse. Também, né? Escrava, não ganhava nada. Minha filha, uma humilhação! Eles não assinaram minha carteira porque não tinham dinheiro não. Só pra manter pose, pegou uma menina do interior, bobinha, e trouxe pra Salvador pra escravizar. Pra você ter uma ideia, eu dormia – lembra que o pessoal usava muito carpete? Hoje o pessoal não usa mais porque os apartamento entrega tudo já pronto, mas antigamente era aquele cimento grosseiro, aí quem tinha condição botava

cerâmica, quem não tinha condição, ela não tinha condição, era carpete – eu dormia no carpete, respirando aquela poeira toda. Dormia no chão, com um lençolzinho fininho ainda. Lembra daquele lençol tergal, aquele tecido que é tipo seda, seda não! Aquele que você bota fogo e ele derrete. Antigamente chamada tergal. Desde aquele tempo, eu já tava ficava doente. Mas isso não me incomodava, dormir no chão, essas coisas não me incomodava, não. O que me incomodava era... eu não podia sentar no sofá, muita humilhação. As crianças, imagina você dar banho, passar perfume nas crianças e não poder dar um cheirinho na cabeça dos meninos? Não podia. As crianças não podia botar a mão no chão, porque a criança precisa ter um pouco de contato com a terra, pra criar anticorpos, e os filhos dela não tinha. Eu que tomava conta de tudo, tanto que o marido dela falava “Oxe, até parece que Lene é que a mãe.” Ele falava que eu parecia que era a mãe dos meninos, porque tudo era comigo. Os meninos me maltratava muito, me xingava, me batia, mas eu me apeguei a eles e eles também se apegaram a mim, o menorzinho só dormia se eu colocasse pra dormir. Quando era domingo, eu levava no Pituaçu, tinha um parque que eu levava pra eles brincar. Então, quando eu falava que ia me embora, ela falava assim “Traz suas empregadinha do interior, quando engorda quer ir embora.” Quer dizer, me tratava como um animal, né? Um porco que você cria, dá comida pra ele engordar, pra você matar, pra você lucrar, porque era como se fosse um animal. Mas “É como se fosse a minha filha” (fala com ironia) As pessoas ao redor via que não era. Menina, você acredita que ela me mandava na venda comprar alguma coisa, me chamava, ficava me gritando na rua. Se eu não saísse de lá, eu ia ficar maluca, porque os gritos dela já tava na minha mente. Às vezes ela não tava nem me chamando, mas eu ficava ouvindo. Se fosse hoje, o pessoal tinha denunciado ela, mas naquele tempo não existia isso. As pessoas às vezes ficava assim “Lene, por que você não arruma um trabalho? Por que você não vai embora?” Mas eu não sei o que é que acontecia comigo, acho que eu também ficava com pena dela, porque ela ficava chorando que queria arrumar um emprego, mas também não tinha estudo, ela também estudou pouco. Porque ela queria arrumar um emprego, mas precisava de mim pra tomar conta das crianças pra ela trabalhar, só que ela não arranjava emprego nunca! Aí falei pra ela que não queria voltar pro interior, aí o esposo dela disse “Você não acha que Lene, ela já tem dezessete anos, a gente ocupou a vida da menina inteira. Não tá na hora de ela arrumar um trabalho e ganhar o dinheirinho dela não? Pra ela cuidar da

vida dela?” de tanto ele conversar com ela, foi que ela reconheceu e me deixou em paz. Mesmo assim, no apartamento, eu morava no térreo e no 1º andar morava uma moça que ela não gostava. Ela era racista e não gostava de negro e a moça era negra. Aí coincidiu que eu fiquei um ano no apartamento dessa moça que ela não gostava, que também não me pagava, porém me tratava com dignidade. Ó, minha filha, pra você ter uma ideia, eu levei dez anos e não sabia o que era comer uma coxa da galinha. Sabe qual era a parte da galinha que eu comia? O pé, o pescoço, quase não me dava a asa, porque na asa ainda tinha uma car ninhã, né? (risos) Era só humilhação, minha filha. Aí depois desse trabalho, veio esse outro que eu fiquei um ano, que ela não me pagava, mas me tratava bem. E acabou também no final, me decepcionando porque não me pagava e eu queria ir no interior, nem o dinheiro da passagem ela não queria me dar. Eu tive que escrever uma carta falando umas coisas pra ela. Aí foi que ela me deu o dinheiro pra eu ir, mas não deu dinheiro pra eu voltar. Escrevi um bilheteinho falando que não teve consideração, disse que ia me dar dinheiro pra eu ir pro interior e não me deu. Aí depois disso foi que ela foi e me deu. Mas mesmo assim, deu pra ir e não deu pra voltar.

Aí pronto, depois desse, arrumei um trabalho, ganhava naquele tempo acho que era equivalente a 60 reais. Aí depois saí, por sinal, era uma pessoa muito boa. O esposo dela ficou desempregado e não tinha condições de me pagar. Trabalhei mais 4 meses, ali naquele Beco São Bento, lá só trabalhei 4 meses porque, com duas meninas pequena, a diferença, hoje uma tem 15 e a outra tá fazendo 17. Imagine, eu ganhando 100 reais, que condição tinha de pagar uma pessoa pra olhar as meninas pra ir trabalhar? Aí pagava a minha irmã. Eu trabalhava de segunda à sexta nesta casa: tomava conta do menino, arrumava o apartamento, por sinal, uma pessoa maravilhosa, não tenho o que falar dela. Aí depois eu saí, fiquei 4 meses lá, porque não tinha com quem deixar as meninas. Eu trabalhava lá na casa dela de segunda à sexta, aí no sábado ela me conseguia uma faxina, eu ia ganhava 25 reais naquela época, aí pegava 15 toda semana e dava a minha irmã pra tomar conta das meninas, no mês dava 60 reais. Aí depois, ficava muito cansativo pra mim de segunda a sábado, ainda tinha o domingo pra lavar as roupas da semana toda, eu não dava conta, aí peguei e saí. Depois desse, fui pra esse que eu tô já vai fazer 7 anos. Eu vou duas vezes no mês. Esse outro que eu saí, tinha 5 anos, eu ia 2

vezes na semana. Aí tô saindo com esse objetivo: fazer cursos pra trabalhar pra mim. Nunca trabalhei de carteira assinada, minha filha! Nunca paguei INSS. Nada! imagina! Nem agora eu tô pagando. Pra eu me aposentar? (Dá gargalhada.) Ah, minha filha, não sei não. Agora eu tô trabalhando como diarista. É assim, eu sempre trabalhei, mas nunca assinaram minha carteira. Nunca tive direito a nada na minha vida. Como eu te falei, fiquei esses dez anos, saí sem nada, sem eira nem beira e a vida sempre foi assim. Nunca assinaram minha carteira. Nunca tive direito a nada na minha vida. Agora esse que eu saí recentemente, ela mandou eu ir no Sindicato das Domésticas, procurar saber se eu *tinha* algum direito. Aí tem direito a férias, décimo, pelo menos nisso eles acerta,né? Não tem direito a nada, direito a muito trabalho, isso sim.

Hoje tudo depende do estudo; coisa simples, gari! Quem não sabe pegar numa vassoura, varrer a rua? Mas precisa do 2º grau! Hoje uma criança de 5 anos, ela tem noção de que pra ela ter um futuro mais ou menos, ela precisa estudar. No meu tempo, eu não tinha noção disso. Agora os filhos dela (patroa) estudava,né? (ironia) E ainda colégio particular. E eu estudava no colégio do Governo e ainda não tinha oportunidade de estudar, porque não tinha como, minha filha, não tinha! Aqui eu entrei na 1ª série. E lá no interior naquele tempo, hoje as crianças entra com 3 anos, 2 anos na escola, antigamente, entrava com 7 anos. Que absurdo,né? Com 7 anos a criança já sabe escrever tudo direitinho, já tá na 1ª série. Mas naquele tempo era com 7 anos que a gente entrava no colégio. E ainda com essa matraca como eu te falei, estudava, mas era a mesma coisa que nada. A gente não tinha também muita noção, o pouco de tempo que tinha ainda ia brincar, porque não tinha noção do que estudo. Aí vim, depois, comecei a estudar direitinho. Mas depois que voltei, parei de estudar de novo. Parei menina, tô dizendo a você que fiquei na 5ª série, dezesseis anos depois, que é agora, que eu comecei a estudar de novo. Mas também eu não tinha assim, não tinha ninguém pra ficar com as meninas pra eu estudar, e ele (o esposo) estudava, aí eu dava preferência pra ele estudar, só que ele era relaxado também pro colégio; no meio do ano saía e também já perdeu muitas oportunidades por não ter o estudo e agora que ele tá levando a sério. Voltei mais pra isso: pra incentivar ele. Pra mim, é como te falei, eu voltei pra me desenvolver mais, melhorar a leitura, me expressar melhor e também trabalhar a mente. Algumas coisas que

aprende a gente pratica no dia-a-dia,né? A leitura, por exemplo. Porque eu sou Testemunha de Jeová. Então a gente lê muito, a gente faz discursos. Sabe o que me ajudou mais na leitura? Não foi nem colégio, porque eu lia soletrando, soletrando mesmo. Depois que eu comecei a estudar a bíblia foi que eu melhorei minha leitura, porque esse estudo bíblico é assim: perguntas e respostas, aí você lê o parágrafo e vem a resposta pra você encontrar. Vem a pergunta, aí você lê o parágrafo pra você encontrar a resposta. Isso aí me ajudou, a gente tem a leitura regular da bíblia todos os dias, temos 3 reuniões por semana que a gente prepara. Então me ajudou muito nesse campo, porque se depender de colégio, minha filha, infelizmente. Pra você ter uma ideia: eu estudei 2 anos, uma professora que eu não aprendi nada. Todas as matérias são importantes, mas as matérias mais importantes é Português e Matemática, porque é que a gente mais convive no dia-a-dia,né? Mas eu não aprendi nada, porque a professora não passava nada. Agora, a professora desse ano é excelente. Bota pra gente fazer, divulgar os verbos, bota pra gente fazer interpretação de texto, sabe, puxa bastante da gente e também reforça,né? Mas o que mais ajudou foi a religião mesmo.

Menina, daqui da escola eu não gosto assim, do atraso,né? Nunca começa 7 horas, mas vai levando. Os professores incentiva, eles são ótimos. Teve essa daí que me decepcionou um pouquinho, mas já tá pra trás. (risos) São ótimos. Esse Manuel mesmo é EXCELENTE! Pense no professor! Ele é de Geografia. Sabe, ele se coloca no lugar de pai da gente, aconselha. Se ele pudesse abrir a mente da gente e colocar, é tanto que a gente sentiu falta dele esse ano. Ele agora tá numa outra turma. No início, pra me adaptar com a nova professora deu um pouquinho de trabalho, mas já me acostumei. Mas é excelente ele. Porque tem aqueles professores que se dedica realmente, que ensina por amor. Eles são mal pagos, mas tem muitos que eles não levam isso pra sala de aula. Eles vai mais por amor.

Minhas filhas ainda não trabalharam não. Ainda não, mas tão doidas pra trabalhar. Tão estudando, Taiana tá na 8ª e Taise tá fazendo o 1º. Taise tem 17, Taiana que fez 15 no mês passado. Pro futuro delas, eu imagino que seja diferente do meu,né? (risos) Não quero que elas trabalhe na minha profissão, não. Não, não, não! Antigamente a gente começava a trabalhar muito cedo; ou você bem estuda, ou você bem trabalha. Elas sonham trabalhar porque a condição financeira da gente é fraca, faz o que a gente pode, mas não consegue

preencher tudo o que os filhos da gente precisa realmente,né? Principalmente que eu trabalhei esses anos toda pra ajudar o pai delas pra pelo menos apoiar nos estudos pra que elas não precisasse passar pelas mesmas coisas que a gente passou,né? Se dedicar aos estudos. Eu sempre conto a história de vida da gente pra elas, que é pra elas ter noção. Hoje as crianças de hoje têm tudo, em comparação com a gente de antigamente, elas têm tudo. Hoje a educação é outra; hoje embora os pais da gente, meu pai trouxe as coisas negativamente que o pai dele deu pra ele, hoje a gente quer o contrário com os filhos da gente. Quer que estude. A disciplina hoje pra você ver, antigamente, pai só faltava matar a gente de bater, não conversava. Hoje não, hoje a gente conversa com os filhos, aconselha. De vez em quando, quando é necessário dá uma... diz que pé de galinha não mata pinto,né? (risos) Hoje, eu já disciplinei, a gente conversa, aconselha, mas tem horas que... às vezes a gente não bate nos nossos filhos, aí vem pessoas de fora e faz pior.

Eu pretendo estudar até concluir o 2º grau. Tem tempo ainda pra pensar. É, pretendo ir até o 2º grau. Pretendo entrar no curso ainda esse ano, eu já até comprei o material, por sinal, é uma lista enorme. Esse curso que eu vou fazer, vai ser do Iraci Machado, são do SENAC, eles são reconhecidos mundialmente, você pode sair, olhar o curso e você já pode sair de lá até trabalhando. É pra cabeleireiro, aí você vai fazer tudo, porque às vezes você paga o curso, e só tem o básico. Lá não, lá você aprende tudo da área de cabelo, até as unhas, porque pediu alicate! Tudo da área de cabelo, você aprende. Não é barato. Porque esse aí é particular,né? E a área de cabelo você trabalha em qualquer lugar, na sua casa, ou você pode ir na casa das pessoas. Porque aos poucos eu tô saindo de trabalho doméstico,né? Por exemplo, esse que eu tô hoje, eu já tô saindo, mas eu tô esperando ela arrumar uma pessoa pra ficar no meu lugar. Também não gosto de deixar as pessoas na mão, não acho que isso é justo. Aí eu aviso com antecedência, porque meu esposo até tá vendo se consegue pra mim, porque como ele é encarregado da obra e a obra já tá terminando, fazer rejunte, rejuntar, pra assinar minha carteira, pelo menos se der pra tirar o que, uns 3 a 4 meses. Pra pelo menos manchar a carteira,né? (risos) Que nunca foi assinada. Ele trabalha de carteira assinada. Enquanto isso, eu vou fazendo os cursos, que a gente não pode dizer: “Dessa água não beberei”. A necessidade obriga. Se o que eu sei fazer é isso, infelizmente. Eu só sei fazer isso? Lavar

prato, lavar roupa... (risos) Eu comecei a trabalhar de doméstica porque não tinha outra opção! Não tinha outra opção! Imagine: saí de lá através de uma pessoa, que eu imaginei que era uma coisa e era outra. E também não tinha condição nenhuma de trabalhar numa outra área, não tinha estudo, não tinha conhecimento de nada. Então só tinha isso mesmo, a saída era só essa mesmo. E até agora, é a saída pra mim, enquanto não faço outros cursos, é isso mesmo. Agora vou descansar um pouquinho. Eu pretendo dar um tempinho, porque realmente, eu tô acabada minha filha. E eu vou sair pra não fazer mais esforço e ele agora que deu passinho mais na frente, ele pretende que eu faça os cursos. Porque na realidade, esses anos todos, ele permitia, mas não gostava muito que eu trabalhasse. “Oh, Lene, você chega muito cansada em casa” e realmente é muito cansativo. É bom assim pra fazer pra casa da gente, mas você viver disso, minha filha, é difícil.

Sempre tem alguém pra falar “Por que você não estuda?”. E também sabe o que me dava mais vontade? Quando eu via o pessoal vindo pra escola, os filhos se arrumando pra ir, tudo isso incentiva a gente pra estudar. Todas essas coisas incentiva, o esposo também que ele começou a vir primeiro. Ele dizia “Oh, quando as meninas crescer, eu vou estudar”. Agora cresceu...

O que desejo pra minha família? Não é nem materialismo, porque isso aí não traz felicidade. O que eu desejo é que elas também sejam feliz, porque elas desejam casar, é o desejo natural que a gente tem em comum. A mais velha pretende se casar. Que seja feliz no casamento dela, que tenha a família dela, porque acho que hoje a coisa mais importante na nossa vida, é isso. Viver bem entre família, ter o que sobreviver, é isso o que traz felicidade. Nós seres humanos, a gente vive muito pouco e a gente tem poucos momentos de felicidade, nós temos momentos de felicidade; você tá feliz, daqui a pouco vem uma notícia ruim, acaba toda a sua alegria. Então a gente tem que aproveitar os momentos bons da vida. porque tem coisas que é importante, mas não traz felicidade: dinheiro, ter dinheiro, ser rica, isso não tem muita importância não. É você viver e ter o necessário, ter sua casa organizadinha, ter um trabalho que dê um sustento, que dê uma reservazinha pra na hora do aperto, porque hoje, infelizmente, a área da saúde tá terrível, se a gente não tiver dinheiro, a gente morre à míngua. É, minha filha, você chega num hospital desse aí morrendo, ninguém atende. Então é nessa hora que o dinheiro realmente, você vai com seu dinheiro, chega ali paga uma consulta, faz

um exame rápido, e a gente que não tem dinheiro, a gente tem que fica no SUS, vai doente e volta pior. (risos)

Pro meu futuro, é continuar fazendo a vontade do meu Criador, que ele realmente reserva um futuro eterno pra gente. É isso: continuar fazendo a vontade dEle, concluir meus estudos, se surgir oportunidade de trabalho melhorzinho, bem vindo, senão, fazer meus cursozinhos trabalhando pra mim. Aí pretendo fazer esse, acho que é 6 meses, esse. Também tô empenhando muito as meninas pra fazerem curso, elas agora mesmo acabaram de fazer um de computação. Pretendo, como elas ganham o Bolsa Família, pra investir nelas, é pagar curso. Esse mesmo que elas acabaram de fazer foi com o dinheiro do Bolsa Família. Não é delas mesmo? Então a gente já investe nelas mesmo. Aí a gente tava fazendo o que? Todo mês eu tava guardando esse dinheiro, pouco com Deus é muito,né? Apesar de ser pouquinho, mas aí é o dinheiro delas duas. Aí eu tava botando lá na conta, depois veio a ideia de aproveitar, porque hoje tudo tem que ter computação. Eu mesmo não sei nada de computador, mas é relaxamento mesmo, porque elas sabe e pode até me ensinar, mas eu sou relaxada. A mais velha é louca pra trabalhar e a outra também. Elas ficam sonhando acordada com emprego. Eu digo: “Calma, calma, tudo tem seu tempo certo.”

4 MULHERES NEGRAS: TRABALHO E EDUCAÇÃO

Para aprofundar a análise sobre as condições de trabalho da mulher negra, especificamente da trabalhadora doméstica, apresento, a seguir, importantes estudos, a exemplo de Beauvoir (1949) e Joan Scott (1994; 1995) que, embora tenham secundarizado ou invisibilizado a atuação da mulher negra do mercado de trabalho, abriram espaço para a análise das especificidades do trabalho doméstico e o reconhecimento das empregadas domésticas enquanto classe trabalhadora. A partir desses estudos, novos enfoques passaram a compor os estudos sobre o trabalho doméstico, sendo necessário, principalmente no Brasil, o reconhecimento da tríade raça, classe e gênero para uma melhor compreensão das contradições e nuances do trabalho doméstico.

4.1 MULHERES NEGRAS NO MERCADO DE TRABALHO

Analisando as experiências das mulheres trabalhadoras domésticas, partimos de um ponto em comum entre elas: todas são trabalhadoras, mães de família e têm duplas e triplas jornadas de trabalho. O trabalho doméstico, executado secularmente por mulheres, já foi alvo de questionamento; por ser realizado no âmbito da casa, seria considerado trabalho? Mas antes de mergulhar na discussão sobre o trabalho doméstico em si, considero pertinente apresentar, a seguir, algumas contribuições teóricas sobre a presença feminina no mercado de trabalho para legitimar o lugar social da mulher nas esferas produtivas da sociedade.

Muitas pesquisas acerca da presença feminina no mercado de trabalho, principalmente no Brasil, ganharam força a partir do século XX, trazendo como marco o crescimento do setor industrial no país e como principal objeto de análise a questão de gênero, destacando as disparidades entre homens e mulheres (SCOTT, 1994). De acordo com Scott, *a mulher trabalhadora é fruto da Revolução Industrial, tanto pela mecanização que abriu espaços de trabalho para mulher, quanto (principalmente) pela representação que passou a ser construída dessa mulher, uma figura “perturbadora e visível (...)”* (1994, p. 443)

Os estudos sobre as mulheres crescem simultaneamente com os estudos feministas, cujo principal objeto era a presença feminina no mundo do trabalho. Ainda que recente, a produção literária, em torno da mulher trabalhadora, trouxe enormes contribuições na mudança das representações sobre os homens e mulheres e seus respectivos espaços de atuação na sociedade. Vicente ressalta a importância do reconhecimento da participação feminina na construção da História:

Esta é a primeira ideia com que vos queria deixar – quanto é recente esta nossa capacidade de conseguir sequer analisar as relações de poder entre as mulheres e os homens. Como dizia Jacques Le Goff numa conferência que pronunciou recentemente em Lisboa: ‘Foi necessário chegar ao século XX para que os historiadores se debruçassem sobre a história de uma metade da humanidade – ou seja, sobre a história das mulheres.’” (VICENTE, 1999, p.34)

Entretanto, grande parte das pesquisas que tratam da questão feminina e sua relação com o trabalho restringem-se às dimensões de gênero e classe, deixando de lado outros fatores que contribuem significativamente para traçar o perfil histórico e lugar social de mulheres que atuam no mundo do trabalho muito antes do que apontam estas produções.

Supõe-se que a questão de gênero, enquanto forma de organização social entre homens e mulheres, foi projetada inicialmente pelo movimento feminista dos EUA, rejeitando a concepção das diferenças entre os sexos a partir do determinismo biológico, de acordo com Scott (1995). Então, entendia-se que os(as) estudiosos(as) e pesquisadores(as) não poderiam limitar as transformações ao papel social do homem; o conceito de gênero visava ao entendimento dos processos socio-históricos a partir de uma relação recíproca entre ambos os sexos. Em outras palavras, essa metodologia não objetivava uma análise restritiva do papel feminino, propondo uma história da mulher separada da história do homem, mas sim, uma nova concepção dos papéis sociais masculinos e femininos. Dessa forma, a inserção do *gênero* nas análises das relações sociais implicava uma nova onda de estudos que propuseram a reavaliação e transformação daquilo que era considerado e determinando historicamente como importante, colocando a mulher como sujeito histórico e social e, portanto, dando início a uma nova História. (SCOTT, 1995)

[...] “Gênero” como substitutivo de “mulheres” é igualmente utilizado para sugerir que a informação a respeito das mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica no estudo do outro. Este uso insiste na ideia de que o mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens, que ele é criado dentro e por este mundo. Esse uso rejeita a utilidade interpretativa da ideia das esferas separadas e defende que estudar as mulheres de forma isolada perpetua o mito de que uma esfera, a experiência de um sexo, tem muito pouco ou nada a ver com o outro sexo. Ademais, o gênero é igualmente utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. (*Ibid.*, p. 03)

A crescente onda de estudos a partir da inclusão do gênero na compreensão das relações sociais, suas formas de organização e as origens das diferenças sociais trouxeram à tona a migração das mulheres do domicílio para outros lugares sociais, antes naturalmente preenchidos pelo público masculino; o mercado de trabalho foi um deles.

Os estudos feministas encarregaram-se de dar espaço ao trabalho doméstico no campo da pesquisa e abordaram a presença da mulher no mundo do trabalho, tendo como marco, a Revolução Industrial, cujas máquinas anulavam as diferenças entre homens e mulheres nos espaços produtivos. A exemplo, Beauvoir, em *O Segundo Sexo*, traz sua visão a respeito do trabalho da mulher com o avanço da indústria; no momento de *libertação* feminina da opressão da servidão doméstica:

A igualdade só se poderá restabelecer quando os dois sexos tiverem direitos juridicamente iguais, mas essa libertação exige a entrada de todo o sexo feminino na atividade pública. ‘a mulher só se emancipará quando puder participar em grande medida social na produção, e não for mais solicitada pelo trabalho doméstico senão numa medida insignificante. E isso só se tornou possível na grande indústria moderna, que não somente admite o trabalho da mulher em grande escala, como ainda o exige formalmente...’ (ENGELS apud BEAUVOIR, 1949, p: 81)

Segundo Scott (op. cit.), a discussão sobre gênero, ainda estritamente voltada às transformações do papel da mulher, passou a reconhecer, criticar ou validar a inserção feminina em outros sistemas sociais, econômicos, políticos e de poder, para além da esfera familiar e domiciliar.

Devido à inserção da mulher nas fábricas e em outros postos de trabalho que davam preferência pela mão-de-obra feminina, barata e adequada a certos tipos de atividades,

especialmente nos países da Europa como Inglaterra e França, muitos estudos chamaram atenção para a presença e a compatibilidade feminina com o mundo do trabalho assalariado. Em seus estudos, a autora aponta que, com a saída das mulheres de classe média do lar para os espaços produtivos, entraram em conflito os valores do mundo pré-industrial, onde o papel da mulher são as atividades domésticas e a prioridade à família, com o mundo industrializado, trazendo uma nova figura da mulher, afastada do lar, da família com o trabalho remunerado, ganhando consequentemente, um outro lugar social. (Idem, 1994)

Esse novo lugar social feminino traz novas representações sobre os papéis naturalizados como masculinos e femininos. A mulher, antes atribuída sempre ao âmbito doméstico e familiar, adquire outras funções sociais, conquistando espaços agora na esfera pública e, consequentemente, se aproximando dos espaços de poder e prestígio social. Em contrapartida ao que alguns estudiosos afirmaram no tocante à incompatibilidade feminina com o mercado de trabalho, devido ao suposto afastamento das suas obrigações domiciliares, desde a década de 1990, outras produções trazem um aumento no número de famílias que passaram a ser chefiadas por mulheres (SANTOS, 1998). Isso nos leva a inferir que mesmo com sua inserção no mercado de trabalho, a mulher não se afastou da esfera privada; ao contrário, a sua conquista de poder na esfera pública possibilitou o sustento e comando da família, dando origem a um novo modelo de organização da família nuclear e da vida privada como um todo.

Scott traz a Revolução Industrial como o fenômeno que desencadeia a inserção feminina no mundo do trabalho, mas ressalta que a existência da mulher trabalhadora antecede esse período. Todavia, sua presença no mercado de trabalho passa a ser estudada e analisada a partir do Século XIX. Para ela,

Apesar da mulher trabalhadora já existir muito antes da chegada do capitalismo industrial, foi a partir do século XIX que passou a ter atenção sem precedentes, a ser estudada e debatida sua presença no mundo do trabalho. (1994, p.443)

Essa mulher trabalhadora já atuava no mercado de trabalho como costureira, fiandeira, ama, criada nas zonas urbanas e rurais da Europa e da América, porém deve-se admitir que foi, a partir do século XIX, que a presença da mulher no mundo do trabalho e sua

transferência das atividades reprodutoras do lar para as atividades produtivas industriais passaram a ser estudadas, analisadas e debatidas mais efetivamente.

Tomando como marco da inserção da mulher no mundo do trabalho, o crescimento industrial das civilizações ocidentais deixam-se de lado ocupações femininas seculares de outras épocas e civilizações ou até do mesmo contexto, mas com diferentes formas de organização social. Em outras palavras, geralmente a abordagem da mulher trabalhadora é restrita apenas às condições de gênero e classe o que implica a invisibilidade de outras variáveis que retratam a realidade de outras mulheres trabalhadoras.

Por muito tempo, os estudos feministas direcionaram seus objetos de estudos para o trabalho da mulher nos espaços produtivos do mercado de trabalho. De acordo com Motta (1992), os estudos feministas deram visibilidade ao trabalho doméstico, ao seu lócus e modo particular de organização do trabalho:

Foi o feminismo, sobretudo nos anos 70, quem se encarregou de começar, afinal, a estudá-lo e analisá-lo como processo de trabalho e como relação social, e não sem alguma resistência da academia, posto que ainda era menosprezado pela ciência social oficial, androcêntrica. Somente quando se avolumou a produção nesse campo temático, ele passou a ser considerado merecedor de análise teórica e de pesquisa empírica. (p.32)

Motta também afirma que, a priori, os estudos tentavam explicar a organização do trabalho doméstico baseados em questões de ordem econômica, enquanto outras contradições e especificidades desse trabalho, até mesmo seus próprios sujeitos, uma vez que, do ponto de vista capitalista, a principal função do trabalho doméstico é permitir que as mulheres possam adentrar nos espaços produtivos do mercado de trabalho, secundarizando o serviço doméstico remunerado, suas nuances e funções sociais especialmente para as próprias trabalhadoras domésticas. Assim sendo:

(...) esquecido ficava o caráter original, não diretamente capitalista, da produção doméstica e despercebida a forte carga ideológica que impregna as relações que a constituem, e que mantinham inquestionada – e em grande parte ainda mantém – a realização desse trabalho em âmbito privado, de modo gratuito ou mal pago e exercido por pessoas majoritariamente do sexo feminino. (1992, p.33)

Em geral, nos estudos feministas, os aspectos de classe e gênero são abordados com muito mais intensidade em relação às questões e temáticas raciais. Beauvoir, analisando a entrada da mulher com o avanço da indústria, mostra os recursos de que dispunham as mulheres quanto aos filhos, para que pudessem atuar no mercado de trabalho:

Quanto às servidões da maternidade, elas assumem, segundo os costumes, uma importância muito variável: são esmagadoras se se impõem à mulher muitas procriações e se ela deve alimentar os filhos e cuidar deles sem mais ajuda; se procria livremente, se a sociedade auxilia durante a gravidez e se ocupa da criança, os encargos maternos são leves e podem ser facilmente compensados no campo do trabalho. (1949, p. 80)

Além de invisibilizar as mulheres, mulheres negras, que já estavam no mercado de trabalho, os estudiosos limitavam as discussões do trabalho doméstico aos conflitos originados com a saída da mulher da esfera reprodutiva; *abandonando* suas responsabilidades femininas de dona de casa, esposa e mãe, trazendo as questões e conflitos de uma realidade destoante das trabalhadoras negras, seja de décadas atrás, seja no tempo presente.

Quando os estudos abordam sobre a mulher nas atividades domésticas, geralmente se direcionam para o trabalho das donas de casa, o trabalho não remunerado, ainda que o Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) não reconheça o trabalho doméstico não-remunerado como atividade produtiva. Importante ressaltar que a categoria do trabalho doméstico foi introduzida no PNAD a partir de 1992 e refere-se ao trabalho doméstico remunerado e não ao trabalho doméstico realizado pelas donas-de-casa, entendido como inatividade econômica.

A discussão sobre o lar não envolve apenas a saída da mulher do espaço físico do domicílio, mas representa o afastamento da própria de seu lugar social historicamente determinado; simboliza o distanciamento das atividades domésticas secularmente naturalizadas como femininas, que nas sociedades ocidentais/ocidentalizadas ocupam patamar inferior nas hierarquias sociais. As sociedades modernas criam e reforçam matizes de inferioridade ao trabalho feminino exercido no domicílio.

Em contrapartida, em muitas sociedades tidas como pré-modernas, o trabalho doméstico era executado pela mulher, além de outras atividades como o comércio e

agricultura, entretanto seu lugar social e importância eram reconhecidos e legitimados. As representações do trabalho feminino em fontes literárias e científicas, acerca de sociedades indígenas e/ou africanas, apresentam o papel feminino como primordial para a organização social. Florestan Fernandes, em *Aspectos da Educação na Sociedade Tupinambá* (1976), descreve a divisão do trabalho na civilização Tupinambá, em que mulheres e homens têm definidos seus papéis sociais numa relação não verticalizada, onde todas as atividades exercidas, desde as crianças aos mais velhos, têm importância para o sustento da comunidade e a preservação dos seus aspectos civilizatórios.

O mesmo acontece em diversas sociedades africanas, em que as mulheres exercem forte controle no comércio de alimentos e demais gêneros de primeira necessidade, garantindo um importante papel econômico. Cecília Soares, em *Mulher Negra na Bahia no Século XIX* (2006), traz a figura da mulher negra enquanto sujeito histórico que compunha a trama das relações sociais no período oitocentista do Brasil. Retrata a atuação da mulher negra trabalhadora livre, liberta ou escrava em diversos setores da economia. Dessa forma, dentro ou fora do ambiente da casa, as mulheres negras assumiam papéis sociais extremamente relevantes em um contexto permeado de problemas sociais, econômicos e políticos. Entre os destaques da mão-de-obra negra feminina, encontram-se o trabalho doméstico e o trabalho de ganho, realizado fora do ambiente domiciliar.

De acordo com Soares (2006), muitas africanas oriundas da Costa Ocidental e trazidas no tráfico negreiro monopolizavam o comércio urbano, principalmente na Bahia, garantindo sua subsistência e de sua família e, muitas vezes, acumulando renda para compra da sua alforria e de familiares e amigos. Portanto, essas mulheres exerciam um forte papel econômico e também sociopolítico, uma vez que a libertação de vários indivíduos foi alcançada através do trabalho dessas mulheres. Além disso, o próprio local de trabalho, como as quitandas, tornavam-se pontos de encontro de sujeitos escravos, livres e libertos, articulando focos de resistência. Outros autores como Schumacher e Vital Brazil ratificam a importância da mulher negra no Brasil escravista tanto no comércio quanto na conquista da alforria para sua própria liberdade e a de familiares e companheiros:

Muitas das mulheres cativas representavam a única ou a mais importante fonte de renda das famílias de pequenos produtores que habitavam os núcleos urbanos do Brasil escravista. Os periódicos do século XIX, de todas as regiões do país, eram polvilhados de anúncios de ‘compra e venda de escravas ao ganho’. Nos arquivos e acervos que preservam a documentação deste período, encontram-se inúmeros registros como o de Manuela, ‘chegada aos 14 anos no Império, foi vendida a um proprietário de Mata-Porcos’. Mais tarde, ele e a esposa, ‘que a tornou sua mucama, confiaram à jovem um tabuleiro, e, todas as manhãs, Manuela ia à cidade carregada de frutas da quinta.’. Não obstante viverem sob as agruras do escravismo, muitas delas conseguiam ao final da jornada ou semana de trabalho nas ruas e mercados, pagar ao “seu senhor” o valor previamente estipulado pelos produtos, e ainda, guardar a quantia necessária para a compra de sua alforria – quando não a de seus filhos e companheiros. Para além do aspecto econômico, o cotidiano das ganhadeiras significava também a possibilidade concreta de se manterem distantes dos rígidos controles e vigilâncias senhoriais, através destes serviços alcançavam uma relativa liberdade de ir e vir, quando e para onde quisessem.”(2007, p. 64)

Em ambos os casos, pode-se constatar tanto a equidade das funções entre homens e mulheres, quanto à presença e importância da mulher nos espaços considerados produtivos da sociedade em um período que antecede o desenvolvimento industrial no país. Não se trata de uma tentativa de preconizar as representações que reforçam o lugar da mulher vinculado ao ambiente doméstico, mas é preciso lembrar que o caráter de pouco prestígio infligido ao trabalho no domicílio de qualquer aspecto – remunerado ou não, para si ou para outros – das sociedades industrializadas, é fruto das representações socialmente construídas baseadas na suposta inferioridade feminina. Como consequência o trabalho doméstico, tradicionalmente relacionado ao papel da mulher, ganha matizes de inferioridade nas hierarquias sociais.

As atividades domésticas também foram (e ainda são) marcadas pela mão de obra feminina, através dos trabalhos das amas, criadas, cozinheiras etc., executadas por mulheres escravizadas, livres ou libertas, conforme trataremos disso mais tarde. Seja nas ruas, seja no domicílio, essas mulheres há muito conviviam com o afastamento do lar e do núcleo familiar – embora algumas mulheres levassem seus filhos para o local de trabalho, como as quitandas –, pela necessidade e/ou por falta de opção. (SOARES, 2006)

As atividades domiciliares eram realizadas pelas escravizadas, dentre elas, o serviço das amas-de-leite. Diferentemente das outras atividades, a aquisição de uma ama precedia de rigorosos critérios. Entre os requisitos estavam a preferência por mulheres que não tivessem

ou viessem a ter descendentes; em outras palavras, as amas se deparavam com a impossibilidade de geração e/ou criação de seus próprios filhos. A prole da escrava representava um empecilho para a produtividade da escrava, um aumento nas despesas ou até mesmo a diminuição no espaço da casa. Portanto, ser ama de leite obrigava a mulher negra a se privar da maternidade, seja na geração, seja na criação. (*ibid.*)

Outro exemplo de privatização abordado por Soares (op. cit.), dava-se no tocante à impossibilidade de convívio com a família nuclear. Para as domésticas, geralmente era exigido que passassem a conviver com a própria família. O espaço da rua era visto como antro de influências negativas e o fluxo das empregadas entre a casa e a rua representava perigo para a família. Além das escravas¹⁵, não era raro encontrar mulheres livres ou libertas residindo no próprio trabalho. Reclusas, o ambiente de trabalho tornava-se também lugar de moradia para as mulheres domésticas. Dessa forma, mais do que a garantia da segurança diante dos perigos da rua, a família explorava o trabalho da doméstica que deveria ficar à disposição dia e noite. Dessa forma, muitas mulheres encontravam-se em uma situação de distanciamento do seu lar e da sua família.

Esse debate em torno do afastamento da mulher de seu lugar social na casa e na família tornou-se eminente apenas a partir dos estudos sobre a sua presença no mundo da indústria, dando enfoque às mulheres de camadas mais abastadas, uma vez que o setor feminino das camadas mais pobres há muito tempo já vivenciava o paradoxo trabalho *versus* família/lar.

A suposta dicotomia entre a inserção da mulher no mercado de trabalho e seu afastamento do lar traz implicações sobre a domesticidade das mulheres de determinadas classes sociais, suas habilidades tradicionalmente naturalizadas de servir a casa e a família. A reordenação da divisão sexual e social do trabalho, ocasionada pela presença feminina no mundo do trabalho acarretou ainda mais a dissociação entre as esferas produtivas e reprodutivas, entre o público e privado. (BARRETO, 1998a)

¹⁵ Algumas teorias marxistas pontuam que o trabalho escravo não se configura como trabalho produtivo, por não gerar mais-valia. No entanto, a questão central dessa discussão são as condições de exploração e opressão das mulheres negras que pouco se diferenciam entre o trabalho escravo e o trabalho que passou a ser produtivo.

De acordo com Barreto (1998a), o trabalho domiciliar, não necessariamente doméstico, alvo de análises dentro da tradição sociológica brasileira fundamentada no marxismo, tendeu a ser visto como uma extensão do trabalho industrial. Sob outras perspectivas, o trabalho no domicílio é percebido, enquanto trabalho por conta própria, no âmbito do domicílio, e não como extensão da indústria. O trabalho domiciliar é todo aquele realizado no âmbito da casa, do domicílio seja da própria trabalhadora seja de outros, sob todas as relações de trabalho e formas de remuneração independentemente da carga horária e do turno da realização. Em muitas análises, o emprego doméstico remunerado vinha sendo excluído dessa discussão, mas agora vem ganhando espaço na literatura e deixando de ser visto como uma extensão da indústria.

O *conflito* entre domesticidade e trabalho era levantado mesmo no caso das trabalhadoras – a exemplo das costureiras – que exerciam suas atividades dentro do próprio domicílio na tentativa de conciliar o trabalho remunerado com as obrigações domésticas, devido aos salários incrivelmente baixos, tendo que priorizar as elevadas horas de trabalho para ganhar o que fosse suficiente para o seu sustento e da sua família, afastando-se parcialmente das responsabilidades domésticas. (SCOTT, 1994) Como já afirmei anteriormente, muitos dos estudos feministas que se atentaram mesmo parcialmente ao trabalho doméstico, diziam respeito ao lugar social da dona de casa, que, dentro de um conceito amplo de trabalho doméstico, também executam esta função. Mas, se tratando de trabalho doméstico remunerado, necessariamente são abordadas questões relativas às mulheres de outros lugares.

Implicitamente o que se pretendia questionar era o distanciamento da mulher de classe média das suas atividades reprodutivas naturalizadas como estritamente femininas, tais quais a manutenção do lar e o cuidado com marido e filhos. Mas, ao se tratar do distanciamento de atividades reprodutivas, como fica a situação de mulheres trabalhadoras que estão nos espaços produtivos, embora exercendo atividades que reproduzem estigmas do lugar social feminino? Em outras palavras, o que discutir sobre o realizado *na casa*, mas *fora de casa*?

Segundo Barreto (1998a), o espaço da casa sempre foi mais significativo para o gênero feminino e muito mais expressivo para as mulheres pretas, mestiças e pardas. O trabalho na casa é diferenciado pela posição na ocupação; as mulheres brancas representam uma parcela

bem menor no trabalho doméstico e, no que diz respeito, ao trabalho remunerado *dentro* da casa, essas mulheres geralmente atuam como autônomas, não necessitando de adaptação da casa ao trabalho. Em muitos casos, o trabalho na casa das mulheres brancas é uma extensão do trabalho da indústria, quando a realização do trabalho é feita para atender as exigências de contratantes externos. Os avanços dos estudos em torno das condições do trabalho na casa restringem-se ao lugar social da dona de casa e/ou das trabalhadoras autônomas, sendo deixadas de lado as realidades e peculiaridades da trabalhadora doméstica.

Conforme pesquisadoras como Aparecida Sanches (1998), o trabalho doméstico pode ser exercido desde babás, lavadeiras, cozinheiras, copeiras, porteiros, até mesmo pelas donas de casa. Entretanto o que define, de fato, o trabalho doméstico em si e que demarca os lugares sociais de uma babá ou de uma dona de casa são os matizes ideológicos que permeiam o trabalho doméstico remunerado, carregado de representações de subalternidade e inferioridade.

O trabalho doméstico, aquele que não é exercido pela dona de casa, impõe esse paradoxo no cotidiano das trabalhadoras, seja no período escravista – quando as mulheres escravizadas eram obrigadas a se afastarem do núcleo familiar, -, seja nos dias atuais – quando há dificuldade de conciliar as longas jornadas com a vida familiar. No final das contas, o convívio com seu próprio núcleo familiar é muito restrito e, algumas vezes, essas mulheres são explícita ou tacitamente privadas de conviverem ou construir sua própria família¹⁶.

A situação se agrava quando se trata de trabalhadoras domésticas que dormem no emprego, as mensalistas residentes: a carga horária diária de trabalho não tem limites, as folgas semanais garantidas por lei não são respeitadas, entre outras privações e explorações, cujas falas das participantes elucidam a ***precariedade do trabalho doméstico***:

Nisso, minha filha, fiquei nessa casa, sabe quantos anos? Dez anos. Não sei até hoje como eu consegui ficar. Pense na escravidão? Não recebia salário, não recebia nada! Vivia em troca de comida. (...) Pra ver meus pais, eu levava três anos pra ir lá. Não tinha dinheiro pra ir, se eles não me dava. E
--

¹⁶ SOARES, 2006.

quando eu ia, eu ia no meio do ano. Nunca deixava eu ir no final do ano, porque sabia que se eu fosse no final do ano, eu não voltava mais. Aí quando ia, no meio do ano, era depois de dois, três, quatro anos, pra ver meus pais. Ah minha filha, era uma escravidão.

Carolina, em seu primeiro trabalho, era mensalista residente e denuncia as intermináveis jornadas diárias de trabalho a que era submetida aos 11 anos:

A mulher era pobrinha também, não tinha nada. Era pior do que a casa da minha mãe. Não tinha nem lugar de dormir. Aí eu trabalhava na casa dela, minha colega trabalhava na casa da mãe dela, aí eu ficava na casa dela durante o dia e de noite eu ia dormir na casa da mãe. Se não tinha lugar de dormir! Entrava 6h30 da manhã, saia 6h30 da noite e pra dormir, quem dorme no trabalho não tem hora de dormir, principalmente quem toma conta de menino. Oxe, às vezes dava 10 horas, os menino tava lá, eu tomando conta dos menino.

Laudelina também critica a disparidade entre o trabalho doméstico e as demais ocupações que dá margem à exploração por parte dos patrões. Assim como Creuza e Carolina, Laudelina demonstra que, ao contrário do trabalho como mensalista residente ou externa, o trabalho da diarista possibilita uma autogovernabilidade e maior autonomia em suas vidas, para cuidar de si, da saúde e da família, para ter momentos de lazer, entre outras atividades.

(...) eu escolhi dessa maneira porque você tem dia livre pra não ficar presa ao trabalho porque quando você trabalha direto, as pessoas às vezes não quer lhe liberar pra você ir no médico, ou senão, quando libera pra ir pro médico, fica reclamando, entendeu? Fica uma chatice. Aí você adiando, adiando e eu vejo muitas pessoas ficar com problema de saúde sério porque não vai pra um médico. Porque as pessoas cobra muito, quer que você chegue no horário, mas na hora de dar, na hora que você vai sair, neguinho não quer horário. É tanto que até a justiça fala que empregada doméstica não tem horário, ela diz que o horário é junto com o patrão. Eu acho isso um absurdo, porque até a justiça, em vez de ajudar, prejudica. Isso é errado! Por que se os outros trabalhador tem o horário, porque empregado doméstico não tem? Isso não é absurdo?

Outro exemplo da precariedade do serviço doméstico decorre das relações de afetividade e subjetividade tendenciosa entre empregadora e empregada que reduz o trabalho doméstico à mera troca de favores, como disse Tereza “Eu ajudo ela, ela me ajuda”. Essa

relação, muitas vezes, deixa a trabalhadora em dívida com a patroa, impossibilitando-a de reivindicar direitos trabalhistas devido a uma ajuda da empregadora em algum momento de sua vida, como conta Firmina:

Rapaz, dos meus direitos, a única coisa que eu não recebo é o terço das minhas férias. Até hoje eu nunca recebi. Tenho férias, só o terço das férias que ela nunca me deu, não sei porquê. E eu nunca cobreí. Foi mesmo, nunca cobreí porque são um pessoal que me ajuda muito. Quando eu preciso, me ajuda muito. Então eu não vou parar pra perguntar por que não me paga o terço das férias.

Relações afetivas, de amizades, presentes e troca de favores tornam a empregada eterna devedora da patroa/patrão. Atrasos e remunerações parceladas no pagamento de salário são exemplos de momentos em que se colocam em jogo a afetividade e a exploração entre as partes. Essa carga de afetividade, mesmo que aproxime patroa e empregado, diminuindo o fosso gerado pela questão de classe, abre espaço para sonegação de direitos¹⁷.

O trabalho doméstico envolve as relações de gênero, não apenas por ser um trabalho *de mulher*, mas também por colocar a patroa/empregadora como o indivíduo opressor da categoria e também relações de raça, por se tratar de um trabalho de *mulher negra*. De acordo com Motta, gênero e classe estão bem definidos nas relações do trabalho doméstico:

Mulheres, esposas, enquanto gênero são social e familiarmente subordinadas; enquanto classe, são aliadas dos maridos. Como empregadas domésticas, e empregadoras, enquanto gênero, são consideradas de “natureza” social comum; enquanto classe, são antagonistas (MOTTA, apud, MOTTA, 1992, p. 32)

Através das falas das trabalhadoras domésticas percebemos os antagonismos de classe e gênero (e também de raça) que permeiam o trabalho doméstico. Ao retratarem a figura do indivíduo opressor no ambiente trabalho, a patroa é a mais citada. *As patroas naquele tempo não era osso de se roer*, afirma Carolina. Tereza demonstra que, para ela, um dos principais problemas no trabalho doméstico é a figura carrasca da patroa, enquanto Firmina revela a desconsideração da patroa quando tem negado seu pedido de folga e, Laudelina recorreu aos

¹⁷ Para relações de afetividade no trabalho doméstico, ver Jurema BRITES. Afeto e desigualdade: gênero, geração e classe entre empregadas domésticas e seus empregadores. Cadernos Pagu, n 29, Florianópolis, jul./dez.,2007: p.91-109.

processos trabalhistas geralmente contra as patroas. Os discursos a seguir demonstram as **interseções de gênero, classe** e também **de raça**, como veremos adiante, nas relações do trabalho doméstico:

Dos trabalhos que eu tive eu saí porque, um a moça tinha ido embora, aqui porque a mulher queria me pagar muito pouco, cinquenta reais. Cinquenta reais pra cuidar de casa, cuidar de neto, lavar roupa, cozinhar, cinquenta reais! Aí é exploração,né? Aí teve a outra que era cristã e queria me explorar também. A única que peguei foi essa daí, boazinha ela. (Tereza)

E era pra me considerar... tanto tempo, era ela dizer: “Não, eu vou lhe liberar nos sábados,,né?” Não faz isso! Ela disse que se eu achasse um lugar melhor que fizesse isso, que eu podia ir embora. Foi isso... ela tem consideração a mim? Não tem. (Firmina)

Quando eu trabalhei de carteira assinada, eu levei cinco anos, a mulher assinou minha carteira e só pagou só uma parcela, não pagou nada. Quando eu fui ver, tava sem pagar o tempo todo. Cinco anos! E ela descontava todo mês do meu salário. Ela descontava do meu salário e não pagava o INSS. Quando eu fui ver já era tarde demais,né? Eu ia correr atrás mais disso? Ela não ia pagar também porque na época ela saiu do trabalho. Agora ela tá de boa. (Carolina)

Ah, pra sair do meu primeiro trabalho, ela não queria que eu saísse. O esposo dela era mais compreensível, ele reconhecia, conversava muito com ela que – eu já tava com dezessete anos já – ele falava assim “Você precisa trabalhar de carteira assinada.” Só que eu não entendia nada disso e ele ficava sempre me falando isso. Só que ela não queria que eu saísse. (...)Então, quando eu falava que ia me embora, ela falava assim “Traz suas empregadinha do interior, quando engorda quer ir embora.” Quer dizer, me tratava como um animal,né? Um porco que você cria, dá comida pra ele engordar, pra você matar, pra você lucrar, porque era como se fosse um animal. (Creuza)

Eu fiquei 8 anos com ela. Ela ia me colocar pra fora de mão abanando, sem direito a nada. Mas aí eu já tinha, eu descobri os meus direitos,né? Porque eu já tinha, devido a isso... porque tem muita empregada doméstica colocando na justiça, muitas mesmo, muitas pessoas vêm buscar seus direitos, aí você sabe que elas [as patroas] têm que pagar multa, isso e aquilo. Ninguém quer tirar nada delas, sabe? Mas “Não posso, não posso, não posso”, essas conversa. Porque quando a pessoa não pode mesmo, você sabe que a pessoa não tem condições, a pessoa tá ali “Não, eu tô precisando do seu favor, você tá precisando do meu”. Tudo bem. Mas quando a pessoa tem condições e quer fazer os outros de besta, quer usar. Aí eu cansei! Aí chega uma hora que você quer dar um basta! (Laudelina)

Outro exemplo de negação é o caso de Carolina. Na escola, todos da turma a reconhecem como Tati; ela própria se apresenta com esse nome. Entretanto, ela conta que a sua primeira patroa não gostava do seu nome e resolveu nomeá-la de *Tati*. Mesmo que Carolina não perceba a atitude autoritária da patroa, essa é uma forma de negação: negando o nome, nega aspectos da sua identidade, do seu passado, da sua história. Entre oprimidas e opressoras, Motta questiona esse destaque da figura feminina em torno do trabalho doméstico. *Por que o patrão/dominante não é representado pela figura masculina, que usualmente define a relação de classe da família (...) mas pela figura feminina, frequentemente designada como “economicamente inativa:”* (1992, p.34).

Poderíamos afirmar, por um lado, que a grande referência à patroa como o indivíduo opressor se deve ao fato de ser a mulher/patroa, dentro do ambiente doméstico, a figura principal nas decisões quanto à administração da casa e das atividades a serem desempenhadas pela mulher/empregada. Por outro lado, poderíamos afirmar que, através das entonações, dos gestos das trabalhadoras domésticas ao mencionarem suas patroas, elas demonstraram indignação quanto ao fato de que o gênero, que poderia ser um elemento unificador entre patroa/empregada, alia-se à classe, colocando-as em diferentes lugares sociais. Nos discursos das participantes, a questão de gênero aparece, não só por se tratar de um trabalho feminino. As trabalhadoras domésticas percebem a patroa/empregadora enquanto o principal sujeito opressor no ambiente de trabalho; surge então o conflito da classe. Motta discute as contradições e ambiguidades do trabalho doméstico notando que, dentro da dinâmica de relações, a patroa se destaca como indivíduo opressor.

A raça surge nessas relações, a priori, por se tratar de trabalhadoras domésticas negras, como todas se autodenominaram. Apesar disso, a questão racial aparece explicitamente apenas duas vezes em todos os relatos das participantes, surgindo inicialmente na fala de Tereza ao retratar os conflitos com a antiga patroa que, pelo que ela descreve, seria uma mulher preta, de tez mais escura que a dela, já que ela se define enquanto parda.

Pois minha filha, eu não passo humilhação. E ela é negona! Ela é negra! Parece assim, todas preta, não tenho preconceito, mas todas preta são ignorantes. Falei mesmo. Falei na cara dela. Ela falou “Ah, você tem preconceito!” Eu acho assim, na minha opinião, se eu tava ali pra ajudar dela e ela pra me ajudar. Ela arranjou outra eu fazendo comida pra miser
--

[miséria]... pra mulher. (risos) E a mulher, e ela é cristã, viu? Ela é cristã! Eu fazendo comida pra ela na cozinha, ela chamou outra pra ficar no meu lugar! [expressão de indignação]. Sem falar comigo nem nada. Esse emprego é insuportável. (Tereza)

Nota-se nesse caso que a questão racial aparece como elemento central desse conflito entre patroa/empregada. Os aspectos de gênero e classe aparecem, já que ela estava sendo humilhada pela mulher/patroa, mas o que mais se destaca é que ela estava sendo humilhada por uma mulher preta, não por qualquer mulher.

Creuza também nos traz a questão racial, mas, ao contrário da situação de Tereza, a raça surge para ela, como elemento de identificação. Sua primeira patroa era racista e discriminava uma vizinha negra e foi essa vizinha que a acolheu quando finalmente conseguiu fugir das opressões da patroa, o que nos conduz a perceber os laços de solidariedade entre mulheres negras. (SOARES, 2006)

(...) no 1º andar morava uma moça que ela não gostava. Ela era racista e não gostava de negro e a moça era negra. Aí coincidiu que eu fiquei um ano no apartamento dessa moça que ela não gostava, que também não me pagava, porém me tratava com dignidade.

E enquanto ao estupro sofrido por Laudelina pelo irmão do patrão: “*Destá (Deixe estar) que eu vou lhe dar o seu, sua neguinha*”? Não seria um forte exemplo de opressão racial, diante da indignação do irmão do patrão devido à ousadia de uma menina negra dar-lhe reclamações sobre a bagunça da casa?

Queiroz ressalta o reconhecimento dessa tríade (raça, gênero, classe) para o entendimento das relações sociais que são importantes para a compreensão das relações que permeiam o trabalho doméstico:

(...) juntamente com as relações de gênero, as relações de raça passaram a ser reconhecidas como parte de um sistema maior das relações sociais, abrindo espaço para a constatação de que as relações entre os sexos e os diferentes grupos raciais, estão imbricadas numa rede de relações muito mais variadas. (CASTRO e LAVINAS, apud, QUEIROZ: 2004, p. 178)

De fato, esperava-se obter mais informações explícitas sobre a questão racial nas experiências dessas mulheres. O silenciamento, no entanto, não implica na inexistência das tensões raciais. Na verdade, os relatos das condições de trabalho dessas mulheres remetem-nos às mesmas condições de vida das escravizadas, então por trás da patroa e do patrão que proporcionam essas opressões, encontra-se o racismo.

Lahon (2003), ao discorrer sobre a violência contra o escravizado, retrata formas de violência sofridas que se assemelham absurdamente com os relatos de opressão das trabalhadoras domésticas: privação de liberdade, dos laços de parentesco etc.; e demonstra que a ausência de revolta não implica a aceitação da violência:

Se, Segundo Françoise Héritier, a violência se define como ‘todo constrangimento de natureza física ou psicológica suscetível de acarretar o terror, o deslocamento, a desgraça, o sofrimento ou a morte de um ser animado’, o escravo traz em si toda ou parte dessa definição, num momento ou noutro de sua vida, muitas vezes durante toda a sua vida. Parece-nos às vezes esquecê-lo, não vendo na violência mais que o uso da força, relegando a privação jurídica da liberdade, dos laços sociais, dos laços de parentesco, a dessocialização, a estraneidade, o sofrimento mudo da submissão e da esperança, a fenômenos secundários que o tempo permite apagar do cotidiano da memória. Muitas vezes se confundiu a ausência de revolta e o silêncio da submissão com a aceitação, pela vítima, da legitimidade do sistema, sobretudo se este é apresentado de maneira a ‘tornar indiscernível o caráter irreduzível do conflito originário’. (LAHON, 2003, p. 87)

Como abordar sobre o trabalho feminino, principalmente no Brasil, e não citar a questão racial? Nos relatos das participantes, a tríade classe/gênero/raça surge em vários momentos, o que nos leva a perceber os conflitos e diálogos entre estas três dimensões no trabalho doméstico. Em seus discursos, as trabalhadoras domésticas revelam o que vem sendo pontuado aqui: o trabalho doméstico envolve uma complexidade de relações das quais não se pode desassociar as questões de classe das dimensões de raça e gênero; elas se complementam.

Num país onde praticamente metade da população é negra, seria inviável desconsiderar as condições de vida e trabalho desse contingente. Visto que o mercado de trabalho reflete outras estruturas para além da questão socioeconômica, considero pertinente trazer algumas estatísticas e discussões que retratam a realidade ocupacional da população

brasileira, comparando brancos e negros, homens e mulheres para então analisar a condição de maior vulnerabilidade da mulher negra. Além disso, pretendo principalmente destacar as disparidades entre mulheres brancas e negras para afirmar que apenas o enfoque no gênero é insuficiente para analisar e muito menos explicar as desigualdades no mercado de trabalho do Brasil e demais espaços da nossa sociedade, chegando ao trabalho doméstico como um triste exemplo dessa desigualdade. Além da origem social e do acesso à escola, há outras importantes variáveis causais que reforçam as hierarquias sociais; a condição racial é uma delas.

Pobreza, racismo e discriminação de gênero compõem o cenário de vulnerabilidade da mulher pobre e negra, paralelamente à sua luta cotidiana de sobrevivência e superação das barreiras sociais. A OIT (Organização Internacional do Trabalho) criou duas convenções específicas de números 100 e 111 que tratam respectivamente da igualdade salarial entre homens e mulheres e da não discriminação no trabalho baseada em raça, gênero, religião etc.

A Convenção nº 100 determinou que os países membros se responsabilizem na promoção e garantia de meios que assegurem a equidade de remuneração entre a mão-de-obra masculina e feminina: salários iguais pelo mesmo trabalho executado. A Convenção nº 111 dispõe sobre a discriminação em relação ao emprego e trabalho como sendo toda a distinção, exclusão ou preferência fundamentada na raça, cor, sexo, religião, opinião política, ascendência nacional ou origem social que tenha por efeito destruir ou alterar a igualdade de oportunidades ou de tratamento em matéria de emprego ou profissão. (INSTITUTO OBSERVATÓRIO SOCIAL, 2004)

Em contrapartida, apesar dos significativos avanços na presença feminina nos espaços de produção e da OIT respaldar a efetivação da igualdade e da não discriminação entre os sexos, mulheres trabalham recebendo menores salários que os homens mesmo executando semelhantes funções e tendo as maiores ou similares qualificações profissionais. O mesmo se dá quando atrelamos à discussão o fato cor/raça: as mulheres brancas, ainda que preteridas para ocupações de alto prestígio social, como cargos de chefia, diante da discriminação de gênero, encontram-se em mais vantagem que os homens negros, tanto pela discriminação de raça/cor e pelas diferentes e desiguais oportunidades escolares e de qualificação. Já esses últimos têm mais chances de alcançarem cargos e salários melhores que as mulheres negras,

tendo em vista que a discriminação de raça/cor os agrega, mas a discriminação de gênero os diferencia.

Essas convenções ainda estão longe de se concretizarem plenamente nos diversos setores do mercado de trabalho. Como já foi pontuada, a desigualdade salarial entre brancos e negros, homens e mulheres é uma constatação da não efetivação da igualdade proposta pela OIT.

Visto que os indivíduos mais atingidos pela segregação são os negros e, entre eles, as mulheres negras, é fundamental trazer à discussão a ideia de que o racismo, assim como o sexismo são fortes ideologias que reforçam as disparidades sociais perpetuadas pelo mercado de trabalho. Raça, ainda que seja uma representação, é um atributo socialmente construído e baseado em marcas fenotípicas, que *continua a operar como um dos critérios mais importantes no recrutamento dos indivíduos às posições da hierarquia social* (HASENBALG, apud, QUEIROZ, 2008, p. 184). O racismo, por sua vez, utiliza-se desses atributos fenotípicos para ir de encontro com aquilo que a OIT recomenda em uma de suas Convenções: a não discriminação por cor/raça, gênero ou origem social. Não é à toa, portanto, que a população negra, principalmente as mulheres, esteja mais suscetível a ocupações com pouca ou nenhuma seguridade social e com baixa rentabilidade, ocupações que de tão precárias se equiparam à condição de desemprego.

É fato que ocorreram mudanças significativas nas condições de vida da população negra do Brasil desde o fim da escravidão, entretanto as desigualdades sociais e raciais permaneceram e tomaram novos aspectos e dimensões. Algumas análises sobre as disparidades sociais brasileiras tomam a região Nordeste, especificamente a Bahia, como principal palco das contradições e as desigualdades que assolam todo o país secularmente. (PAIXÃO, 2003) Seria possível supor que, devido ao grande contingente negro populacional no Estado, a Bahia lidera as taxas de desigualdades raciais, ou seja, há mais analfabetos negros, desempregados negros, pobres negros na Bahia porque há mais negros na Bahia. Entretanto, analisando as desigualdades em Estados em que a população negra é minoria, como no Estado de São Paulo encontramos ainda esse segmento em maior desvantagem (CASTRO; BARRETO, 2008). Dessa forma a relação proporcional entre contingente e desigualdade é descartada.

Queiroz (2008), baseando-se nas contribuições de Hasenbalg para os estudos das relações sociais brasileiras a partir das desigualdades, retrata as disparidades entre brancos e negros em diversos espaços da sociedade como o mercado de trabalho, o sistema de ensino, entre outros. Segundo a autora esses estudos vêm contribuindo com a elaboração de políticas públicas voltadas para a redução dessas disparidades. Nesse panorama dos estudos da população negra no Brasil, a autora ressalta que, apesar das históricas bandeiras de luta do movimento negro, só, a partir da década de 1970, outros setores passaram a reconhecer a questão racial brasileira e a desenvolverem estudos sobre a situação do negro. Para a autora há duas explicações para a permanência de estruturas fortalecedoras das desigualdades e das diferentes oportunidades entre brancos e negros na sociedade brasileira:

[...] por um lado, em decorrência de um padrão de segregação geográfica, condicionado pela escravidão e, posteriormente, reforçado pelo estímulo à política migratória, que concentrou desproporcionalmente os negros nas regiões predominantemente agrárias e, portanto, menos desenvolvidas do país, onde as oportunidades econômicas e educacionais eram menores. E, por outro, porque as práticas racistas, abertas e sutis, e a violência simbólica exercida contra os negros, impedem sua mobilidade social ascendente, na medida em que os obriga a regular suas aspirações “*de acordo com o que é culturalmente imposto e definido como o ‘lugar apropriado’ para as pessoas de cor*” (HASENBALG apud QUEIROZ, 2004, p.184)

A imposição do lugar social para pessoas de cor está refletida em diversos espaços da sociedade, entre eles, o mercado de trabalho e sistema de ensino, espaços esses que regulam, influenciam ou determinam as aspirações e as possibilidades de mobilidade social desses sujeitos, podendo ser considerados instrumentos importantes fortalecedores das desigualdades. Muitos estudos da questão racial do Brasil trazem em suas análises a intrínseca relação entre a discriminação e o sistema de ensino. Para Queiroz (2004, 177), *as condições da educação do negro reforçam o histórico de exclusão, ora impedindo o seu acesso a graus mais elevados de escolarização, ora comprometendo seu processo de constituição da identidade.*

Dessa forma, a escolaridade do negro torna-se um fator agravante da sua condição no mercado de trabalho. A concentração da população negra feminina e masculina em ocupações com maior insegurança e precariedade é uma constante nas estatísticas do mercado de

trabalho brasileiro. Os dados tornam-se mais acentuados principalmente na Bahia, apesar de ser o Estado, cuja população negra representa quase a metade da contingente demográfico e é presença majoritária na força de trabalho. De acordo com as estatísticas da PED – Pesquisa de Emprego e Desemprego, entre maio e outubro de 2008, do total de empregados e trabalhadores familiares, 86,0% eram negros e 14,0%, não-negros. (DIEESE, 2010)

A baixa escolaridade ou alto índice de analfabetismo contribuem para ratificar o lugar social da população que tiveram pouco ou nenhum acesso aos bancos escolares, uma vez que o prestígio social das oportunidades ocupacionais está intrinsecamente ligado a um alto nível escolar. Atualmente as diferentes oportunidades ocupacionais entre homens e mulheres, negros e brancos têm se acentuado devido ao processo de reestruturação produtiva, que repele os trabalhadores e trabalhadoras a condições precárias e sem seguridade social no mercado de trabalho. Nas palavras de Castro, o mercado de trabalho é descrito como um dos principais setores em que as desigualdades sociais tornam-se mais gritantes devido à reestruturação produtiva que acirra a precariedade dos serviços e a falta de seguridade social:

Um mercado que, para ser inclusivo, cresce com base no trabalho precário, sem cobertura previdenciária, sem regras de reciprocidade entre patrões e trabalhadores e, sobretudo, onde as noções de direito e cidadania ainda estão muito distantes da realidade cotidiana da luta pela sobrevivência desses trabalhadores. Um exemplo? A situação das mulheres [...]. (1998, p.33)

As precárias condições de entrada, permanência e evasão do mercado de trabalho atingem principalmente as mulheres negras, o que nos leva a inferir que há um fosso que diferencia a realidade ocupacional das mulheres brancas e das não-brancas. Portanto, se diante da precariedade que assola as possibilidades de emprego, a população negra está em maior desvantagem, pode-se afirmar que as mulheres negras estão mais vulneráveis à insegurança do mercado de trabalho; as diferenças salariais entre homens brancos e negros e mulheres brancas e negras comprovam tanto essas disparidades quanto a necessidade de analisar as desigualdades do mercado de trabalho com base nos critérios de classe, raça e gênero. Numa pirâmide do mercado de trabalho, baiano, infere-se a situação triplamente desfavorável das mulheres negras. Em 1999, na Região Metropolitana de Salvador (RMS) – onde 81% da população economicamente ativa é negra – ganham mais de cinco salários mínimos, 54% dos

brancos, 32% das brancas, 19% dos negros, e 9% das negras. Na região de São Paulo, 51% dos homens brancos ganhavam mais de 5 salários mínimos, 43% das mulheres brancas e apenas 28% dos homens negros e 10% das mulheres negras. (BRUSCHINI *apud* NOGUEIRA, 2004, p.74).

Portanto, as desigualdades sociais presentes no mercado de trabalho atingem principalmente as mulheres negras. Para analisar o estudo das diferentes inserções, oportunidades, evasões e permanências no mercado de trabalho, ratifico a necessidade de atrelar no enfoque de gênero e classe, a dimensão de raça/cor, especialmente para entender a tripla discriminação que assola as mulheres pobres e negras. (BRITO, 1997) De acordo com Scott (2004), a análise social a partir exclusivamente da classe impossibilitava o estudo das desigualdades sociais do ponto de vista de gênero e raça, mas afirma que o interesse pelas categorias de classe, de raça e de gênero assinalava inicialmente o compromisso do(a) pesquisador(a) com uma história que incluía a fala dos(as) oprimidos(as) e com uma análise do sentido e da natureza de sua opressão; assinalava também que esses(as) pesquisadores(as) levavam cientificamente em relação o fato de que as desigualdades de poder estão organizadas segundo, no mínimo, estes três eixos.

No que se refere às distintas inserções entre os sexos, as mulheres chegam ao mercado de trabalho muito mais cedo que os homens. Nas classes mais populares, esta entrada acontece geralmente na infância e é marcada pela informalidade, já que o trabalho infantil é proibido por lei, e pelas péssimas condições de trabalho. A pouca idade torna-se um atrativo que facilita a exploração da mão-de-obra, elevadas jornadas de trabalho e principalmente a péssima remuneração. Todas as entrevistadas começaram a trabalhar ainda na adolescência ou pouco antes disso, o que vem mais uma vez confirmar a precariedade da ***inserção precoce no trabalho doméstico***. *Logo cedo, não tinha quem tomasse conta, aí eu fui procurar o trabalho em casa... como doméstica. Aí logo cedo, com 11 anos mais ou menos, eu já trabalhava.* Essa passagem de Laudelina, e as passagens seguintes, demonstram a realidade do trabalho doméstico infanto-juvenil:

Aí logo cedo, com 11 anos mais ou menos, eu já trabalhava. Só que trabalhava na base que assim, é um trabalho por troca, assim, de alimento, roupa, por troca de cuidados, não é trabalho remunerado,né? Porque se fosse
--

remunerado naquele tempo, eu ia ter um grande benefício hoje. Mas não, não foi bem assim. Eu ganhava era alimento, era roupa, uma roupa usada. Fazia tudo, fazia tudo: lavar roupa, fazia esses serviços de dentro de casa. Ninguém dá nada de graça. Aí fazia todos os serviços da casa. Era assim. Quer dizer, eu fazia esses serviços em troca de, entendeu, de ficar na casa da pessoa, dormia no trabalho. (...)Vê que você não tem família, não tem quem tome conta de você direito e aí vai ficando,né? Aí vai, também precisa de uma pessoa pra ajudar e você vai contribuindo, mas não tem nenhuma obrigação com você. (Laudelina)

Vim pra cá porque tinha que trabalhar. Eu trabalhava, mandava dinheiro pra ela, pra ajudar ela e meus irmãos. Aí de onze anos pra cá, eu tô aqui até hoje. Trabalhei esse tempo todo. (Carolina)

Aí eu com 15 anos vim pra aqui tomar conta de 3 crianças ali no, na Nossa Senhora do Resgate. Passei um bom tempo, depois com 17 eu fui trabalhar lá na Pituba. (Firmina)

Então eu vim com a promessa de que eu ia ser tratada como filha, que ia me dar uma vida melhor, me colocar na escola, só que a realidade é outra. Eu com 12 anos assumi responsabilidades que não era pra uma menina de 12 anos. (Creuza)

Eu comecei a trabalhar de doméstica quando eu tive Júlia (16 anos). Aí comecei a trabalhar, correr atrás porque o pai dos meninos não dá nada. (...)Assim, eu nunca ganhei salário alto, porque todas as pessoas que me chamava era pra fazer uma faxininha e pronto; aí cuidava de alguém; era duzentos, era trezentos. Assim. Nunca trabalhei de carteira assinada. Tá limpinha ainda. (Tereza)

A precocidade e a precariedade são intrínsecas à chegada das meninas no mercado de trabalho. A baixa remuneração, o trabalho excessivo, jornadas intermináveis são algumas características das condições de inserção de meninas negras nas principais oportunidades ocupacionais. Dentre essas oportunidades ocupacionais, existem algumas razões que direcionam as meninas justamente para o trabalho doméstico, a começar pela naturalização do trabalho doméstico feminino. As meninas aprendem desde cedo as atividades domésticas dentro de casa; quando vão para o mercado de trabalho, a porta de entrada mais fácil é o trabalho doméstico, como se fosse algo inerente à sua própria essência feminina (SABÓIA, 2000). Essa é uma das principais **razões da entrada no trabalho doméstico**. Entre outros

fatores que influenciam essa chegada ao serviço doméstico estão principalmente a pobreza, a fome, a violência doméstica e necessidade de ir em busca de melhores condições.

Fui trabalhar como doméstica porque não tinha outra opção! Não tinha outra opção! (...) E também não tinha condição nenhuma de trabalhar numa outra área, não tinha estudo, não tinha conhecimento de nada. Então só tinha isso mesmo, a saída era só essa mesmo. E até agora, a saída até agora pra mim, enquanto não faço outros cursos, é isso mesmo. (Creuza)

Na roça, a gente trabalhava muito, um pouco até de escravidão! Aí eu vim, foi que me trouxeram, falaram que iam me tratar como filha, que ia me colocar pra estudar. Olha que pai não queria, mas mãe ficava “Deixa a menina ir, que ela vai conseguir viver, estudar, ter as coisas dela. Quer ela trabalhando na roça?”. A gente trabalhava plantando milho, feijão, mamão. Pra ter as coisas mesmo, a gente tinha que colocar a mão no chão, pra poder viver e comprar as coisas pra gente. Então eu vim com a promessa de que eu ia ser tratada como filha, que ia me dar uma vida melhor, me colocar na escola, só que a realidade é outra. (...) (Creuza)

Ele [pai] não podia dar alimentação, não dava nada e não queria que eu saísse pra lugar nenhum. Então você ficar sem comer dentro de casa e ainda ficar ali o tempo todo naquela casinha, naquilo ali. Aí eu queria sair pra poder ter uma vida melhor. O que me levou a trabalhar foi isso, você querer ter uma vida diferente, você querer ter as coisas, comprar o que você quer, não passar fome. Desde o meu primeiro trabalho, até hoje eu sou doméstica. (Laudelina)

Eu vim pra cá (Salvador) ia fazer onze anos. Vim pra cá porque tinha que trabalhar. Eu trabalhava, mandava dinheiro pra ela, pra ajudar ela e meus irmãos. (...) Era de doméstica, até hoje eu trabalho de doméstica. Aí saí com uma mão na frente e outra atrás, não tinha direito, antigamente a gente não sabia nem o que era direito, ah se fosse hoje! Comecei com 11 anos. Eu vim de lá pra cá com 10 anos pra tomar conta de três capeta que quando subia no prédio chegava a sacudir as escadas. (risos) A mulher era pobrinha também, não tinha nada. Era pior do que a casa da minha mãe. Não tinha nem lugar de dormir. Aí eu trabalhava na casa dela, minha colega trabalhava na casa da mãe dela, aí eu ficava na casa dela durante o dia e de noite eu ia dormir na casa da mãe. Se não tinha lugar de dormir! Quem dorme no trabalho não tem hora de dormir, principalmente quem toma conta de menino. Oxe, às vezes dava 10 horas, os menino tava lá, eu tomando conta dos menino. Eu era novinha também. Eu fazia tudo dentro de casa. Lavava, passava, mas as comidas simples, igual de lá do interior mesmo: arroz, feijão, galinha. Não era muito cansativo, porque naquela época eu mais brincava. (Carolina)

As condições de instabilidade do emprego prolongam-se durante grande parte do percurso profissional dessas mulheres. Muitas vezes, a precariedade e informalidade são tão grandes, que podem se comparar ora ao trabalho escravo – onde se trabalha, mas não se ganha –, ora ao desemprego oculto – devido à insegurança salarial e trabalhista remuneração e ausência de direitos trabalhistas¹⁸. A dinâmica e as formas de desemprego (oculto e aberto/efetivo) no mercado de trabalho levam a analisar as alternativas ocupacionais precárias e transitórias da população negra, onde as tarefas instáveis e a insegurança da remuneração indicam mobilidades ocultas de desemprego.

Barreto (1998b) ratifica a aproximação entre trabalho precário e desemprego, afirmando que existe um espaço no mercado de trabalho entre a ocupação precária e o desemprego, cujas características de trabalho pouco diferem; este espaço é ocupado majoritariamente pela população negra. Em outras palavras, a faixa no mercado de trabalho em que as duas modalidades (ocupação e desemprego) se aproximam, não diferenciando quem está empregado de quem não tem emprego.

A falta de qualificação é um importante fator causal desse quadro de desigualdades do país. Àqueles que não tiveram oportunidade de acesso à escolarização e profissionalização, os obstáculos para o alcance à condição de vida digna são muito maiores, diferentemente daqueles cujas oportunidades escolares facilitaram outras oportunidades ocupacionais. Fica evidente, então, a estreita relação entre mercado de trabalho e nível de escolaridade; quanto menor a escolarização, maior a possibilidade de entrada em ocupações precárias, instáveis e sem seguridade social, que geralmente são preenchidas por negros e mulheres que pouco tiveram acesso ao sistema de ensino.

Estudos apontaram para a associação entre oportunidade ocupacional e nível de escolaridade da população negra, e especificamente, das mulheres negras. Portanto, é preciso compreender o significado da mediação entre educação dessas mulheres e sua relação com o mundo do trabalho. Queiroz (2004) traz contribuições a esta abordagem, analisando um

¹⁸ Para análise maior sobre o desemprego oculto da população negra, ver Nádia CASTRO ; Vanda BARRETO (orgs.). Trabalho e desigualdades raciais: negros e brancos no mercado de trabalho em Salvador. São Paulo: Annablume, A cor da Bahia, 1998.

estudo sobre as possíveis mudanças provocadas pela escolarização na vida das mulheres negras, se estas mudanças alcançaram os níveis mais altos de escolaridade e de que forma a escola contribui no processo de superação das barreiras sociais, buscando melhores condições de vida.

Constatou-se que, desde a década de 1950 houve melhorias na escolarização da população em geral, reduzindo as disparidades entre brancos e negros; em especial, o aumento foi mais significativo para o grupo de mulheres. Para a autora, esse aumento significa a busca das mulheres por melhores condições de vida, principalmente por melhores oportunidades ocupacionais, visto que escola e mercado de trabalho são importantes mediadores de (des)igualdades. A escolarização passa a ser um atributo positivo; ter acesso a postos de trabalho com maior prestígio social, porém deixa de sê-lo quando os cargos são considerados típicos de mulheres de classe média, em que a imagem da negra é preterida ou, quando utilizada, estereotipada negativamente. (op. cit.)

Existem ocupações no mercado de trabalho, onde as mulheres são mais escolhidas para determinadas funções por portarem certas *qualidades* tipicamente femininas. No estudo realizado por Queiroz (2004), as participantes da pesquisa são trabalhadoras do setor de comércio da Região Metropolitana de Salvador, onde a maioria da mão-de-obra é negra e feminina e certos atributos femininos (docilidade, meiguice, obediência etc.) considerados inatos são requisitos para a grande concentração de mulheres negras nesse setor. Contudo, essas características são não mercantilizáveis, isto é, não são consideradas fatores que qualificam o serviço, o que não acrescenta a remuneração do trabalho feminino. O não reconhecimento das qualidades naturalizadas como femininas reforça a divisão sexual do trabalho e, conseqüentemente, a subordinação feminina, pela desqualificação da sua mão-de-obra; para as mulheres negras, a situação se agrava tendo em vista a tríplice discriminação (raça, gênero e classe) que reforça as desigualdades. (*ibid.*)

Na contramão das desigualdades, as mulheres valem-se de estratégias para fugir da condição precária de vida e trabalho e da determinação do seu lugar social nas camadas mais baixas do sistema de estratificação social. Apesar da desqualificação da mão-de-obra, foi constatado que muitas mulheres negras percebem o aumento do nível de escolaridade como

uma possibilidade de fuga de oportunidades ocupacionais de menor prestígio, como o trabalho doméstico.

Parece haver, por parte delas, uma busca por instrução como forma de inserir-se no mercado de trabalho em condições menos perversas do que aquelas em que estiveram suas antepassadas. Isso se evidencia quando declaram que educar-se é uma forma de não ir parar na “cozinha de branco”, uma possibilidade de “abrir a porta da frente”. Essas expressões, referidas ao trabalho doméstico revelam a realidade ocupacional da mulher negra, ao longo de sua trajetória na sociedade brasileira, onde a “cozinha de branco” sempre foi o seu espaço cativo; demonstrando, como sugere Sá Barreto (1992), que a cor define um lugar também na estrutura ocupacional. (QUEIROZ, 2004, p.182)

A maioria das participantes já se encontra há muito tempo no trabalho doméstico e, mesmo que desejem um *trabalho melhor*, não acreditam que ainda há tempo de uma mudança de profissão. Mesmo permanecendo na mesma profissão e afirmando que gostam de exercê-la, elas trazem as ***imagens do trabalho doméstico***, que revela, assim como foi constatada na pesquisa de Queiroz (op. cit.) a busca de condições menos perversas que tiveram suas antepassadas e o desejo de condições menos perversas para suas/seus descendentes. Todas as participantes têm pelo menos uma filha e revelam a vontade de afastá-las do trabalho doméstico.

Eu não sei se vou continuar trabalhando como doméstica não. Depende. Se assim, se caso vier outros melhores, aí né? Tem que subir um pouquinho na vida. (...) Eu não quero que minha filha fique na mesma profissão que eu, porque... ói, às vezes, a gente pega uma patroa boa, minha patroa mesmo é ótima, não tenho o que falar deles, mas tem algumas pessoas que são exploradora, gosta de gritar, gosta de humilhar, gosta de xingar, gosta de... às vezes a pessoa não tá fazendo nada... às vezes, bota alguma coisa dentro da bolsa pra dizer que roubou. É muita coisa. Eu não quero não, não quero que ela trabalhe nessa profissão, não. (Tereza)

Eu trabalho de doméstica porque eu gosto; a única coisa que eu gosto nessa parte é cozinhar. Cozinhar, você mande eu fazer dez pratos, mas não me mande arrumar uma casa. Me peça pra fazer dez pratos diferentes que eu faço, mas não me peça pra arrumar uma casa. Eu faço porque tenho que fazer, mas gostando, não. (...)Esse é meu último ano como trabalhadora doméstica. Eu gosto do trabalho, mas eu quero sair. Sei lá, porque eu não

descanso. Eu queria trabalhar de segunda à sexta, porque eu tô muito cansada, eu quero descansar, eu quero me divertir. Não tem nem como, eu chego em casa sábado já de noite, não tenho cabeça pra mais nada, aí meus... no domingo que é dia de fazer, de passear, eu tenho que lavar minhas roupa. Não tenho tempo pra fazer nada! [fala com tom indignado] (...)Minha filha seguir a minha profissão? Rapaz... isso aí quem sabe é Jesus. (Firmina)

É trabalho, mas não é um trabalho que... eles não dá valor ao trabalho que a gente faz. Uns até dá valor; uns dá né? As outras não. Voltei a estudar pra me formar e ter um trabalho melhor. Não tenho em vista outro trabalho, não, mas todo mundo sonha em ter uma profissão melhor. (...) Se minha filha for uma menina inteligente e quiser estudar pra não precisar ir pra casa de família igual à mãe. Que nada! Vou pagar colégio pra filho trabalhar na casa dos outro nada!Porque não presta! Não tem garantia, não tem futuro. A gente trabalha o tempo todo, não tem direito a nada. (Carolina)

O que eu acho da profissão de doméstica? Menina, não é que seja ruim, eu gosto, agora só... Graças a Deus que hoje tá melhor, mas não ainda não chegou no ponto certo. Porque tem que ter os mesmos direitos que os outros trabalhadores têm. Mas pra o que era antes, hoje tá tão melhor pra mim, tá tão bom pra mim que através do meu emprego de doméstica hoje, meu filho foi indicado pra trabalhar em um local. Graças a uma pessoa hoje que eu tô trabalhando, porque é uma pessoa realmente que cumpre com suas obrigação, entendeu? Que paga na data certa, uma pessoa que me chamou pra assinar carteira, me deu todos os meus direitos, me deu tudo direitinho. Têm pessoas direitas, mas têm muitas pessoas que gosta de se aproveitar da miséria alheia pra poder não fazer as coisas corretas. Tem muita gente boa, mas também tem muita gente que gosta de não dar. Então, fica ruim trabalhar assim. É bom quando você trabalha no local que você tem todos os seus direitos, tudo direitinho. Porque você precisa trabalhar e precisa de seus direitos. Como é que você vai trabalhar, se você não pagar o INSS, você não vai se aposentar! Se você ficar doente, você vai ficar como? (...)Minha filha na mesma profissão que a minha? Naaada! Mas não vai mesmo! Não vai não! Porque não é bom. Não é bom. Porque agora, graças a Deus ela terminou o terceiro ano, ela tem condição de fazer outra coisa melhor, levar uma vida diferente porque essa daí não é legal! Não é legal. Quer dizer, pra mim... já tô aqui mesmo! Mas eu não penso de jeito nenhum. Quando nova, o povo dizia assim “Ah, bote aí [a filha] pra lhe ajudar”. Eu dizia “Muito obrigada. Não quero não. Não quero minha filha trabalhando na casa de pessoa nenhuma. Quero ela em casa, estudando.” (Laudelina)

Pra te confessar hoje, eu sei que todo trabalho é digno, desde quando é honesto, todo trabalho é digno, mas esse trabalho de doméstica eu faço porque realmente tenho que trabalhar muito, mas me criou um certo trauma, mesmo. Porque assim, primeiro não tem direito a nada, segundo é muito humilhante, muito escravo.(...) O futuro das minhas filhas, eu imagino que

seja diferente do meu né? (risos) Não quero que elas trabalhe na minha profissão, não. Não, não, não! Antigamente a gente começava a trabalhar muito cedo; ou você bem estuda, ou você bem trabalha. (Creuza)

A baixa escolaridade ou o alto índice de analfabetismo contribui para ratificar o lugar social da população que pouco ou não teve acesso aos bancos escolares, uma vez que o prestígio social das oportunidades ocupacionais está intrinsecamente ligado a um alto nível escolar. Atualmente as diferentes oportunidades ocupacionais entre homens e mulheres, negros e brancos têm se acentuado, o que direciona os trabalhadores e trabalhadoras a condições precárias e sem seguridade social no mercado de trabalho. Nas palavras de Castro, o mercado de trabalho é descrito como um dos principais setores em que as desigualdades sociais tornam-se mais gritantes devido à reestruturação produtiva que acirra a precariedade dos serviços e a falta de seguridade social:

Um mercado que, para ser inclusivo, cresce com base no trabalho precário, sem cobertura previdenciária, sem regras de reciprocidade entre patrões e trabalhadores e, sobretudo, onde as noções de direito e cidadania ainda estão muito distantes da realidade cotidiana da luta pela sobrevivência desses trabalhadores. Um exemplo? A situação das mulheres [...]. (1998, p.33)

As participantes trazem os **reflexos da escolarização** (ou da falta dela) **nas suas trajetórias profissionais**, demonstrando a importância da escola para a conquista de melhores condições de vida e trabalho:

Eu voltei a estudar assim, porque eu já tava atrasada e isso... se eu parar de estudar, se eu parasse de estudar muito, aí eu ia fazer o que? Aí eu não ia arranjar trabalho nenhum porque só com curso completo. Só com estudo completo. Aí, como eu tô no Ensino Fundamental, 5ª e 6ª. (...)Ah, depois que eu terminar os estudos, eu vou arranjar um trabalho melhor. Se Deus me arranjar um trabalho pra mim. Eu saio. (Tereza)

O que me levou a voltar a estudar foi um primo meu que ficava me incentivando: “Volte a estudar, volte a estudar”. Aí eu peguei, há muito tempo que ele ficava me incentivando a ir pra escola (estala os dedos pra dar ideia do tempo). Eu: “Deus me livre, eu não tenho mais cabeça pra isso não.” “Tem sim, volte que você vai se formar. Eu quero que ir pra sua formatura. Aí voltei. O professor disse que nem parecia que eu passei trinta anos sem estudar, porque quem tem três anos aqui e não passou e eu passei direto.

(...)Além do meu primo, eu mesma quis voltar a estudar. Eu quero me formar e trabalhar em hospital. (risos) Não desisti, não. Quando eu chego no Hospital, todo mundo pensa que eu trabalho lá dentro. (risos). Qualquer coisa que me mandar trabalhar, eu trabalho. Como enfermeira, como ajudante, qualquer coisa, mas eu quero trabalhar ainda no hospital. Esse é meu último ano como trabalhadora doméstica. Eu gosto do trabalho, mas eu quero sair. Sei lá, porque eu não descanso. (Firmina)

O que me fez voltar a estudar foi querer sair da casa dos outros; ser independente. Sair desse trabalho em casa de família. (...)Voltei a estudar pra me formar e ter um trabalho melhor. Não tenho em vista outro trabalho, não, mas todo mundo sonha em ter uma profissão melhor. Claro que tenho um sonho! Meu sonho é ser advogada. Quem sabe um dia eu não chego lá? (...) Quem é que não quer saber ler? A pessoa chegar no lugar não sabe ler nada, dar um papel ali pra ler, a pessoa não sabe de nada. No trabalho, às vezes tem que anotar um recado, às vezes manda anotar um recado; a pessoa que não sabe ler, não sabe anotar o recado. Tem trabalho que a gente vai trabalhar que eles pede o segundo grau. Como doméstica! Já chegaram a me pedir. Quem sai muito de casa, deixa as empregada em casa, às vezes quer recado, tem gente que liga muito, aí tem que ter o segundo grau, pra quando anotar o recado, não anotar errado. Já perdi trabalho umas duas ou três vezes porque não tinha o segundo grau. Inté no jornal dá pra ver! Você pegar o jornal agora você vê. Inté de babá tá pedindo o segundo grau. Imagina! Pra cozinhar tá pedindo o segundo grau, imagina de babá! Que é que vai fazer? Lavar cocô (risos) Pra lavar cocô precisa de segundo grau. (Carolina)

Eu voltei a estudar porque agora eu já tô com meus filhos já crescido, meus filhos, graças a Deus, tão bem e também porque você precisa resolver alguma coisa no banco, pra você tomar conta de você mesmo, entendeu? Tem os filhos, mas os filhos não quer fazer nada pelos pais. Você tem que andar com suas pernas, você não pode depender da perna dos outros pra você andar. Aí você tem que aprender: ou você aprende a andar com suas pernas a fazer as suas coisas ou senão você fica a ver navio. Porque você não poder tirar um dinheiro no banco, não vai poder fazer nada, porque se você não sabe, fica dependendo dos outros. Aí vai ser enrolada, nego vai tirar de você. A vida toda já fui roubada, tirada, depois de velha ainda ficar nessa? (gargalhadas) (Laudelina)

Hoje tudo depende do estudo; coisa simples, gari! Quem não sabe pegar numa vassoura, varrer a rua? Mas precisa do 2º grau! Hoje uma criança de 5 anos, ela tem noção de que pra ela ter um futuro mais ou menos, ela precisa estudar. No meu tempo, eu não tinha noção disso. Agora os filhos dela (patroa) estudava né? (ironia) E ainda colégio particular. E eu estudava no colégio do Governo e ainda não tinha oportunidade de estudar, porque não tinha como, minha filha, não tinha! (Creuza)

Embora seja uma profissão digna e importante, o trabalho doméstico ainda é visto como uma atividade subalterna e a escola como uma saída dessa subalternidade. A discriminação racial e de gênero demarca lugares sociais aos quais as mulheres e, principalmente, as mulheres negras terão acesso. A escola e o mercado de trabalho são dois importantes espaços que definem e ratificam o lugar social dessas mulheres, seja determinando suas aspirações seja impedindo sua entrada em espaços que possibilitem uma maior mobilidade social.

Uma organização social racista limita também a motivação e o nível de aspirações dos não-brancos. Quando são considerados os mecanismos sociais que obstruem a mobilidade ascendente das pessoas de cor, devem ser acrescentados às práticas discriminatórias dos brancos – sejam elas abertas ou polidamente sutis – os efeitos de bloqueio resultantes da internalização, pela maioria dos não-brancos, de uma auto-imagem desfavorável. A forma complexa como esses dois mecanismos funcionam e se reforçam mutuamente leva normalmente negros e mulatos a regularem suas aspirações de acordo com o que é culturalmente imposto e definido como o “lugar apropriado” para pessoas de cor. (HASENBALG, 2005, p. 209)

Como foi expresso pelas mulheres na pesquisa de Queiroz (2004), o trabalho doméstico sempre tão estigmatizado pelo *lugar de mulher negra*, vem se tornando uma atividade que repele as mulheres negras para outros setores, como o comércio e a indústria, onde existe maior seguridade social no tocante a direitos trabalhistas e previdenciários e melhor remuneração e, principalmente, reconhecimento social.

O trabalho doméstico, apesar de ser um trabalho muito antigo, apenas hoje vem ganhando espaço e reconhecimento no campo científico e político, mesmo que vagarosamente. Ainda assim, grande parte dos estudos realizados acerca da mulher no trabalho doméstico se restringe ao lugar social das donas de casa.

O trabalho doméstico realizado pelas mulheres negras, escravas, livres ou libertas, ganhara pouca atenção na seara dos estudos sobre trabalho feminino, tanto por ainda não ser reconhecido como atividade produtiva, quanto (e principalmente) pela invisibilidade e invisibilização da mulher negra feminina enquanto sujeito histórico.

Ao fazer referência ao trabalho doméstico do período da escravidão, não pretendo afirmar – e não afirmo – que a atual condição de mulheres negras trabalhadoras domésticas é um mero resquício do sistema escravista. Com o fim da escravidão, muitas empregadas domésticas passaram a receber algo em troca do trabalho exercido: moradia, alimentação e/ou remuneração. É preciso ressaltar que, mesmo sendo extinta a escravidão, muitos aspectos desse período permaneceram vivos nas relações sociais. Dessa forma, muitas mulheres trabalhadoras por muito conviveram e com iguais formas de opressão, como a insalubridade do local de trabalho que se tornava o lugar de dormir da doméstica, as privações de liberdade e a não remuneração do serviço prestado¹⁹.

Busquemos então uma melhor definição do trabalho doméstico e dos sujeitos que o executam. Segundo a Pesquisa Mensal de Emprego (IBGE, 2010) existem critérios que definem o trabalho doméstico e o perfil das trabalhadoras que exercitam esta função²⁰:

- ✓ A natureza do trabalho, uma vez que este é exercido em domicílio e o empregador trata-se de uma pessoa física;
- ✓ A legislação específica para as trabalhadoras domésticas;
- ✓ A ocupação predominantemente feminina;
- ✓ A maior demanda pelo serviço doméstico remunerado associado à entrada de mulheres donas de casa no mercado de trabalho para suprir os cuidados da família e realizar os afazeres domésticos.

Além disso, na Pesquisa Mensal de Emprego, realizada pelo IBGE em fevereiro de 2010, foram registradas diversas formas de declaração da ocupação que se referem ao trabalho doméstico: empregada doméstica, faxineira, lavadeira, diarista, babá, cozinheira, passadeira, arrumadeira, acompanhante de idoso, acompanhante de doente, acompanhante de criança à escola etc., todas essas ocupações têm definido um lugar social muito distante daquele ocupado pela dona de casa, mesmo executando as mesmas funções.

¹⁹ Sobre os estigmas da escravidão no trabalho doméstico, ver Maria Aparecida Sanches, *Fogões, Pratos e Padeiras: poderes e relações de trabalho doméstico* em Salvador 1900/1950 (1998).

²⁰ A preferência pelo uso do termo “trabalhadoras domésticas” e não “trabalhadores domésticos”, como consta na Legislação, se deve a duas razões: a predominância feminina no exercício da função e o objeto de estudo voltado especificamente para as mulheres trabalhadoras domésticas.

No caso do trabalho doméstico remunerado, o suposto choque lar *versus* trabalho torna-se ainda mais profundo, quando as domésticas afastavam-se do (seu) lar e da (sua) família para exercer atividades reprodutivas femininas no lar de outras famílias. Mesmo quando as mulheres ganhavam dinheiro cosendo, lavando ou fazendo outras tarefas em casa, isso não era considerado pelos recenseadores como trabalho produtor de valor econômico, pois, além de não ser uma atividade em tempo integral, também não era exercida fora de casa, no espaço produtivo. Como resultado disso, grande parte do trabalho remunerado feminino era ignorado nas estatísticas oficiais do governo [no caso da Inglaterra]: invisível, não podia se tornar objeto de atenção ou de melhoramento. No Brasil, ainda hoje há uma discussão no tocante à condição de trabalho do serviço doméstico, pois se trata de uma atividade desvinculada de relação econômica. (SCOTT *apud* NOGUEIRA, 2004)

Ignorar a condição de trabalho do trabalho doméstico é desconsiderar os números de trabalhadoras domésticas do Brasil. O Brasil está em 4º lugar no *ranking* de países latino-americanos com população feminina ocupada no trabalho doméstico, como mostra o gráfico abaixo:



Um importante fator que define este trabalho é o rosto comum das pessoas que o executam: majoritariamente são mulheres pretas e pardas, de variadas faixas etárias, oriundas das camadas mais pobres, com baixa escolarização ou até analfabetas. Esses matizes

ideológicos corroboram com predestinação da população pobre, negra e feminina aos setores de menor prestígio social e com as menores taxas de seguridade social²¹.

A histórica e majoritária mão-de-obra negra feminina é comprovada através dos dados da Organização Internacional do Trabalho (2010) que ratificam a grande parcela de mulheres negras atuantes neste emprego, o que, a princípio, já coloca este trabalho em situação particular comparado aos demais empregos.

As trabalhadoras domésticas brasileiras continuam sendo um ponto de convergência de várias condições de vulnerabilidade, especialmente as de gênero, raça e classe. Em 2008, as trabalhadoras domésticas, no Brasil, perfaziam um total de 6,2 milhões de trabalhadoras, representando 15,8% do total da ocupação feminina no Brasil e 20,1% do total da ocupação das mulheres negras. Apesar de empregar um número significativo de mulheres, o trabalho doméstico é caracterizado pela precariedade: no mesmo ano, somente 26,8% do total de trabalhadores/as domésticos/as tinham carteira de trabalho assinada, e, entre as trabalhadoras domésticas negras, este percentual era ainda menor: 24%. (OIT, 2010, p.17)

Em comparação aos demais postos com predominância feminina no país, o trabalho doméstico ganha destaque. Segundo os dados da Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio (2001) o trabalho doméstico representa 18,2% do total da ocupação feminina no Brasil, correspondendo a 6 milhões de pessoas. Ao incluir o quesito raça/cor nestes números, podemos perceber que o peso do trabalho doméstico é ainda mais acentuado no caso das mulheres negras: 23,9% (ou seja: de cada 100 mulheres ocupadas no Brasil aproximadamente 4 são empregadas domésticas). No caso das mulheres não-negras o peso do emprego doméstico corresponde a 14,1% do total da sua ocupação²².

As taxas de escolaridade das trabalhadoras domésticas vêm crescendo, apesar de ser ainda alarmante o baixo nível de instrução. Pode-se afirmar que a pouca qualificação torna-se um fator de agregação de mulheres com pouca escolarização no trabalho doméstico, tendo em vista que para o exercício da profissão não seria necessário um alto nível de instrução. Em

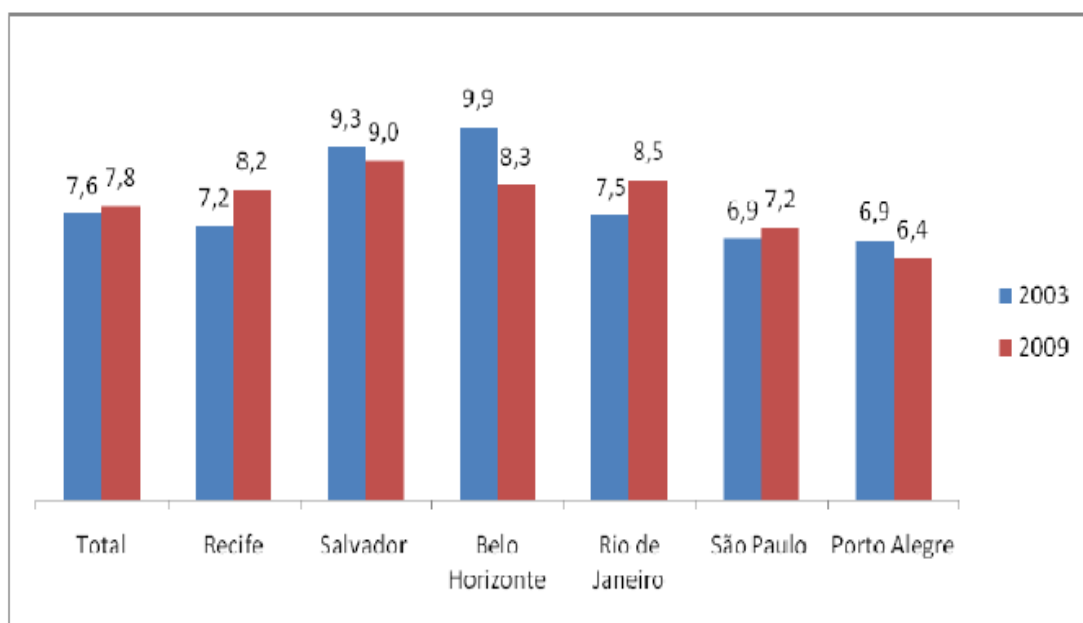
²¹ A informalidade sempre foi uma constante na realidade das trabalhadoras domésticas. Apesar do avanço das leis trabalhistas para o trabalho doméstico nos últimos anos, ainda há milhares de trabalhadoras domésticas na informalidade, sem carteira assinada, sem direito à cobertura previdenciária e outros direitos trabalhistas já garantidos por lei.

²² Fonte: OIT, 2010.

muitas “casas de família”, habilidades como saber ler e escrever já são suficientes para a contratação de uma trabalhadora doméstica. Além disso, como já afirmamos anteriormente, as mulheres que conseguem adquirir um nível de instrução mais elevado, dificilmente permanecem no trabalho doméstico e acabam migrando para outras profissões.

A seguir, encontra-se um quadro com dados do IBGE que mostra o percentual de trabalhadoras domésticas dentre a população ocupada, onde podemos notar que em algumas regiões metropolitanas houve crescimento do trabalho doméstico, como Recife e Rio de Janeiro, enquanto que em outras regiões a média de trabalhadoras domésticas reduziu, como em Salvador e Belo Horizonte. Comportamento similar em todas as regiões se deu no percentual feminino entre os trabalhadores domésticos, que alcançava 94,7% em 2003 e caiu para 94,5% em 2009, de acordo com o IBGE (2010).

**Percentual de trabalhadores domésticos na população ocupada - média anual
2003 - 2009**



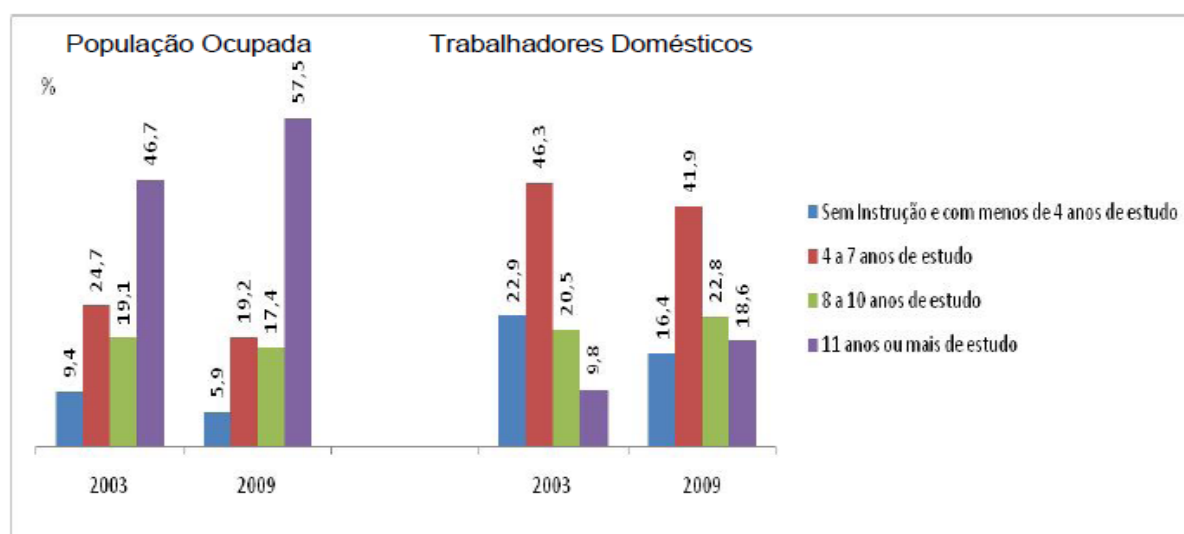
FONTE: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Mensal de Emprego

Os gráficos seguintes revelam que a média de trabalhadoras domésticas sem instrução ou baixo nível de escolaridade supera a média da população ocupada em geral, mas quando o nível de instrução supera os 11 anos de estudo o número de trabalhadoras domésticas diminui,

enquanto a média da população ocupada aumenta. Em outras palavras, o quadro demonstra a relação entre o nível de instrução e trabalho doméstico; quanto menor o nível de instrução, a porcentagem de trabalhadoras domésticas aumenta, enquanto que à medida que os anos de estudos crescem, o número de domésticas diminui e o índice de demais ocupações aumenta.

O IBGE também comparou o nível de instrução das trabalhadoras domésticas com a população ocupada em geral. Constatou-se que ambos tiveram crescimento na escolarização, porém as taxas de baixa escolaridade ainda são muito mais gritantes para o trabalho doméstico do que para outras ocupações. Em 2009, no grupo com apenas 4 (quatro) a 7 (sete) anos de estudo, 41,9% eram trabalhadores domésticos, enquanto 19,2% da população ocupada tinha o mesmo nível de instrução. Quando a escolarização aumenta, percebe-se a redução nos números dos trabalhadores domésticos²³. No grupo com 11 anos ou mais de estudo, 57,5% da população ocupada possuía essa instrução, enquanto para os trabalhadores domésticos esse percentual era de 18,6%.²⁴

Distribuição da população ocupada²⁵ e dos trabalhadores domésticos, por grupos de anos de estudo - média anual - 2003 e 2009



FONTE: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Mensal de Emprego

²³ Dois motivos: a dificuldade de ampliar o nível de escolaridade e/ou a migração para outras profissões, menos subalternizadas, com a aquisição de um maior nível de instrução.

²⁴ IBGE, 2010.

²⁵ População ocupada, de acordo com a definição do IBGE, são pessoas que tinham trabalho na semana anterior à da entrevista; indivíduos que tinham um patrão, os que exploravam seu próprio negócio e os que trabalhavam sem remuneração em ajuda a membros da família. População ocupada se divide em quatro categorias de posição na ocupação: empregados, trabalhadores por conta própria, empregadores e pessoas que trabalharam sem remuneração em ajuda a membros da unidade familiar.

Como foi demonstrado por Queiroz, as mulheres negras vêm buscando uma mobilidade social através dos estudos e isso tem causado efeitos nos setores onde predomina sua mão de obra. Isso se deve por dois fatores. O primeiro é que as trabalhadoras domésticas, por diversas razões como as elevadas jornadas de trabalho, têm uma maior dificuldade para ampliar o nível de escolaridade. Segundo, ao conquistarem um maior nível de instrução, as trabalhadoras domésticas podem migrar para outras profissões menos subalternizadas e, conseqüentemente, com maior prestígio social que o trabalho doméstico pode oferecer.

Se a baixa remuneração sempre demonstrou correlação com a escolaridade, a apropriação de um maior nível de instrução por parte das mulheres negras, dentre elas, as trabalhadoras domésticas, possibilita uma mudança nos padrões de contratação e remuneração da trabalhadora doméstica; a escolarização torna-se, portanto, um acesso à maior remuneração e melhores condições de trabalho e segurança.

Existe hoje uma grande evasão de mulheres de gerações mais novas do trabalho doméstico, conseqüentemente, uma crescente escassez de mão-de-obra nesse setor vem ocorrendo. (PESQUISA MENSAL DE EMPREGO, 2010) A Pesquisa Mensal de Emprego (PME) publicou estatísticas que explicam a atual redução de mão-de-obra no trabalho doméstico que teve origem tanto na busca das mulheres por melhores condições de vida e trabalho, preferindo outras ocupações, quanto em uma resposta contra a histórica precariedade que rotulava o trabalho doméstico e todas as suas trabalhadoras. Nos estudos realizados e dados encontrados na pesquisa monográfica (2008) que desencadeou o atual objeto de estudo, as participantes, todas trabalhadoras domésticas, demonstraram em seus discursos a representação negativa do trabalho doméstico e a necessidade ou simples vontade de recorrer a outros recursos, principalmente a escola, para sair da condição de trabalhadora doméstica ou impossibilitar que suas filhas sigam o mesmo caminho.

Por outro lado, outro fator agravante é a imposição legal da garantia de direitos das trabalhadoras que, por muito tempo, não tiveram a legislação trabalhista a favor do fortalecimento da categoria, mas que ainda encontram resistência por parte das famílias contratantes na efetivação desses direitos. Supõe-se que a discriminação de raça e gênero, juntamente com os rótulos de subalternidade do trabalho doméstico, dificultem o

reconhecimento da dignidade da profissão e da efetivação dos direitos trabalhistas, previdenciários e humanos. O processo de fortalecimento social e político do trabalho doméstico depara-se com obstáculos que dificultam o reconhecimento da categoria, como o racismo e sexismo presentes no mercado de trabalho, desde o imaginário social às relações interpessoais.

O primeiro obstáculo para a escolarização surge logo na infância, quando as meninas se vêem obrigadas a não frequentarem ou a abandonarem a escola para priorizarem o trabalho, colaborando com o sustento familiar. O trabalho doméstico informal é um dos principais mercados acolhedores destas meninas, pois além de serem consideradas *aptas* às tarefas do lar, a pouca idade facilita o controle da família contratante sobre a empregada e dá margem para várias formas de exploração da mão-de-obra infantil. No Brasil, além do Estatuto da Criança e do Adolescente foram criados estratégias e mecanismos institucionais que visam à prevenção e erradicação do trabalho infantil²⁶, porém ainda há milhares de menores atuando no trabalho doméstico. Nas cidades do interior baiano é muito comum a prática de famílias pobres encaminharem suas filhas para cidades mais desenvolvidas a fim de trabalharem nas casas de família mais abastadas que, em troca de trabalho, garantem uma melhor qualidade de vida e melhores oportunidades de estudo, garantias estas muitas vezes não cumpridas, como é visto nos discursos das entrevistadas e em alguns estudos sobre trabalhadoras domésticas em séculos passados e na contemporaneidade. (SANCHES, 1998; SABÓIA, 2000)

4.2 TRABALHADORAS DOMÉSTICAS: SUJEITOS DA EJA

Durante a trajetória da Universidade, tanto no curso de Pedagogia quanto no Movimento Negro Universitário, tive contatos com experiências voltadas à Educação de Jovens e Adultos. Apesar da pouca representatividade da EJA no currículo de Pedagogia, pude conhecer grandes personagens do cenário da EJA, como Paulo Freire, Jane Paiva,

²⁶ Conselhos Tutelares e Conselhos dos Direitos da Criança e do Adolescente; Núcleos de Erradicação do Trabalho Infantil e de Proteção ao Trabalho do Adolescente; Fórum Nacional de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil; Compromisso para Erradicação do Trabalho Infantil e Proteção ao Adolescente no Trabalho; entre outros.

Moacir Gadotti, Miguel Arroyo, Sergio Haddad, entre outros, que me possibilitaram a construção de uma noção de sujeito e de educação compatível com a noção de sociedade que gostaria de ajudar a construir/transformar. O reconhecimento do sujeito, sua realidade, seus saberes e práticas, adquiridos nas suas experiências de vida, foi uma das principais lições que aprendi especialmente através das obras de Paulo Freire.

Os sujeitos da EJA são jovens, adultos e idosos trabalhadores, em sua maioria, negros e negras, oriundos das camadas mais pobres da população, mães e pais de família que, devido às desigualdades sociais, tiveram negado seu direito de ter acesso à educação formal na idade regular. Joana Célia Passos, em *A Educação de Jovens e Adultos e a Promoção da Igualdade Racial no Brasil* (2011), constatou, através de números do PNAD, que a população negra apresenta as mais altas taxas de analfabetismo e frequência na Educação de Jovens e Adultos:

No Censo Escolar realizado em 2005 constatou-se que 2,7 milhões de estudantes que frequentavam a educação de jovens e adultos (EJA) eram negros e 1,4 milhão brancos. Segundo a PNAD/2007, 59,9% dos homens e mulheres que frequentavam a EJA naquele ano se autodeclaravam negros. São homens e mulheres negros e pobres, em sua maioria jovens, que por uma série de motivos precisaram abandonar a escola. (2011, p. 101)

A Educação de Jovens e Adultos vem sendo pauta de muitos estudos e pesquisas que visam a efetivação de uma educação plural, que atenda às especificidades de um público bastante peculiar e ao mesmo tempo diverso; jovens, adultos e idosos, mulheres e homens, pobres, trabalhadores e trabalhadoras, com trajetórias semelhantes, mas com identidades diversas. Muitas singularidades foram encontradas nas histórias das participantes da pesquisa, a começar pelas interrupções dos estudos e os fatores que levam a essa interrupção: pobreza, trabalho, filhos etc. são alguns fatores que condicionam o afastamento dessas mulheres. Por conseguinte, apresento os relatos das trabalhadoras domésticas para elucidar suas **trajetórias escolares interrompidas**.

Aí me colocaram na escola. Só que não adianta a gente entrar no colégio e não ter tempo pra estudar. Tem que ter tempo pra estudar, tem que ter dedicação e eu não tinha. Eu levantava seis horas da manhã pra arrumar as crianças, levar na escola, quando voltava, lavava roupa, fazia uma coisa e outra, aí quando terminava de fazer as coisas, não tinha tempo pra estudar. É tanto que na terceira série, eu repeti 2 anos. (...) Quando eu vim pra aqui

comecei a estudar na 1ª série mesmo. (...) Quando fui fazer a quinta, eu desisti. Conheci um rapaz, comecei a namorar, aí já vai ter filho, sabe? Aí pronto, as meninas nasceu, aí não tinha com quem deixar pra eu ir pra escola. Aí parei. Isso foi há 16 anos. Tem três anos que eu tô estudando. Aqui eu entrei na 1ª série. Hoje as crianças entra com 3 anos, 2 anos na escola, antigamente, entrava com 7 anos. E ainda com essa matraca como eu te falei, estudava, mas era a mesma coisa que nada. A gente não tinha também muita noção, o pouco de tempo que tinha ainda ia brincar, porque não tinha noção do que era o estudo. Aí vim, depois, comecei a estudar direitinho. Mas depois que voltei, parei de estudar de novo. Ele [o esposo] estudava, aí eu dava preferência pra ele estudar (...). Se contar, fiquei 10 anos sem estudar, 10 anos sem fazer um futuro. É minha história de vida. (Creuza)

Já parei de estudar já por causa que eu engravidei da minha filha, aí eu tava com vergonha de vir com o barrigão pra escola, aí parei de estudar. Fechei a matrícula. Eu voltei quando eu tive meu filho, aí eu não tive mais filho nenhum, só Felipe e Júlia, aí eu voltei a estudar. Aí eu peguei no estudo direto. Voltei a estudar. (Tereza)

E eu parei de estudar com 15 anos pra trabalhar, passei quantos anos? Trinta. O ano passado que eu retornei ao colégio, pensei que eu nem ia saber de mais nada. Passei direto, hoje eu tô fazendo a 8ª, pretendo levar a frente que eu pretendo sair de doméstica. Eu voltei pra estudar pra ter outra vida. (...) Eu já cheguei a voltar a estudar e parei de novo. Começou as primeiras greve de professor e eu ia gastar meu transporte, aí parei lá. Antes, eu estudei, eu parei de estudar com 15 anos lá em Serrinha e vim pra aqui, peguei minha transferência e vim pra aqui, aí não estudei. Depois perdi minha transferência, voltei de novo. Aí comecei, não lembro nem que ano eu estudei. Trinta anos que parei! Perdi um ano só, que foi que eu repeti aqui. Aí eu fiz 5ª e 6ª aqui e hoje eu tô fazendo 7ª e 8ª. (Firmina)

Cheguei a estudar, mas lá não aprendia nada (...). Quando pai era vivo, não queria que a gente estudasse, queria que a gente trabalhasse. Com sete anos, ele tinha que botar a gente na roça pra trabalhar. Se não fosse, tinha que apanhar. (...) Olha, quando eu parei de estudar a primeira vez foi logo quando eu vim do interior. Cheguei aqui quando eu comecei a trabalhar, ninguém queria que eu fosse estudar. As patroa naqueles tempo não era osso de se roer, não queria que eu estudasse. E não tinha quem ficasse com os meninos de noite. Trabalhava e dormia no trabalho. Não tinha filho, eles só chegava tarde, não tinha como estudar. Eu queria estudar, mas quando eu fui estudar mesmo eu já tinha o que? Acho que era uns vinte anos. (Carolina)

Eu comecei a estudar na adolescência, logo cedo, eu fui pra escola cedo, tudo normal. Só que quando você não tem família... não tem assim um acompanhamento com os pais, aí não tem aquele encanto. É difícil, porque eu não aprendi nada porque não tinha aquela pessoa que cuidasse. (...)

Quando eu era mais nova, eu parei de estudar nova porque, como eu tô dizendo a você, aí logo cedo, não tinha quem tomasse conta aí eu fui procurar o trabalho em casa... como doméstica. (...)E continuei trabalhando, mas não voltei a estudar. Ah, não voltei não. Eu parei. Quando eu saí, não voltei mais. Voltei agora tem 4 anos. Voltei na primeira série. Aí comecei fazendo tudo de novo. Quando eu era novinha que eu estudava, não aprendi nada. Não consegui nada, e a situação financeira, como eu tava dizendo a você que eu, o pai e mãe botava o filho na escola, mas não tinha alimento, não tinha as coisas, como é que quer que estude? Sem alimento, sem nada. Você não aprende, não tem como você aprender. Você só pensa no alimento. Não adianta dizer que bota na escola, sem alimento, porque a criança não consegue. Passei fome, com certeza! E muita! (Laudelina)

Alguns estudos apontam o trabalho doméstico como principal obstáculo para o acesso das trabalhadoras domésticas à escola. Sabóia (op. cit.) compara a frequência escolar de meninas trabalhadoras domésticas com meninas trabalhadoras em outras ocupações e nota uma situação evidentemente desvantajosa para as primeiras:

Enquanto 32,8% das meninas no serviço doméstico não estudam, entre as outras trabalhadoras o percentual baixa para 17,6%. Este quadro repete-se em todas as regiões do país. Os maiores diferenciais são encontrados na região Nordeste, onde 39,2% das meninas trabalhadoras domésticas não estudam e 15,3% das outras meninas trabalhadoras encontram-se em situação similar. É importante destacar ainda que apenas 7% das meninas entre 10 e 16 anos fora do mercado de trabalho não frequentam a escola. Portanto, a frequência escolar é pior para as meninas empregadas domésticas do que para as demais meninas trabalhadoras e para as meninas que não trabalham. [grifo da autora] (p.13)

A defasagem escolar se agrava no caso das trabalhadoras domésticas residentes e, principalmente, quando ainda são menores de idade. Como foi dito por algumas entrevistadas, a ida à escola, muitas vezes, dependia do desejo e disponibilidade dos patrões.

Outro aspecto notável sobre a frequência escolar é o fato das meninas empregadas domésticas residentes no domicílio dos empregadores possuírem taxas de escolaridade muito menores que as não residentes. Tal fato se repete em todas as regiões do país. Enquanto 61,3% das residentes não frequentam a escola, entre as não residentes a proporção baixa para 28,5%. Possivelmente, as longas jornadas de trabalho (sem horário. fixo) das meninas empregadas domésticas residentes inviabilizam sua frequência escolar, enquanto que as não residentes devem possuir uma jornada mais regular, permitindo sua presença na escola²⁷.

²⁷ SABÓIA, op. cit., p.14.

As trabalhadoras domésticas, portanto, vivenciam um círculo vicioso em que, inicialmente, são afastadas dos bancos escolares pela necessidade de trabalhar e, posteriormente, são obrigadas a permanecerem fora da escola por conta do trabalho. A escolarização representa, para essas mulheres, mudanças significativas nas suas condições de vida, por isso, impedir seu acesso à escola, seja pela omissão do Estado, seja pela opressão das patroas e patrões, é negar a cidadania e a emancipação das trabalhadoras domésticas.

Ao se traçar o perfil dos sujeitos da EJA é importante frisar que a negação do direito à educação não pode ser discutida isoladamente dos demais aspectos da vida dos educandos e educandas, uma vez que, no contexto de desigualdades e de sonegação de direitos, o impedimento ao acesso à educação é uma causa e, ao mesmo tempo, consequência da ausência de outros direitos básicos da vida humana que devem ser levados em conta igualmente desde a criação de políticas públicas e sociais até as práticas educativas em sala de aula. Como sustenta Arroyo (2007, p: 24):

Urge ver mais do que alunos ou ex-alunos em trajetórias escolares. Vê-los jovens-adultos em suas trajetórias humanas. Superar a dificuldade de reconhecer que, além de alunos ou jovens evadidos ou excluídos da escola, antes do que portadores de trajetórias escolares truncadas, eles e elas carregam trajetórias perversas de exclusão social, vivenciam trajetórias de negação dos direitos mais básicos à vida, ao afeto, à alimentação, à moradia, ao trabalho e à sobrevivência. Negação até do direito a ser jovem [e adulto]. As trajetórias escolares truncadas se tornam mais perversas porque se misturam com essas trajetórias humanas. Se reforçam mutuamente.

A interrupção dos estudos é uma constante nos relatos das trabalhadoras domésticas. A trajetória escolar fragmentada é uma característica que mais se destaca no perfil dos sujeitos da EJA e nos estudos e pesquisas que se voltam para a Educação de Jovens e Adultos. Como educandas da EJA, Tereza, Firmina, Carolina, Laudelina e Creuza são trabalhadoras domésticas com trajetórias escolares interrompidas. Esse fluxo de chegadas e saídas da escola é um ponto comum na vida de todas elas, mas, dentro dessa interseção, cada uma teve motivos particulares para a interrupção dos estudos. As causas do afastamento da escola são diversas, mas em geral, todas se articulam com outros aspectos da vida dessas mulheres,

principalmente o trabalho. Podemos identificar nas falas das participantes, o vínculo entre o trabalho doméstico e as trajetórias escolares interrompidas. A suspensão dos estudos, por conta do início da vida de trabalho, aparece em vários momentos. Algumas se viam impedidas de estudar mesmo antes de ingressar no trabalho doméstico, ainda no âmbito familiar, trabalhando na lavoura, como Firmina, Creuza e Carolina.

A Educação de Jovens e Adultos, durante muito tempo, foi percebida apenas como uma modalidade de ensino que visava a “erradicar o mal do analfabetismo” no Brasil e essa concepção estava intrínseca nas políticas públicas e na própria visão sobre os alunos da EJA, percebidos como a causa do atraso econômico. Os educandos e educandas da EJA ainda enfrentam uma visão simplificada que a sociedade, a escola e o Estado têm de suas vidas, resumidas a um percurso escolar fragmentado ou inexistente. Essa visão preconceituosa dos sujeitos da EJA é levada para a sala de aula através dos currículos, dos discursos, das práticas educativas e afetam a própria visão que os sujeitos têm de si mesmos e influenciam ou determinam suas aspirações. Resumidos a trajetórias escolares fragmentadas, os educandos e educandas da EJA não têm respeitados vários outros aspectos que compõem toda a diversidade de sua vida, suas trajetórias pessoais, escolares, profissionais, seus saberes e necessidades, como determinam as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica (1996):

O respeito aos educandos e a seus tempos mentais, socioemocionais, culturais e identitários é um princípio orientador de toda a ação educativa, sendo responsabilidade dos sistemas a criação de condições para que crianças, adolescentes, jovens e adultos, com sua diversidade, tenham a oportunidade de receber a formação que corresponda à idade própria de percurso escolar.

A escola ainda se mostra distante dessa diversidade de experiências, saberes e sentidos das educandas e educandos da EJA. Duas declarações de Laudelina e Creuza levam-nos a refletir sobre esse distanciamento da escola da realidade e necessidades das educandas e educandos, o que reflete em um distanciamento da escola pelos próprios alunos e alunas:

Outra também é a igreja, você vai, você sente vontade de escrever, você sente vontade de ler um texto da Bíblia pra passar pras pessoas. Tanta coisa incentiva pra vida melhorar! Hoje eu vou no banco, já sei fazer depósito. Já tenho cartão de crédito, você já pode ler um versículo pra alguém. Já pode

chegar na sala de aula e o professor pedir, você chegar lá na frente e ler alguma coisa... Eu tô lendo a Bíblia. Ler a Bíblia é bom, você vai aprendendo mais, você fica em paz, você aprende a conviver mais com as pessoas, porque na Bíblia você aprende essas coisas: aprende a suportar mais as coisas que antes me deixava nervosa, agitada. Eu xingava, com raiva e a Bíblia ensina você a ter esse controle, ensina você a se controlar. (Laudelina)

Algumas coisas que aprende a gente pratica no dia-a-dia né? A leitura, por exemplo. Porque eu sou Testemunha de Jeová. Então a gente lê muito, a gente faz discursos. Sabe o que me ajudou mais na leitura? Não foi nem colégio, porque eu lia soletrando, soletrando mesmo. Depois que eu comecei a estudar a bíblia foi que eu melhorei minha leitura, porque esse estudo bíblico é assim: perguntas e respostas, aí você lê o parágrafo e vem a resposta pra você encontrar. Vem a pergunta, aí você lê o parágrafo pra você encontrar a resposta. Isso aí me ajudou, a gente tem a leitura regular da bíblia todos os dias, temos 3 reuniões por semana que a gente prepara. Então me ajudou muito nesse campo, porque se depender de colégio, minha filha, infelizmente. (Creuza)

A escola recalca a visão do sujeito fragmentado, como se toda a identidade do sujeito se resumisse à trajetória escolar e suas necessidades se limitassem aos conteúdos escolares. Creuza e Laudelina demonstram uma conquista do mundo letrado, muito mais devido a processos de escrita e leitura da Igreja do que nos processos educativos da escola. O distanciamento da escola das identidades sociais das educandas e educandos, segundo MOTA (2002), implica no afastamento do aluno do mundo escolar:

Torna-se, assim, flagrante, no cotidiano escolar, o caráter artificial e superficial das atividades de leitura; é por essa falta de acolhimento da identidade cultural do aluno que ele se afasta da dinâmica da sala de aula, excluído do cenário escolar porque passa a ser rotulado de desmotivado, deficiente, incompetente. Será mesmo? E como se comporta na linguagem da vida? Conto para vocês o caso de Nalva, uma doméstica evangélica com quem convivo, que abandonou a escola dizendo-me: “Não dou pra essas coisas de escola, minha cabeça faz muita confusão quando me dão aquelas coisas pra ler. Prefiro ir pra igreja”. Passado um certo tempo, para minha surpresa, descobri que, ao frequentar a igreja, Nalva vai retomando suas atividades de leitura, pois, diariamente, ela encontra tempo e motivação para ler passagens bíblicas que, na sua visão, dão-lhe respostas para as coisas da vida. Afastada da escola formal e participante da escola da vida, observo, ao conversar com Nalva, que ela vai se tornando uma leitora eficiente e competente. Outro dia ela me pediu revistas emprestadas e fiquei feliz ao ouvir suas respostas inteligentes sobre trechos de reportagens da Veja. Fico a pensar que, lamentavelmente, muitas Nalvas são excluídas das salas de aula por causa das “leituras confusas” que a escola impõe. (pp. 27-28)

O caso de Nalva, também trabalhadora doméstica, citado pela autora, exemplifica o distanciamento escola-aluno/ aluno-escola. Assim como Laudelina e Creuza, Nalva encontra nas leituras da Bíblia motivações para ler, pois a Bíblia, diferentemente da escola, responde às questões e necessidades reais dessas mulheres.

Mota e Souza (2007) criticam a postura da escola que, ao homogeneizar os alunos e alunas, não respeitam e reconhecem a diversidade dentro da sala de aula:

A postura homogeneizante da escola não abarca a diversidade sociocultural dos alunos, patrimônio cultural que se sustenta na tradição de um conjunto de *habitus* responsável pela produção dos discursos de identidade marcados pelas diferenças de gênero, etnia, trabalho, filiação religiosa, territórios geográficos, entre outras. Assim, faz-se necessário a compreensão, por parte do professor, de que o processo educacional se configura, na maioria das vezes, como uma ação contínua de organização da própria identidade em comunhão com os demais. Tal constatação é extremamente importante, sobretudo quando se trata de classes de EJA, as quais recebem aprendizes que experimentam o momento mágico do “rito de passagem” da tradição de oralidade (no micro-espço da comunidade local) para o mundo grafocêntrico (no macro-espço da comunidade global), na intenção de elaborar um novo patamar de identidade, ao inserir-se ativamente no mundo letrado. (p. 507)

Em contrapartida hoje, lentamente a diversidade vem ganhando espaço em várias instâncias da sociedade, em especial, na educação e isso implica o reconhecimento e valorização de diferenças, semelhanças, saberes e práticas; isso implica o respeito às identidades dos sujeitos construídas através de ricas experiências de vida. Para além de um caminho escolar interrompido, o que mais o sujeito de EJA traz e busca na sala de aula? Quais são as demandas que a vida deste sujeito exige à escola?

É possível inferir, através dos relatos das participantes, as demandas que são colocadas à escola a partir de suas histórias de vida e de seus projetos para o futuro. Seja para encontrar uma profissão com maior reconhecimento, seja para encontrar dignidade, seja para adquirir habilidade na leitura da Bíblia, todas trazem à escola, especialmente, à Educação de Adultos, necessidades oriundas de seus processos formativos e de suas expectativas quanto ao futuro. Atender a essas questões, reconhecer a diversidade de razões na entrada e permanência na escola, é um processo necessário para a conquista/resgate/fortalecimento da cidadania dessas mulheres. Portanto:

É forçoso considerar os requisitos formativos cada vez mais complexos para o exercício de uma cidadania plena, as exigências crescentes por qualificações de um mercado de trabalho excludente e seletivo e as demandas culturais peculiares a cada subgrupo etário, de gênero, étnico-racial, socioeconômico, religioso ou ocupacional. A pergunta que se coloca, então, é como contemplar com equidade um direito básico da cidadania, retendo sob um parâmetro comum de qualidade necessidades formativas tão diversas? (DI PIERRO; JOIA; RIBEIRO, 2001, p. 69)

Daí a demanda de uma nova onda de estudos e pesquisas em torno da educação, em geral, e da EJA, especificamente, para oferecer uma educação que promova a igualdade respeitando a diversidade dos educandos. Proporcionar uma educação que valorize as experiências dos indivíduos, em geral tão semelhantes, mas reconhecendo os diferentes sentidos atribuídos a cada uma dessas experiências é dever da escola em qualquer modalidade de ensino, sobretudo na EJA, cujos sujeitos já trazem bagagens cheias de saberes e aprendizagens que devem ser contemplados nos processos educativos. Reconhecer a diversidade nas trajetórias, nos significados, e também a diversidade na cor/raça, no gênero, na religião, na identidade sexual dos educandos e educandas da EJA. Muito se vê, mas pouco se fala. Ainda são escassos os dados e pesquisas da EJA voltados para traçar o perfil racial dos sujeitos da EJA no Brasil.

Nas pesquisas levantadas sobre Sujeitos da EJA, pouco foi encontrado a respeito do perfil racial dos educandos ou do enfoque de raça como elemento compositor de suas identidades. Muitos estudos abordavam exclusivamente o trabalho como fator determinante dos sujeitos da EJA, outros até, traziam o gênero para analisar a participação feminina dessa modalidade. Considero pertinente abordar sucintamente alguns poucos estudos encontrados para mostrar a ausência da questão racial:

Menezes, em *A Participação Feminina em Turmas da Educação de Jovens e Adultos* (2005), analisa as implicações de gênero, suas responsabilidades naturalizadas, como casamento e maternidade, na participação das mulheres nas turmas de EJA.

Ávila (2010) investiga as jornadas escolares de mulheres oriundas de camadas populares diante da tripla jornada de trabalho, chegando a abordar o trabalho doméstico por

elas realizado, porém, trabalho não-remunerado. Mais uma vez, os papéis sociais referentes ao gênero são postos como fortes fatores que marcam as trajetórias femininas.

Míriam Zúñiga (1993) situa a Educação de Adultos como espaço importante para os processos formativos de fortalecimento das mulheres, de emancipação pessoal, na aquisição de habilidade para o desempenho de papéis nas esferas produtivas, reprodutivas e econômicas.

Nilma Lino Gomes (2007) faz uma análise sobre a enorme lacuna existente sobre a EJA no que se refere aos estudos voltados para a questão racial nesta modalidade de ensino e questiona:

Como essa situação é possível se o público atendido pela EJA no Brasil é majoritariamente negro e pobre? Como pode o público da EJA ser negro e pobre e essa especificidade não ser contemplada dentro das propostas de EJA? Como pode a questão racial ser tão pouco debatida e problematizada pelos educadores e educadoras que trabalham com EJA? (p. 98-99)

O pensamento freireano de educação e de sujeito mostra que, para uma prática educacional ser bem sucedida, o processo de ensino-aprendizagem deve partir da realidade do educando. A realidade do educando, seus saberes, práticas e vivências devem ser considerados no processo educativo. Então, se a EJA é composta majoritariamente por mulheres e homens, negras e negros, pobres, como dimensões como raça e gênero podem ficar de fora das políticas, debates, teorias e práticas educacionais desta modalidade? Isso não seria invisibilizar as diversas dimensões que constituem o sujeito? Deixando de olhar para estas dimensões, se passa a negar o próprio sujeito o qual, durante muito tempo na sua trajetória, já foi historicamente invisibilizado. E aí voltamos ao ponto de partida onde o sujeito e sua realidade de vida são partes importantes do processo educativo e que são silenciadas politicamente.

Nos estudos e pesquisas voltados à EJA, segundo Gomes (2007), pouca atenção ainda é dada às categorias de raça, gênero, sexualidade, religião, categorias essas que fazem parte da formação social, histórica e cultural do sujeito. Grande parte dos estudos voltados à EJA traz uma visão do sujeito baseada apenas ou majoritariamente nos critérios socioeconômicos, deixando de lado outros nuances que afetam, influenciam ou até determinam suas

experiências, trajetórias e concepções. Supõe-se que devido à abordagem marxista que subsidia muitos desses estudos, a luta de classes ganha protagonismo dentro da análise das desigualdades sociais, descartando ou secundarizando as demais categorias.

Gomes (2007, p. 90) cita Miguel Arroyo ao sustentar que:

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) tem sua história muito mais tensa do que a história da educação básica. Nela se cruzaram e se cruzam interesses menos consensuais do que na educação da infância e da adolescência, sobretudo quando os jovens e os adultos são trabalhadores, pobres, negros, subempregados, excluídos. Pensar a realidade da EJA, é pensar a realidade de jovens e adultos excluídos. Eu diria mais: pensar a realidade da EJA, hoje, é pensar a realidade de jovens e adultos, na sua maioria negros, que vivem processos de exclusão social e racial.

Gomes (op. cit.) discute sobre a invisibilidade da questão racial, que sempre foi vista no campo da Educação de Jovens e Adultos como algo secundário ou pouco relevante, mas traz exemplos de como uma educação para jovens e adultos já era uma preocupação do Movimento Negro, em defesa da cidadania da população negra, em especial para aqueles e aquelas que trabalhavam durante o dia e só poderiam estudar à noite, criando escolas para alfabetização de adultos e escolarização de filhos de associados às entidades negras.

A Secretaria de Educação do Estado da Bahia elaborou a Política de EJA da Rede Estadual de Ensino que define claramente os sujeitos da EJA:

São sujeitos de direito da EJA jovens, adultos e idosos; homens e mulheres que lutam pela sobrevivência nas cidades ou nos campos. Em sua maior parte, os sujeitos da EJA são negros e, em especial, mulheres negras. São moradores/moradoras de localidades populares; operários e operárias assalariados(as) da construção civil, condomínios, empresas de transporte e de segurança. Também são trabalhadores e trabalhadoras de atividades informais, vinculadas ao comércio e ao setor doméstico. (BAHIA, 2009)

No *Documento Base Nacional Preparatório à VI CONFINTEA* (Conferência Internacional de Educação de Adultos), há a constatação de que, apesar da redução do número de analfabetos no Brasil, a região Nordeste lidera os índices de analfabetismo; justamente a região com maior população negra do país apresenta uma taxa de 20,7% em 2006; seguido pelo Norte (11,3%); Centro-Oeste (8,3%); Sudeste (6,0%) e Sul (5,7%). Dentre os 14,4 milhões de analfabetos registrados pelo IBGE em 2006, 7,6 milhões encontram-se apenas no

Nordeste, ou seja, em apenas uma região estão concentrados metade dos analfabetos do país. Analisando estes números a partir da perspectiva do gênero, o Documento sustenta que as mulheres apresentam uma taxa de analfabetismo relativamente menor que a taxa masculina; apenas entre as mulheres de gerações mais idosas (acima de 50 anos) encontra-se um índice de analfabetismo maior que os homens, frutos de uma cultura machista quando *não merecia importância a ida à escola, o saber ler e escrever, o conhecimento sistematizado.*(2008, p. 15)

Utilizando as estatísticas do PNAD, o documento também traz as desigualdades entre brancos e negros refletidas nos dados referentes ao analfabetismo e ao acesso ao ensino superior. Embora o número de analfabetos no Brasil tenha diminuído, a redução não se deu equitativamente entre estes dois segmentos da população: o percentual de negros de 1996 a 2006 caiu de 20,4% para 14%, enquanto o percentual de brancos analfabetos em 2006 não chegou à metade da taxa de pretos e pardos, 6,5%. Em números absolutos, dos 14,4 milhões de analfabetos existentes em 2006, 69,4% eram negros (pretos e pardos), enquanto a participação deste grupo na população total é de 49,5%.

Tendo em vista que a taxa de analfabetismo vem se reduzindo, é possível atribuir esta redução às políticas públicas voltadas à escolarização de jovens e adultos que vem ganhando cada vez mais força política e dimensão social. Então, haveria uma relação proporcional entre o número de analfabetos e a demanda pela Educação de Jovens e Adultos? Se a Região Nordeste agrega os maiores índices de analfabetismo, a demanda pela EJA nesta região seria também maior?

Os dados do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais) mostram que sim e ainda revelam que a Bahia – maior Estado negro do país – encabeça a lista dos Estados com maior número de matrículas na Educação de Jovens e Adultos. Percebemos também que só o Estado da Bahia supera todos os outros Estados em números de matrículas. Além disso, o número de matrículas da EJA na Bahia (446.410 matrículas), no ano de 2010, supera os números de toda a Região Sul (426.979) e da Região Centro-Oeste (288.239). Esses dados deveriam representar a priorização da Bahia e o reconhecimento da diversidade dos educandos e educandas nas políticas públicas educacionais.

MATRÍCULAS										
Educação de Jovens e Adultos										
Número de Matrículas na Educação de Jovens e Adultos por Localização e Dependência Administrativa, segundo a Região Geográfica e a Unidade da Federação - 2010										
Unidade da Federação	Matrículas na Educação de Jovens e Adultos									
	Localização / Dependência Administrativa									
	Total	Total				Urbana				
		Federal	Estadual	Municipal	Privada	Total	Federal	Estadual	Municipal	Privada
Brasil	4.287.234	15.537	2.348.342	1.786.554	136.801	3.784.256	12.563	2.278.105	1.357.778	135.810
Norte	522.922	1.876	267.474	239.517	14.055	427.487	1.715	255.006	157.390	13.376
Rondônia	77.027	17	57.888	16.236	2.886	72.958	0	56.800	13.473	2.685
Acre	24.527	0	18.068	5.247	1.212	19.024	0	15.033	2.779	1.212
Amazonas	90.615	569	44.955	44.336	755	68.772	569	44.198	23.276	729
Roraima	13.494	434	11.697	1.103	260	11.394	386	10.139	609	260
Pará	269.827	514	102.598	160.151	6.564	211.607	514	98.804	106.108	6.181
Amapá	23.477	0	17.579	4.977	921	21.055	0	15.737	4.444	874
Tocantins	23.955	342	14.689	7.467	1.457	22.677	246	14.295	6.701	1.435
Nordeste	1.571.217	6.263	608.581	922.317	34.056	1.211.412	5.043	573.541	598.959	33.869
Maranhão	198.536	789	39.842	152.777	5.128	115.656	587	36.218	73.851	5.000
Piauí	104.602	493	52.310	49.068	2.731	84.910	493	51.277	30.409	2.731
Ceará	183.887	605	62.606	113.557	7.119	145.401	382	60.955	76.945	7.119
R. G. do Norte	93.777	1.788	42.049	43.608	6.332	79.093	1.591	40.002	31.168	6.332
Paraíba	140.992	467	72.932	65.726	1.867	114.233	418	67.184	44.814	1.817
Pernambuco	248.213	786	100.145	143.053	4.229	197.851	673	87.565	105.384	4.229
Alagoas	98.497	373	22.193	74.021	1.910	67.073	373	21.539	43.251	1.910
Sergipe	56.303	461	25.817	27.985	2.040	48.417	216	24.634	21.527	2.040
Bahia	446.410	501	190.687	252.522	2.700	358.778	310	184.167	171.610	2.691
Sudeste	1.477.877	4.822	957.661	470.784	44.610	1.447.877	3.972	944.436	454.877	44.592
Minas Gerais	373.119	1.554	246.665	114.250	10.650	361.753	815	243.898	106.408	10.632
Espírito Santo	71.440	1.204	46.879	21.811	1.546	69.699	1.093	46.213	20.847	1.546
Rio de Janeiro	427.289	1.736	288.747	111.384	25.422	416.273	1.736	283.448	105.667	25.422
São Paulo	606.029	328	375.370	223.339	6.992	600.152	328	370.877	221.955	6.992
Sul	426.979	1.585	290.591	100.253	34.550	421.357	1.398	287.993	97.416	34.550
Paraná	165.705	398	136.172	26.375	2.760	165.039	398	135.791	26.090	2.760
Santa Catarina	106.549	305	64.191	25.371	16.682	105.295	305	63.657	24.651	16.682
R. G. do Sul	154.725	882	90.228	48.507	15.108	151.023	695	88.545	46.675	15.108
Centro-Oeste	288.239	991	224.035	53.683	9.530	276.123	435	217.129	49.136	9.423
M. G. do Sul	51.756	30	38.351	10.280	3.095	49.106	0	36.827	9.193	3.086
Mato Grosso	101.311	388	85.165	14.199	1.559	93.417	101	80.350	11.407	1.559
Goiás	81.209	573	49.229	29.204	2.203	80.232	334	49.159	28.536	2.203
Distrito Federal	53.963	0	51.290	0	2.673	53.368	0	50.793	0	2.575
Fonte: MEC/Inep/Deed.										
Notas: 1) O mesmo aluno pode ter mais de uma matrícula.										
2) Inclui matrículas na EJA presencial, semipresencial e integrada à educação profissional.										

Devido às bandeiras de luta levantadas pelas organizações sociais em prol da EJA, políticas públicas foram alcançadas – embora nem todas bem sucedidas ou concretizadas – para atender as propostas político-pedagógicas desta modalidade. A Educação de Jovens e Adultos em sua história traz uma nova concepção de sujeito. Antes a ideia de vitimização e

incapacidade norteava a concepção dos jovens e adultos que não puderam frequentar a escola na idade considerada própria e, conseqüentemente, determinava o fracasso das políticas públicas voltadas para a escolarização desses sujeitos. Atualmente a proposta pedagógica da EJA resgata a condição de sujeito ativo e participante da sociedade, considera suas realidades de vida e trabalho, suas necessidades e perspectivas. É o que dizem os documentos das políticas públicas e os textos acadêmicos, mas infelizmente, não é isso o que se revela nas práticas pedagógicas das turmas de EJA.

Miguel Arroyo (2007) nota que a sociedade civil e o Estado vêm adquirindo responsabilidades com a Educação de Jovens e Adultos criando políticas públicas e sociais, como a criação de uma Secretaria especializada para esta modalidade de ensino, a SECADE (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade) – fruto das reivindicações e deliberações dos ENEJA's (Encontro Nacional de Educação de Jovens e Adultos) – e iniciativas de igrejas e cultos afro-brasileiros, do MST (Movimento dos Sem Terra), ONGs (Organizações Não Governamentais) etc. A EJA, portanto, vem perdendo o matiz de um mero suplemento de escolarização e vem ganhando novas nuances na conquista da cidadania; vem se tornando um lugar de direitos, de sujeitos de direitos, conseqüentemente.

Direito ao reconhecimento das diversidades presentes numa sala de aula e também ao reconhecimento das singularidades tão facilmente encontradas numa turma de jovens e adultos. E é justamente na diversidade das particularidades das educandas e educandos da EJA que se encontram as identidades coletivas de raça, classe, gênero, religiosidade etc., que compõem a silhueta dos educandos e educandas da EJA.

Há algo que singulariza os sujeitos da EJA: são trabalhadores e trabalhadoras que passaram por processos sócio-políticos semelhantes, como as experiências de trabalho e escolaridade. São singularidades que ajudam a identificar, a traçar o rosto comum do educando da EJA. Isso não quer dizer que não há diversidade numa sala de EJA, como se houvesse uma homogeneidade de processos sócio-históricos, saberes e práticas numa sala de aula. Ao contrário, a diversidade encontra-se justamente nos saberes e práticas que fazem parte da formação do sujeito e nos significados atribuídos a cada saber, a cada vivência do sujeito da EJA. Em geral, o sujeito da EJA traz em sua trajetória marcas da desigualdade social e racial: a impossibilidade do acesso e/ou da permanência na escola, a entrada no

trabalho informal na infância ou adolescência, entre outras consequências da condição de pobreza de onde saem muitas crianças e jovens que, futuramente, se tornarão estudantes da EJA, quando ainda persistem no regresso/chegada à escola. Porém são diversos os sentidos dados a cada um dos processos formativos do sujeito da EJA.

O trabalho é uma categoria fortemente encontrada ao se traçar o rosto comum dos educandos/educandas da EJA e é o que diferencia esta modalidade da educação de crianças e adolescentes. Por conta dos processos de exclusão, a trajetória de trabalho destes sujeitos geralmente é marcada pela precariedade e instabilidade e agrava ainda mais a condição de exclusão desses indivíduos. Trabalhadoras domésticas, operários da construção civil, vendedores ambulantes são exemplos das profissões mais facilmente encontrados entre as educandas e educandos da EJA. São trabalhadoras e trabalhadores que pouco têm acesso à seguridade social e que em toda trajetória profissional tiveram negados vários direitos, negação de direitos que ocorre em outros aspectos de suas vidas.

Já na fase adulta, as longas jornadas de trabalho (fora e dentro de casa) tornam-se outro empecilho para o retorno e permanência na sala de aula. Em seus relatos, Tereza, Carolina, Firmina e Laudelina demonstram como o dia de trabalho, além de outros fatores como filhos, muitas vezes representam ***dificuldades na permanência na escola***:

Eu nunca tive dificuldade de seguir nos estudos por conta do trabalho. Só quando eu tava grávida dos meninos. (Tereza)

Pra eu continuar a estudar, a única dificuldade pra mim é só se ele (o marido) arranjar um trabalho pra trabalhar de noite, que aí eu vou ter que arranjar alguém pra tomar conta de minha filha. Se ele arranjar um trabalho pra trabalhar de noite, aí se ele for trabalhar de noite, aí eu vou ter que pagar alguém pra tomar conta de minha filha, é capaz até de eu desistir. (Carolina)

Eu tenho dificuldade pra ficar continuar na escola, porque... Ah, o cansaço né? Não é mais quando eu tava novinha. Porque eu trabalho de diarista, trabalho aqui, trabalho ali, aí quando eu chego, cansada, ainda tenho que lavar em casa, tenho que passar, cozinhar, tem que fazer todo serviço. Então você chega cansada, mas mesmo assim eu venho. Porque eu sei como é importante. (...) Que dê o que der, mas eu vou à luta. Todas as minhas dificuldades, a luta que eu tive que eu não estudava, porque não tinha quem tomasse conta de meus filhos. (Laudelina)

Menina, daqui da escola eu não gosto do atraso né? Nunca começa 7 horas, mas vai levando. Os professores incentiva, eles são ótimos. Teve essa daí que me decepcionou um pouquinho, mas já tá pra trás. (risos) São ótimos. Esse Manuel mesmo é EXCELENTE! Pense no professor! Ele é de Geografia. Sabe, ele se coloca no lugar de pai da gente, aconselha. Se ele pudesse abrir a mente da gente e colocar, é tanto que a gente sentiu falta dele esse ano. Ele agora tá numa outra turma. No início, pra me adaptar com a nova professora deu um pouquinho de trabalho, mas já me acostumei. Mas é excelente ele. Porque tem aqueles professores que se dedica realmente, que ensina por amor. Eles são mal pagos, mas tem muitos que não levam isso pra sala de aula. Eles vai mais por amor. (Creuza)

Jornada longa de trabalho, filhos e desorganização da escola foram as principais razões citadas pelas participantes que comprometem sua permanência na escola e também a qualidade dessa permanência. Creuza critica o descumprimento dos horários das aulas que começam atrasadas e a mudança de professores. Atrelando a crítica de Creuza à denúncia de Laudelina, podemos perceber o descaso da escola com os processos de aprendizagem das alunas e alunos, que tentam se adaptar à mudança de professores, de práxis pedagógica, de material escolar e atraso das aulas:

Quando você chega na 5ª e 6ª série você já tem que vir preparada pra poder aprender. Porque é os professores entrando e saindo. Você não escreve ainda corretamente, ainda tem dificuldade, a escrita ainda é lenta, aí duas séries juntas. Já pensou? Aí tem os horários do professor, você fica toda confusa. O professor nem saiu, você não terminou o dever e já tá entrando outro. E você não vai assimilar tudo tão rápido. Não tem condições. (...) (Nesse momento, passa o vice-diretor com o secretário carregando o novo material didático para ser distribuído no 2º semestre do ano letivo)Aí agora mesmo, ó pra aí. Vai tirar os livros e vai dar outro. Já tá mudando, já tá passando outro livro! Ainda não aprendemos quase nada com esse e já tá trocando. Quer dizer, fica difícil. Isso é uma verdadeira bagunça! (Laudelina)

As falas de Laudelina e Creuza alerta-nos para a matriz curricular da EJA especificamente da Escola Estadual Governador Roberto Santos. A Rede Estadual de Educação da Bahia vem implementando os Tempos Formativos como estrutura curricular da EJA, onde o currículo fechado das séries é descartado visando aprendizagens significativas e maior adequação às realidades dos sujeitos da EJA. De acordo com a Política Estadual da EJA na Bahia (2009), a Proposta Curricular dessa modalidade está organizada da seguinte forma:

- 1º Tempo Formativo: Aprender a Ser, contendo 03 Eixos Temáticos, com 01 ano de duração cada um (Identidade e Cultura; Cidadania e Trabalho; Saúde e Meio Ambiente).
- 2º Tempo: Aprender a Conviver, contendo 02 Eixos Temáticos, com 01 ano de duração cada um (Trabalho e Sociedade; Meio Ambiente e Movimentos Sociais).
- 3º Tempo: Aprender a Fazer, contendo 02 Eixos Temáticos, com 01 ano de duração cada um (Globalização, Cultura e Conhecimento; Economia Solidária e Empreendedorismo).

O intuito da “nova” matriz curricular da EJA é garantir que a formação dos sujeitos da EJA se aproxime dos referenciais da Educação Popular, a fim de construir uma educação que possibilite *a garantia do seu direito à educação básica, através do atendimento às especificidades de comunidades indígenas, quilombolas, negras, do campo, de periferias urbanas, de idosos e de pessoas privadas de liberdade.* (BAHIA, 2009, p. 22)

No momento da pesquisa, junho-julho de 2011, a Escola Estadual Governador Roberto Santos, *Robertinho*, ainda não havia implementado a nova proposta pedagógica da EJA, estando longe de efetivar a reversão da histórica negação de direitos vivenciada pelas trabalhadoras domésticas e pelos demais sujeitos da EJA.

A Proposta Pedagógica da EJA na Bahia já traz os requisitos para ajudar a escola e especialmente a EJA a avançar na promoção de uma educação emancipatória e efetivar a promoção da cidadania e ratifica o compromisso não apenas da escola, mas também e principalmente do Estado para com a Educação de Jovens e Adultos e consequentemente para com aquelas e aqueles a quem o Estado esqueceu e que tiveram negados direitos humanos básicos. *Garantir o princípio básico de que todo ser humano tem direito à formação na especificidade de seu tempo humano, assegurando-lhe outros direitos que favoreçam a permanência e a continuidade dos estudos* (2009, p.14) Esse é um dos compromissos do Estado com a Educação de Jovens e Adultos que vem demonstrar o quão distante a educação ainda se encontra do ideal para a mulher trabalhadora e homem trabalhador.

A práxis pedagógica da EJA promovida pela *Robertinho* contradizia não só a Proposta Pedagógica da EJA, (possivelmente, a escola não havia se organizado a tempo de implementar a proposta das salas de EJA), mas também a Educação Popular, que segundo Romão:

A Educação de Adultos se inscreve no universo da chamada “Educação Popular” e, como tal, tanto pode derivar de iniciativas estatais ou particulares, conservadoras ou transformadoras, porque sua substância e centralidade estão no atendimento das camadas populares. A visão dessa concepção está na constatação de que a finalidade – atendimento às camadas populares – gera [...] transformações estruturais no interior do sistema educacional e da instituição escolar. (2010, p. 54)

O acesso à educação, representada aqui pela escola, aparece, como foi visto nos relatos de Tereza, Carolina, Firmina, Creuza e Laudelina, como uma porta de entrada para a conquista de outros direitos básicos, como o trabalho, saúde, lazer, etc, o que contradiz a postura da escola na negligência com os próprios alunos e seus processos de aprendizagem. Mesmo assim, hoje as trabalhadoras domésticas cada vez mais vêm retornando à escola como um recurso para melhoria da qualidade de vida. O ensino público noturno, especialmente, na modalidade da Educação de Jovens e Adultos, acolhe milhares de trabalhadoras que buscam a conquista da cidadania, antes negada, através da escola. Por terem passado muito tempo no trabalho doméstico e longe da escola, em geral, as participantes demonstram que o sonho de uma *profissão melhor* está muito distante das suas realidades, mesmo assim, cada uma traz seu próprio sentido para permanecer na sala de aula, revelando a ***influência da escola para os projetos de vida:***

Ah, eu sonho ter outra profissão, assim. A depender de tudo assim, eu quero trabalhar em loja, em farmácia. Eu quero. Ah, lógico que eu quero passar no vestibular, fazer uma faculdade. Quem não sonha com isso?! (Tereza)

Passei direto, hoje eu tô fazendo a 8ª, pretendo levar a frente que eu pretendo sair de doméstica. Eu voltei pra estudar pra ter outra vida. Eu quero me formar e trabalhar em hospital. (risos) Não desisti, não. Quando eu chego no Hospital, todo mundo pensa que eu trabalho lá dentro. (risos). Qualquer coisa que me mandar trabalhar, eu trabalho. Como enfermeira, como ajudante, qualquer coisa, mas eu quero trabalhar ainda no hospital. (Firmina)

Voltei a estudar pra me formar e ter um trabalho melhor. Não tenho em vista outro trabalho, não, mas todo mundo sonha em ter uma profissão melhor. (...)Pro meu futuro, eu imagino uma coisa melhor, não como doméstica. (Carolina)

Não sei se vai dar pra ser advogada, não, mas tem outras coisas que eu desejo agora mais do que isso. Agora tenho outras coisas em mente. Ser advogada vai demorar muito. Quando eu chegar lá eu devo tá bem velhinha. (risos) Pro meu futuro... Pra escola, isso aí eu posso realizar: é escrever um livro falando das minhas experiências, da minha vida. Isso aí eu sei que mesmo velhinha eu sei que vou conseguir fazer. Ser advogada, eu não sei se vou chegar lá, não. Seria muito mais tempo e eu não sei se teria esse tempo todo. Não sei se vou ter mais saúde pra isso. Mas eu quero escrever um livro, nem que seja um gibizinho. (risos) Na escola? Eu quero aprender... Meu sonho é aprender a escrever corretamente. Aprender a escrever tudinho assim correto, é o meu sonho. (risos) Contar toda a minha história, sabe? Que eu não sei escrever correto. Eu vou escrever um livro. Vou falar tudo, toda a minha vida (risos). (Laudelina)

Eu já tô estudando não é nem mais com um objetivo de arranjar um trabalho melhor, porque já vou entrar nos 40, e infelizmente, hoje 40 anos o povo já acha que é velho, 40 anos já tá quase saindo da oportunidade de arranjar um emprego, infelizmente. Eu tô fazendo ainda a 7^a/8^a série, daqui que eu me forme, daqui..., então eu tô estudando mais pra me desenvolver mais, pra mente não ficar retardada. (...) Pro meu futuro, é continuar fazendo a vontade do meu Criador, que ele realmente reserva um futuro eterno pra gente. É isso: continuar fazendo a vontade dEle, concluir meus estudos, se surgir oportunidade de trabalho melhorzinho, bem vindo, senão, fazer meus cursozinhos trabalhando pra mim. Então hoje, a profissão tá sendo mais importante, claro que a gente não deve deixar de estudar. Quanto mais a gente estuda, mais a gente se desenvolve. Mas eu não tô estudando nem isso pensando em um emprego bom, hoje eu tô investindo nas meninas, pra que elas estude, pra que elas tenha uma vida diferente da da gente, que a mãe e o pai dela teve. (Creuza)

Excetuando Tereza, todas as participantes revelaram uma falta de expectativa de mudança de profissão. Até mesmo Firmina que falava convictamente que quer trabalhar em Hospital, no final da entrevista, desabafa que quer permanecer no trabalho doméstico, só quer mais um dia de folga.

Resgato aqui a afirmação de Arroyo de que a Educação de Jovens e Adultos não é mais puramente uma responsabilidade do governo em suas três esferas, mas também é responsabilidade dos movimentos sociais, da sociedade civil. Como os processos de exclusão social não são exclusivamente políticas de Estado, e partindo do pressuposto de que os sujeitos da Educação de Jovens e Adultos são aquelas e aqueles a quem a sociedade e o Estado excluíram, oprimiram, sonegaram direitos, devemos pensar na reparação da dívida

histórica por parte destas duas esferas, Estado e sociedade civil. Ainda que não seja uma bandeira de luta efetiva do Movimento Negro, as organizações negras já vêm lutando pela educação do negro, mas devem atentar-se mais especificamente à EJA, visto que esta modalidade agrega milhões de trabalhadores, pobres e negros e que precisam conhecer a história e cultura do negro para que se promova o reconhecimento de uma identidade positiva do negro.

É importante frisar que a educação não pode ser vista como a *galinha dos ovos de ouro*, único e exclusivo instrumento de transformação social, mas, como diria Paulo Freire, a educação deve estar a serviço desta transformação. Não cabe à educação a função de promover uma revolução social, mas cabe aos educadores e educandos utilizar a educação a favor da mudança. Durante muito tempo, a sociedade vem “responsabilizando” a educação tanto pelos problemas sociais quanto pelas mudanças necessárias para redução das mazelas. Entretanto, a educação é apenas uma parte integrante de um conjunto de fatores que tanto podem acirrar ou abrandar os problemas da sociedade. Freire, em suas experiências político-pedagógicas na Guiné-Bissau, fala da necessária mudança da percepção do papel social da educação, afirmando que, no processo de libertação do país, a educação fazia parte do projeto de sociedade e de sujeitos, ressaltando, era uma *parte* do projeto de sociedade, fazia parte do processo de transformação social:

A questão fundamental que se colocava, pois, não era a de se fazer a alfabetização de adultos por ela mesma ou a de fazê-la como se fosse ela, em si, um instrumento de transformação da realidade, mas a de pô-la a serviço, reinsista-se, da reconstrução nacional.” (1978, p.28)

Portanto, responsabilizar única e exclusivamente a educação pelas transformações necessárias é tão utópico quanto injusto. As trajetórias de vida dos sujeitos da EJA são marcadas, sim, pela negação da própria escola, mas também são marcadas por outros aspectos sociais que se intercalam com suas trajetórias escolares. Afinal de contas, nas histórias de vida dos sujeitos da EJA, em geral, e das trabalhadoras domésticas da EJA, em particular, a educação, ou melhor, a negação do direito à educação, é apenas uma parte que se liga a várias outras partes da vida dessas pessoas, como o trabalho, a família, a suas identidades pessoais e coletivas.

Voltando às experiências e aprendizagens de Freire na Guiné-Bissau, ressalto aqui a importância da função social da educação em geral, e da EJA, em particular. A Educação de Adultos deve ser articulada com outras esferas da sociedade, pois os processos formativos da educação do sujeito da EJA estão intrínsecos aos processos formativos de outras esferas de suas próprias vidas. Para Freire, pensamos em uma educação emancipatória para jovens e adultos:

Na medida em que jamais tomamos a alfabetização de adultos em si mesma, reduzindo-a a um puro aprendizado mecânico da leitura e da escrita, mas como um ato político, diretamente associado à produção, à saúde, ao sistema regular de ensino, ao projeto global de sociedade a ser concretizado. (1978, p.14)

É imprescindível lembrar que todo ato educativo é um ato político, cultural e social; a educação que a sociedade e o Estado concebem traz em si uma visão política do projeto social e do projeto de vida dos sujeitos. Então, nessa relação dialógica, político-pedagógica, os sujeitos da EJA devem ser, a priori, percebidos para além de suas trajetórias escolares interrompidas ou para além da negação de direitos. Os sujeitos da EJA não são apenas educandos, são também mulheres e homens, negros e negros, trabalhadoras domésticas, operários, chefes de família, indivíduos com uma diversidade de trajetórias e de sentidos que se intercalam com suas trajetórias escolares, demandando que a própria EJA fuja do isolamento nas práticas curriculares vivenciadas da sala de aula.

5 O PÔR DO SOL DA PESQUISA

(...) E se terá acabado com uma espécie de sequestro que, aos que temos sofrido, parece mentira ter aguentado tanto tempo.
Elvira Durán Majón

Acredito que a cada sol que vai, um novo dia surge. Então, apresento, nesse momento, as considerações finais a respeito da trajetória da pesquisa, dos estudos levantados, dos resultados encontrados, deixando em aberto questões que poderão suscitar novos estudos. As trabalhadoras domésticas entrevistadas deram respostas às perguntas e aos objetivos da pesquisa, mas também trouxeram novos questionamentos, criaram novas lacunas que serão analisadas/ preenchidas/respondidas, assim espero, em novas pesquisas.

Mudanças no decorrer da construção da pesquisa são comuns e legítimas. Muitas vezes, modificam-se os objetivos, a metodologia ou até o objeto de estudo. Comigo, não foi diferente. Na etapa de construção do projeto de pesquisa, o intuito do trabalho era perceber a função social da escola para as trabalhadoras domésticas e seus impactos nos caminhos profissionais. À medida que o levantamento bibliográfico foi evoluindo, especialmente os estudos referentes às trabalhadoras domésticas e a partir do contato com Creuza Maria Oliveira, atual presidente da FENATRAD (Federação Nacional das Trabalhadoras Domésticas), surgiu a necessidade de reformulação do objeto e, consequentemente, dos objetivos e questões, até mesmo do título da pesquisa.

Nesses estudos e contatos, percebi que os caminhos profissionais das trabalhadoras domésticas exercem grande influência nas suas trajetórias escolares, por isso, o objeto de estudo passou a dar igual enfoque à escola e ao trabalho. Essa mudança trouxe resultados significativos para a pesquisa, pois, nos discursos das trabalhadoras domésticas, geralmente a escola encontrava-se ofuscada pelos caminhos profissionais, que ganham protagonismo em grande parte das suas narrativas. É forçoso evidenciar que a análise da mulher no mercado de trabalho nessa pesquisa tomou dimensão muito maior do que se esperava, mesmo com as mudanças ocorridas durante a elaboração do projeto. As expectativas tendiam a perceber,

principalmente, os processos formativos referentes à escolarização das participantes, porém em todos os relatos, sempre o trabalho ganhou muito mais notoriedade do que a escola. Isso é um reflexo do lugar do trabalho na vida dessas mulheres, onde a escola sempre teve um papel secundário diante da necessidade de trabalhar para sobreviver e garantir um futuro melhor a seus descendentes. Além disso, é preciso discutir a participação da mulher trabalhadora, mostrando que o mercado de trabalho representa um espaço regulador de aspirações e de mobilidade social onde as desigualdades atingem absurdamente as trabalhadoras domésticas.

As trabalhadoras domésticas vivenciaram diversas experiências que marcaram suas trajetórias na escola e no trabalho. A pobreza, a necessidade de sustentar a família, a falta de escolaridade e a naturalização das atividades domésticas como femininas são fortes fatores que encaminharam Tereza, Firmina, Laudelina, Carolina e Creuza para o trabalho doméstico na infância ou adolescência. Carolina, Firmina e Creuza são oriundas das regiões rurais de Castro Alves, Serrinha e Nova Redenção, e já trabalhavam ainda antes na lavoura ou nas feiras para ajudar na subsistência familiar. A prática da exploração da mão de obra de meninas, oriundas de pequenas regiões, no trabalho doméstico, vem diminuindo, mas ainda é realidade comum nas grandes cidades.

Com poucas expectativas para o futuro, elas vieram para Salvador com esperanças de um futuro melhor, sob promessas de uma vida digna, com alimentação, roupa, acesso à escola etc., mas se depararam com uma realidade mais difícil, permeada de exploração e subalternidade. Como elas demonstraram, a precocidade e a precariedade do trabalho doméstico caminham juntas.

Laudelina e Tereza, já nascidas em Salvador, não tiveram experiências de trabalho, ainda que no âmbito familiar, antes da entrada no trabalho doméstico. Mas a necessidade de trabalhar surge logo cedo em suas vidas, principalmente, no caso de Laudelina, cuja violência doméstica sofrida, a falta de afetividade em casa e na escola, a fome foram grandes fatores que marcaram sua história de vida.

Para fugir das condições de pobreza, para se autossustentarem, colaborarem com a renda familiar e/ou fugirem das opressões por parte do pai, essas mulheres encontram o trabalho doméstico como principal porta de entrada no mercado de trabalho.

Uma das grandes preocupações na análise das histórias de vida das participantes da pesquisa foi a de reconhecer o trabalho doméstico como uma profissão que merece respeito, dignidade e relevância histórica e social. Os relatos de opressão vivenciados por elas no trabalho doméstico podem levar a interpretações errôneas dos leitores e leituras, mas, sobretudo, da própria pesquisadora. Houve momentos em que tive dificuldades em perceber que as opressões não fazem parte da natureza do trabalho doméstico, mas as relações sociais que se constroem em torno dessa categoria estão permeadas de ideologias opressoras contra as mulheres, negras e pobres. Então, pontuo aqui o meu posicionamento de distinção entre o trabalho doméstico e as opressões nas vidas dos sujeitos da pesquisa, tratando-se de uma profissão digna e que merece muito mais reconhecimento e mais direitos conquistados.

Os estudos levantados aqui buscaram evidenciar que as mulheres negras encontram-se no mercado de trabalho há séculos, tendo o trabalho doméstico como uma das suas principais ocupações, entretanto, a profissão e os sujeitos que nele atuam só adquirem visibilidade e reconhecimento no mundo científico muito tardiamente. Com intuito de analisar os dados registrados do trabalho doméstico negro feminino, foram identificados relevantes estudos sobre gênero no mundo do trabalho, os quais apontaram que as desigualdades são mais acentuadas para o público feminino, especialmente devido à falta de regulamentação do mundo do trabalho, onde os empregos tornam-se mais precários, as leis trabalhistas tornam-se mais fragilizadas.

Esses estudos contribuíram significativamente para o fortalecimento das empregadas domésticas enquanto classe trabalhadora. Destarte, os debates referentes às questões de classe deram início a um longo processo de reconhecimento das empregadas domésticas, enquanto classe trabalhadora. Perceber-se – e percebê-las – enquanto classe trabalhadora implica sair – e tirá-las – do lugar imaginário natural de mulher negra/empregada doméstica.

Busquei demonstrar, portanto, que a realidade da mulher no mundo do trabalho retratada, em geral, nesses estudos se difere da realidade da mulher negra que atuava no mercado de trabalho, seja como vendedora ambulante, monopolizando o comércio na Bahia ou como trabalhadora doméstica. Os conflitos entre maternidade e trabalho que passaram a ser objeto de estudo, já eram vivenciados há longo tempo pelas trabalhadoras negras, que não obtinham ajuda da sociedade para deixar seus filhos para que pudessem trabalhar, ora ficando

privadas do contato e cuidado dos filhos, ora levando os filhos para os locais insalubres de trabalho.

Ainda hoje, através dos relatos das participantes da pesquisa, pudemos ver o conflito entre trabalho x filhos e filhos x escola por elas vivenciados, o que retrata o desamparo por parte da sociedade e do Estado com a educação e o cuidado dos filhos de mulheres de camadas populares para que possam exercer seu direito de estudar e sua necessidade de trabalhar.

A relação entre classe e gênero, de fato, é muito evidente nos relatos das trabalhadoras domésticas, trazendo a patroa e não o patrão – geralmente visto como a figura central da família – como indivíduo opressor da trabalhadora doméstica. Os aspectos e conflitos raciais, por sua vez, ficam pouco evidentes nos seus discursos, mas não significa que eles não tenham aparecido em diversos momentos nas suas vidas. Partindo da ideia de que o racismo revela-se através de um conjunto de forças que repele a população negra e, em especial, as mulheres negras, para os lugares com menor prestígio social e maior insegurança social, violência e baixa remuneração, fica, então, impossível negar os efeitos do racismo nas histórias de vida dessas mulheres.

Em contrapartida, os debates em torno das temáticas de raça também vêm ganhando cada vez mais espaço e reconhecimento dentro desses estudos, visto que é inviável analisar a questão feminina, especialmente no Brasil e principalmente no mercado de trabalho, sem o reconhecimento da tríade (raça, classe e gênero).

Daí a importância do reconhecimento da tríade raça/gênero/classe, tanto para perceber os efeitos das opressões de raça, gênero e classe nas trajetórias das mulheres negras e especificamente das trabalhadoras domésticas, quanto para entender as formas de afirmação e resistência de mulheres, negras, trabalhadoras domésticas, chefes de família.

Além dos aportes teóricos, busquei respaldo através de dados oficiais com intuito de mostrar que as mulheres negras se encontram em maior desvantagem se concentram em atividades ocupacionais com maior nível de insegurança social, precarização e baixa remuneração; o trabalho doméstico destaca-se entre essas ocupações.

A partir de uma legislação tardia e diferenciada dos demais trabalhadores, as trabalhadoras domésticas representam ainda um grande contingente na informalidade e têm

definido um rosto comum: mulheres, pobres, negras, com pouca escolarização. A pouca escolaridade geralmente é uma consequência da priorização do trabalho para sustento familiar, implicando no abandono dos estudos, como foi visto nas trajetórias das atoras da pesquisa.

Acredito que devido à naturalização do trabalho doméstico como uma atividade feminina, trabalhadoras domésticas como Firmina e Carolina não denunciam a perversidade do trabalho doméstico infantil, quando são privadas do acesso à escola, do contato com a família, da seguridade social ou de qualquer tipo de remuneração que diferencie o trabalho doméstico do trabalho escravo, como apontou Creuza . Excetuando Tereza, que está apenas começando no trabalho doméstico, as demais participantes têm uma longa jornada de trabalho, porém pouca cobertura previdenciária devido aos direitos trabalhistas sonegados, o que nos lembra que as mulheres pobres e negras chegam mais cedo ao mercado de trabalho, especialmente informal, e permanecem mais tempo nele pela falta de condições para se aposentar.

Imagino que assim como algumas participantes não denunciam ou não percebem a exploração da sua mão de obra, devido à naturalização do trabalho doméstico, a naturalização do racismo e machismo deve atingi-las da mesma forma. As humilhações vividas, as privações impostas, a liberdade, infância e juventude perdidas, estupros sofridos, são exemplos claros, pelo menos, para mim, de como o racismo atinge os lugares socialmente demarcados como lugar de mulher negra. Mulheres negras que passaram a maior parte do tempo de suas vidas trabalhando, mais do que exercendo ou participando de outras atividades.

Tereza entrou no mercado de trabalho num contexto de maiores conquistas e efetivação de direitos para as trabalhadoras domésticas, o que diferencia sua trajetória profissional das demais participantes. Todas as outras ingressaram no trabalho doméstico como mensalistas residentes e passaram anos trabalhando para depois se tornarem mensalistas externas, como se fosse uma conquista da liberdade e de uma vida própria. Tereza é mensalista externa, assim como Firmina, mas essa última está trabalhando com carteira assinada, com direitos garantidos, exceto o pagamento de 1/3 das férias garantido por lei desde 2006. Todas as outras preferiram partir para a condição de diarista e negociaram o

pagamento do INSS com uma das patroas, excetuando Creuza que não sabe como irá se aposentar. Ela e Laudelina nunca trabalharam com registro na carteira.

Na verdade, o futuro é incerto para todas elas. A naturalização da negação de direitos do trabalho doméstico faz com que as trabalhadoras sejam exploradas durante todo seu percurso no mercado de trabalho, ou em grande parte dele. Além disso, as relações de afetividade e troca de favores entre patroa e empregada, dão mais margem para essa sonegação. O trabalho doméstico ainda é visto apenas como uma ajuda recíproca entre patroa e empregada, o que facilita a exploração da mão de obra das trabalhadoras domésticas e resultam quase sempre uma longa trajetória de trabalho com pouca ou quase nenhuma cobertura previdenciária.

Esperava encontrar nos relatos das trabalhadoras uma maior identificação racial, já que todas elas se definiram como negras. Mesmo quando sabemos que, na pesquisa, podemos encontrar aspectos não esperados, e não encontrar o que estávamos esperando, o silêncio quanto à questão racial foi inesperado. Inesperado, porque o que eu ouvia nas suas histórias, eram denúncias de discriminações, onde a cor, assim como o sexo e a classe social dessas mulheres estiveram presentes em todos os casos de violência, fome, exploração, abusos, escravidão e até no descaso da escola com seus processos de aprendizagem. Não se confunda, porém, o silêncio com a inexistência da opressão. Muitas vezes, o silêncio é a próprio efeito da naturalização das opressões na vida dessas mulheres.

Para fugir da tripla discriminação que ainda as oprime, as trabalhadoras domésticas reconhecem a importância da escolarização para a conquista de um lugar menos subalternizado no mercado de trabalho, mas demonstram que essa não é a principal razão delas para retornarem aos estudos. Porém, também não demonstram a vontade de permanecer no trabalho doméstico por gostar da profissão e desejar o fortalecimento da categoria, mas sim por não terem muitas expectativas de concretização de sonhos. Seus sonhos concretizam-se através dos filhos, e principalmente, das filhas que vivem hoje em condições muito diferentes das condições vividas por elas antigamente. Poder dar oportunidade e privilégio às (aos) filhas(os) de estudarem, sem precisar trabalhar, é a maior conquista de suas lutas. É preciso reconhecer legitimidade dos diversos significados que cada uma atribui a esse retorno, mas dentro dessa diversidade de sentidos, é notável o desejo pela emancipação. *Abrir a mente e*

andar com as próprias pernas são legítimos objetivos para o retorno e permanência na sala de aula.

As trabalhadoras domésticas demonstraram ainda que o trabalho doméstico está diretamente relacionado com as idas e vindas à escola. Creuza e Carolina, mesmo antes da entrada no trabalho doméstico, já encontravam obstáculos para a permanência na escola quando tinham que trabalhar na lavoura da família. No caso de Laudelina, a pobreza, a falta de assistência e afeto familiar, e o desprezo da escola com sua condição de órfã e pobre, exerceram grande influência para o seu afastamento dos bancos escolares. A família também é apontada como uma das causas para a interrupção dos estudos, seja pelos pais que as obrigaram a trabalhar, seja pela chegada dos filhos que não tinham com quem deixar. É imprescindível considerar que a escola sempre perde espaço para o trabalho; com a chegada dos filhos, as trabalhadoras domésticas conseguem ajuda familiar para cuidar das crianças para poderem trabalhar, mas não, para poder estudar. Essa constatação veio ratificar a dimensão que a análise sobre o trabalho tomou nesse estudo.

Apesar do afastamento da escola, muitas trabalhadoras domésticas regressam aos bancos escolares e é nesse retorno que se insere a EJA na vida dessas mulheres. As trabalhadoras domésticas frequentemente são maioria nessas turmas. As atoras da pesquisa apresentaram-nos uma diversidade de razões, desejos e sentidos através do seu retorno à escola, já na fase adulta. Para algumas, este retorno visa uma melhoria de vida direcionada para um trabalho com mais prestígio social, como Tereza; para outras se configura como uma oportunidade para ampliar a qualificação profissional, como Firmina, Carolina; já Laudelina pretende permanecer na profissão fortalecendo a categoria, como Laudelina; enquanto Creuza não espera que a escola possibilite um trabalho de maior prestígio social, mas busca uma maior leitura do mundo e da palavra. Enfim, o retorno à escola está sempre associado com suas expectativas futuras no âmbito profissional ou pessoal. Essas mulheres demonstraram que sempre tiveram sonhos de ter seguido outros caminhos profissionais. No final das contas, todas elas revelam desejos de ter um *trabalho melhor*: ser advogada, enfermeira, trabalhar em loja ou hospital, ter um salão de beleza, são caminhos que as atoras da pesquisa desejariam traçar, mas que dificilmente irão realizar, segundo elas próprias. Por isso, a razão do termo *(des)caminhos profissionais* no título desse trabalho; são possibilidades, mas muito distantes

de serem concretizadas, embora não impossíveis. Por enquanto, elas seguem caminhos, não pelos desejados e sonhados, mas pelos caminhos que as desigualdades demarcaram.

Mesmo assim, ora frustradas, ora esperançosas, as participantes trouxeram a diversidade de sentidos atribuídos ao retorno à escola. Para Tereza, aos 22 anos, a concretização do sonho de um *trabalho melhor* está mais perto do que para Laudelina, aproximando-se dos 50 anos. Então, em alguns casos, o retorno à escola visando uma mudança para outras profissões não se mostra como principal objetivo, mesmo para Creuza que, aos poucos vinha saído do trabalho doméstico, criando condições para trabalhar por conta própria. Creuza alega ter retornado à sala de aula principalmente por uma realização pessoal, para aprender mais, *não ficar com a mente parada*, mas não coloca a escola como mola propulsora para uma profissão com maior prestígio social. Laudelina e Carolina também demonstram que já não há mais tempo para começar outro trabalho e que retornaram à escola para aprender a ler e escrever, ter autonomia, contar sua própria história. Firmina não vincula o retorno à escola com a vontade de ter outra profissão e a fala do desejo de trabalhar em um hospital, como o sonho *que não deu certo*.

A Educação de Jovens e Adultos deve acolher esses sujeitos e sua diversidade de sentidos, significados e objetivos de vida. Em 2009, foi lançada a Proposta Pedagógica da EJA, na Bahia, que traz um novo formato de educação para atender às demandas dos sujeitos da EJA, reconhecendo suas especificidades, seus saberes e suas dificuldades, desconstruindo os currículos fechados e abrindo espaço para uma pedagogia crítica que possibilite a emancipação dos sujeitos. A Escola Governador Roberto Santos, no momento da pesquisa, ainda não havia se adequado à matriz organizacional da EJA e conseqüentemente, oferecendo às(aos) educandas(os) um ensino fechado e conteudista, com horários de aulas e práticas curriculares incompatíveis às suas necessidades.

A EJA traz um resgate da identidade do sujeito para além de suas trajetórias escolares fragmentadas. Reconhecem, portanto, os demais aspectos que compõem seu universo cultural: religião, cor/raça, família, trabalho. Os sujeitos da EJA, pelo menos no Brasil, e principalmente na Bahia, são negros, são mulheres, são também trabalhadoras domésticas e precisam ter o direito de uma educação provedora de cidadania.

É importante lembrar que, descortinando uma prática pedagógica, há sempre um projeto de educação e de sujeito. O descompromisso da escola com a implementação da nova organização da EJA, não apenas por se tratar de uma política pública, mas principalmente por se tratar de uma nova concepção de *sujeito da EJA* e de *educação da EJA*, é mais um descaso da sociedade e do Estado para com aquelas(es) que passaram a vida tentando alcançar cidadania e dignidade e que buscam isso, acima de tudo, agora, na sala de aula.

A qualificação da Educação Popular, da Educação de Jovens e Adultos é um passo importante a ser dado pelo Estado, pela sociedade e pela escola para a conquista/resgate/fortalecimento da cidadania das trabalhadoras domésticas. Cidadania que implica em uma vida sem privações, com direitos conquistados e efetivados, acesso à escola, à seguridade social, a uma vida de trabalho sem explorações.

É imprescindível alertar que o trabalho doméstico é demonstrado muitas vezes como uma profissão inferiorizada e inferiorizante, porém se trata de uma profissão digna, com uma história de milhares de mulheres, mulheres negras, que venceram e ainda vencem opressões, derrubam barreiras e resistem aos obstáculos diariamente. E, graças ao esforço do trabalho, podem dizer que conseguiram tornar a vida melhor hoje em dia. Se o trabalho doméstico é demonstrado como uma ocupação subalterna isso se deve devido ao que a sociedade e o Estado fizeram e ainda fazem dele.

De um lado, a sonegação de direitos, as humilhações e discriminações, privações de liberdade e de laços de parentesco, de acesso à escola, pelos patrões e, principalmente, pelas patroas; do outro, a negação e a sonegação de direitos, do acesso à escola (visto que a escolarização reflete em alguma forma de emancipação para as trabalhadoras domésticas), a diferenciação das trabalhadoras domésticas dos demais trabalhadores, a lentidão para igualar os benefícios previdenciários e direitos trabalhistas do trabalho doméstico às demais profissões, são parte das responsabilidades do Estado e da sociedade diante da visão de subalternidade do trabalho doméstico.

São especificidades e ao mesmo tempo, um rosto comum, que devem ganhar protagonismo nos estudos e pesquisas referentes à mulher. As histórias dessas mulheres vêm ratificar e elucidar diversas questões apontadas por esses estudos e vão além, chamando atenção para novas demandas. Novas demandas para os estudos e bandeiras de luta

feministas, velhas para as histórias de opressão e negação das trabalhadoras domésticas contadas todos os dias nas nossas casas, cozinhas e áreas de serviço; só precisamos escutar.

Laudelina, Creuza , Tereza, Carolina e Firmina mostraram-nos suas histórias, abriram as portas de suas vidas e nos permitiram enxergar o pôr do sol de suas casas. Contaram trajetórias marcadas por duros caminhos, mas sempre ressaltam o poder da superação. A casa própria, ou até outra casa no interior, as(os) filhas(os) com uma vida diferente da que elas tiveram, os momentos de lazer. Tudo isso foram conquistas através do esforço, da busca por melhores condições que as levaram a sair de casa e, depois, a sair da casa dos outros. Depois de décadas, anos a fio trabalhando muito e ganhando pouco, superaram grandes barreiras e hoje em dia podem dizer o quanto a vida melhorou, mas sabem que ainda há muito que mudar.

Espero que a leitora e o leitor tenham se debruçado nas janelas da vida dessas mulheres, apreciado a beleza do crepúsculo, compreendido outras realidades a partir da porta da casa das trabalhadoras domésticas.

Humildemente, peço licença para encerrar, somente aqui, a contemplação do pôr do sol da vida das trabalhadoras domésticas participantes da pesquisa, sabendo que o sol de suas vidas brilha sempre, todos os dias.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 2ª ed. Rio de Janeiro, FGV, 2004.
- ARROYO, Miguel González. Educação de Jovens-adultos: um campo de direitos e responsabilidade pública. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia; GOMES, Nilma Lino (orgs). **Diálogos na Educação de Jovens e Adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- ATAIDE, Yara Dulce Bandeira de. **Clamor do presente**: história oral de famílias em busca da cidadania. São Paulo: Loyola, 2002, 277 p.
- ÁVILA, Rebeca Contrera. **Trajetórias e estratégias escolares de mulheres de camadas populares que vivenciam uma tríplice jornada diária**: trabalho remunerado, trabalho doméstico e estudos. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal São João del-Rey, 2010.
- BAHIA. Secretaria de Educação do Estado da Bahia. **Política da Educação de Jovens e Adultos da Rede Estadual**. Salvador, 2009.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2002.
- BARRETO. Trabalho na Casa e Trabalho na Rua. In: CASTRO; BARRETO (orgs.) **Trabalho e desigualdades raciais – negros e brancos no mercado de trabalho em Salvador**. São Paulo: Annablume, A cor da Bahia, 1998a.
- BARRETO, Vanda Sá. Entre o Trabalho Precário e o Desemprego. In: CASTRO; BARRETO (orgs.) **Trabalho e desigualdades raciais – negros e brancos no mercado de trabalho em Salvador**. São Paulo: Annablume, A cor da Bahia, 1998b.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. São Paulo: Círculo do Livro S.A., 1949.
- BRITES, Jurema. Afeto e desigualdade: gênero, geração e classe entre empregadas domésticas e seus empregadores. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 29, p.91-109, jul-dez., 2007,.
- BRITO, Benilda Regina Paiva de. Mulher Negra e Pobre: a tripla discriminação. **Teoria e Debate**, Belo Horizonte, n. 36, p.19 – 23, out/nov/dez, 1997.
- BRASIL. **Documento Base Nacional Preparatório à VI CONFINTEA**. Brasília. MEC, 2008.
- DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua**: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICAS E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS. **Os negros no mercado de trabalho e acesso ao sistema público de emprego, trabalho e renda**. Novembro, 2010. Disponível em <http://www.dieese.org.br/areaAssinante/esp/estudos_negro.xml>. Acesso em: 22.02.2011.

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS. **Incentivo à Formalização do Emprego Doméstico**. Nota Técnica, n 25, jun 2006. Disponível em <<http://www.dieese.org.br/notatecnica/notatec25empregoDomestico.pdf>> Acesso em 19.08.2008.

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS. Escolaridade e Trabalho: desafios para a população negra nos mercados de trabalho metropolitanos. **Estudos e Pesquisas**. Ano 3. n 37. nov. 2007.

DI PIERRO, M. C.; JOIA, O; RIBEIRO; V. M. Visões da Educação de Jovens e Adultos no Brasil. **Cadernos Cedes**, ano XXI, nº 55, novembro/2001. pp. 58-77.

FACEIRA, Lobelia da Silva. Educação: uma alternativa para a superação da pobreza? In: **Universidade e Sociedade**. Intelectuais Militantes dos 20 anos do Movimento Docente. Ano X, n 23. Fev. 2001, p. 165-172.

FERNANDES, Florestan. Aspectos da Educação na Sociedade Tupinambá. 1964. In: SHADEN, Egon. **Leituras de Etnologia Brasileira**. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1976. p. 63-86.

FRANÇOIS, Etienne. A fecundidade da História Oral. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs). **Usos & Abusos da História Oral**. p.03-13. São Paulo, FGV Editora, 1996.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Guiné-Bissau**: registros de uma experiência em processo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1ª ed. Rio de Janeiro, LTC, 2008.

GOMES, Nilma Lino. Educação de Jovens e Adultos e questão racial: algumas reflexões iniciais. In: SOARES, Leônicio; GIOVANETTI, Maria Amélia; GOMES, Nilma Lino (orgs). **Diálogos na Educação de Jovens e Adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

HASENBALG, Carlos. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2005.

HOLANDA, Heloísa Buarque de; CAPELATO, Maria Helena Rolim (orgs.). **Relações de Gênero e Diversidades Culturais nas Américas**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura; São Paulo: EDUSP, 1999.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Algumas das principais características dos Trabalhadores Domésticos vis a vis a População Ocupada**. 2010. Disponível em <www.ibge.gov.br>. Acesso em 17.03.2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **As Características do Trabalho Doméstico Remunerado nos Mercados de Trabalho Metropolitanos**. Pesquisa Mensal de Emprego, 2010. Disponível em <www.ibge.gov.br>. Acesso em 28.09.2010.

INSTITUTO OBSERVATÓRIO SOCIAL. A mulher no mercado de trabalho. **EM Revista**, ano 2, n. 5, Florianópolis, 2004.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis, Vozes, 2002.

LAHON, Didier. Violência do Estado, Violência Privada: O Verbo e o Gesto no Caso Português. In: FLORENTINO, Manolo; MACHADO, Cacilda (orgs). **Ensaio sobre a Escravidão (I)**. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2003.

LUBISCO, N. M. L.; VIEIRA, S. C.; SANTANA, I. V.. **Manual de estilo acadêmico: monografias, dissertações e teses**. 4ª ed.- Salvador, 2008.

MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. **História Oral: como fazer, como pensar**. Editora Contexto, São Paulo, 2007.

MENEZES, Cristina Souza de. **A participação feminina em turmas da Educação de Jovens e Adultos**. V Colóquio Internacional Paulo Freire – Recife, set. 2005.

MENEZES, Jaci Maria Ferraz de. Educação e cor de pele na Bahia. **Cadernos NEPRE**, v. 04, p. 07-34, 2006.

MOTA, Kátia M. Santos. A linguagem da vida, a linguagem da escola: inclusão ou exclusão? (uma breve reflexão lingüística para não lingüistas). In: **Revista Educação e Contemporaneidade**, FAEEBA, Salvador, v. 11, p. 13-26, jan/jun 2002 .

MOTA, Kátia M. S.; SOUZA, J. F. O silêncio é de ouro e a palavra é de prata? Considerações acerca do espaço da oralidade em educação de jovens e adultos. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, n. 36, Campinas, SP: Editora Autores Associados, se./dez. 2007, pp. 505-514.

MOTTA, Alda Britto da. Emprego Doméstico: revendo o novo. **Cadernos CRH**, n. 16, p. 31-49, jan/jun, 1992.

MOTTA, Alda Britto da; AZEVEDO, Eulália Lima; GOMES, Márcia Queiroz de Carvalho (orgs). **Reparando a falta: dinâmica de gênero em perspectiva geracional**. Salvador, UFBA / Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a mulher, 2005. 216 p.

NEVES, Firmina Carmen de Andrade. **Inserção precoce de mulheres pobres no trabalho doméstico: um estudo de trajetórias**. 230 f.Tese (Doutorado em Serviço Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

NOGUEIRA, Cláudia Mazzei. **A feminização no mundo do trabalho: entre a emancipação e a precarização**. Campinas, Autores Associados, 2004.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer: projetos, relatórios, monografias, dissertações e teses**. Recife: Edições Bagaço, 2003.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. **O Trabalho Doméstico Remunerado na América Latina: Um trabalho decente para as trabalhadoras domésticas do Continente**. Escritório do Brasil. 2010. Disponível em <www.oitbrasil.org.br>. Acessado em 17/04/2011.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. **Trabalho Doméstico no Brasil: rumo ao reconhecimento institucional**. Escritório no Brasil, Brasília, 2010. Disponível em <www.oitbrasil.org.br>. Acessado em 17/04/2011.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. **Mais Trabalho Decente para Trabalhadoras e Trabalhadores Domésticos no Brasil**. Escritório no Brasil, Brasília. Disponível em <www.oitbrasil.org.br>. Acessado em 14/12/2010.

PAIXÃO, Marcelo. **Desenvolvimento Humano e Relações Raciais**. Rio de Janeiro, DP&A, 2003.

PASSOS, Joana Célia. **A Educação de Jovens e Adultos e a Promoção da Igualdade Racial no Brasil**. Pernambuco, [2011]. Disponível em: http://www.ufpe.br/cead/estudosepesquisa/textos/joana_celia2.pdf. Acesso em: 21.10.2011.

PEREIRA, Maria da Conceição. O cotidiano de estudantes negros e mestiços no turno noturno: um estudo de caso de uma escola pública de Salvador. In: **Educação e os afro-brasileiros: trajetórias, identidades e alternativas**. Novos Toques – Programa A Cor da Bahia. Salvador, 1997.

QUEIROZ, Delcele Mascarenhas.. Para além da cozinha de branco: o significado da educação para a mulher negra. In: Silva, Ana Célia da.; Boaventura M.. (orgs.). **O Terreiro, a Quadra e a Roda**. Salvador, Programa de Pós-Graduação em Educação da UFBA, 2004.

QUEIROZ, Delcele Mascarenhas. Mulheres Negras, Educação e Mercado de Trabalho. In: **Consejo Latino Americano de Ciencias Sociales**. Disponível em <bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/brasil/pesqui/delcele.rtf> Acesso em 13.12.2007.

REIS, João José. De olho no canto: trabalho de rua na Bahia na véspera da abolição. In: **Revista Afro-Ásia**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais/UFBA, 2000.

RESENDE, Patrícia Cappuccio de. **Modos de participação de empregadas domésticas nas culturas do escrito**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.

ROMÃO, José E. Educação de Jovens e Adultos: problemas e perspectivas. In: GADOTTI, M; ROMÃO, J. E. **Educação de Jovens e Adultos: teoria, prática e proposta**. 11. ed.. São Paulo, Ed. Cortez, Instituto Paulo Freire, 2010.

SABÓIA, Ana Lúcia. **As meninas empregadas domésticas: uma caracterização socioeconômica**. Organização Internacional do Trabalho. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, Rio de Janeiro, 2000.

SANCHES, Maria Aparecida Prazeres. Fogões, Pratos e Padeiras: poderes, práticas e relações de trabalho doméstico em Salvador 1900/1950. Mestrado em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 1998.

SANTOS, Martha Maria Rocha dos. Igualdade de Gênero, Diferença de Cor: a trajetória de duas chefes de família na Região Metropolitana de Salvador. In: CASTRO, Nadya Araujo; BARRETO, Vanda Sá (orgs.). **Trabalho e desigualdades raciais: negros e brancos no mercado de trabalho em Salvador**. São Paulo: Annablume, A cor da Bahia, 1998.

SCHUMAHER, Schuma; VITAL BRAZIL, Érico. **Mulheres Negras do Brasil**. Rio de Janeiro: SENAC Nacional, 2007.

SCOTT, Joan W. A mulher trabalhadora. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das mulheres no Ocidente**. Porto, Edições Afrontamento, vol. IV, 1994.

SCOTT, Joan W. **Gênero**: uma categoria útil para a análise histórica. Rio Grande do Norte: Rede Direitos Humanos e Cultura, 1995. Disponível em <http://www.dhnet.org.br/direitos/textos/generodh/gen_categoria.html> Acessado em 07.10.2010.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23ª ed. Editora Cortez, 2007.

SILVA, Ana Rita Santiago da. Literatura de autoria feminina negra: (des)silenciamentos e ressignificações. Fólio – **Revista de Letras**. Vitória da Conquista v. 2, n. 1 p. 20-37 jan./jun. 2010.

SOARES, Cecília C. Moreira. **Mulher Negra na Bahia no Século XIX**. Salvador, EDUNEB, 2006.

SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia; GOMES, Nilma Lino (orgs). **Diálogos na Educação de Jovens e Adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

TOPÁZIO, Joseane de Almeida. **Trabalhadoras Domésticas em um condomínio de Salvador: saberes e fazeres matemáticos em suas histórias de vida**. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade. Salvador, 2007.

VICENTE, Ana. As mulheres nos mundos de hoje. In: HOLANDA, Heloísa Buarque; CAPELATO, Maria Helena Rolim (orgs.). **Relações de Gênero e Diversidades Culturais nas Américas**. Rio de Janeiro, Expressão e Cultura; São Paulo, EDUSP, 1999.

ZÚÑIGA, Míriam. Educação de Adultos: um Espaço para o Desenvolvimento e Fortalecimento das Mulheres dos Setores Populares. In: **Anais do Encontro Latino-Americano sobre Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores**. Olinda, 1993.

ANEXOS

ANEXO A- Roteiro de Entrevistas

- Família:

Pais, irmãos, filhos, escolaridade dos membros familiares;

- Escola:

Entrada na escola, interrupções, os retornos, significados da escola e razões da volta à escola;

- Condições da permanência na escola:

Professores/colegas, obstáculos, aprendizagens;

- Trabalho:

Chegada ao trabalho, chegada ao trabalho doméstico, significados do trabalho doméstico e razões de entrada no trabalho doméstico;

- Condições de trabalho:

Proteção social, exploração, dificuldades ou facilidades na permanência

- Possíveis caminhos:

Projetos de vida escolar e profissional e perspectivas de estudo e trabalho para filhas e filhos.

ANEXO B - Questionário

QUESTIONÁRIO
Idade: _____
Cor/raça: ☐ Branca ☐ Preta ☐ Parda ☐ Índio ☐ Amarelo ☐ Outra _____
Ano/Série/Turma: _____
Natural de: ☐ Salvador ☐ Outra cidade: _____
Religião: _____
Há quantos anos freqüenta a escola? _____
Com que idade entrou na escola pela primeira vez? _____
Já interrompeu os estudos? ☐ Sim ☐ Não
Quantas vezes? _____
Se interrompeu, quanto tempo ficou longe da escola? _____
Atualmente, você está na escola há quanto tempo? _____
Com que idade estava quando começou a trabalhar como doméstica? _____

Anexo C - Análise dos Questionários

Análise dos questionários

Quantidade de turmas visitadas: 04

Séries: 5ª /6ª, 7ª/8ª

Total de questionários respondidos: 11

• Idade

A partir de 40 anos (idade máxima, 47) – 5

A partir de 30 anos (idade máxima, 39) – 4

A partir de 20 anos (idade mínima, 23) – 2

• Cor/Raça

Pretas – 06

Pardas – 03

Branca – 01

Amarela – 01

• Naturalidade

Salvador – 02

Outra cidade – 09 (Nova Redenção; São Gonçalo; Jacobina; Maragogipe [02]; Boa Vista; Castro Alves; Não declarou - 02

• Religião

Evangélica – 01

Testemunha de Jeová – 02

Batista – 01

Católica – 06

Não declarou – 01

• Interrupção dos estudos

Sim – 11	Não - 0
----------	---------

• Período de afastamento

≥10 anos e ≤19 - 04

≥ 20 anos – 05

≥30 anos – 02

• Retorno à escola

Há 4 anos – 06

Há 2 anos – 02

Há 3 anos – 01

Há 05 anos – 01

Há 6 anos – 01

• Idade de chegada no trabalho doméstico

≥10/≤15 – 07

≥16 / <19 – 02

≥20/ ≤23 – 02
